Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

KYSSIA RAFAELA ALMEIDA PINTO DA SILVA

CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS BRASILEIROS

CAMPINA GRANDE - PB
2012

KYSSIA RAFAELA ALMEIDA PINTO DA SILVA

CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, na área de Literatura e Estudos Interculturais, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva.

CAMPINA GRANDE - PB

2012

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586c Silva, Kyssia Rafaela Almeida Pinto da.

Configurações homoafetivas em romances juvenis brasileiros. [manuscrito] / Kyssia Rafaela Almeida Pinto da Silva. – 2012.

136 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2012.

"Orientação: Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise literária. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Homoafetividade. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

KYSSIA RAFAELA ALMEIDA PINTO DA SILVA

CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS BRASILEIROS

Aprovada em: 21 de maio de 2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva – UEPB
(Orientador)

Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo – UFT
(Examinador)

Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz – UEPB
(Examinadora)

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel – UEPB
(Examinador – Suplente)

AGRADECIMENTOS

Ao Professor, Orientador e Amigo Antônio de Pádua Dias da Silva, a quem aprendi a admirar, pela orientação firme, segura e sempre aberta ao diálogo; pelo amigo paciente e disponível que se mostrou ao longo desses anos de orientação; pelo mestre e companheiro de conversas; pelo exemplo de pessoa e profissional que me motiva; pelo pai atencioso, professor dedicado, amigo fiel, o meu mais sincero obrigada.

Aos demais professores do programa que contribuíram direta e indiretamente para o meu enriquecimento acadêmico e intelectual, através das disciplinas e discussões realizadas durante o curso e preparação desta dissertação, pelos questionamentos realizados ao longo das aulas, pelo inquietar acadêmico que me proporcionaram.

Aos alunos, colegas e amigos de curso, companheiros de pesquisa e orientação, em especial Helder e Rosevan, que seguiram a mesma linha de pesquisa, as mesmas dúvidas e angústias, sempre disponíveis ao auxílio imediato.

Ao grande amigo Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, meu anjo corcundo, coorientador deste trabalho, de generosidade desmedida, interlocutor brilhante, que me fez sempre seguir em frente não só na pesquisa, mas na vida; que me ensinou tantas coisas, que me motivou e se fez presente nos momentos mais importantes de minha vivência acadêmica, me aconselhando e me dando forças.

Aos meus pais, Luiz Carlos e Zoraide, e meu irmão José Carlos pelo amor e pela luz que dão à minha vida, pelo orgulho que sempre sentiram de mim e pela confiança depositada.

A Rafael, meu esposo; Caio e Guilherme, meus filhos, meus grandes amores, por estarem comigo, e fazerem parte de minha história, sem vocês minha vida não teria sentido.

E principalmente, a Deus, ser supremo, que me concedeu, inicialmente o dom da vida e a oportunidade de poder desenvolver tantas atividades e realizar tantos sonhos, dentre eles, o de realizar este trabalho.

Resumo

Esta dissertação versa sobre as configurações do sujeito homoafetivo nas obras literárias juvenis brasileiras: *O amor não escolhe sexo* (1997), de Giselda Laporta Nicolelis; *Menino ama menino* (2000), de Marilene Godinho; *Cartas marcadas* (2007), de Edson Gabriel e Antonio Gil Neto; e *O Diário de Rafinha – as duas faces de um amor* (2009), de Léo Dragone. O objetivo foi problematizar valores concernentes à questão da homoafetividade, atualizando a discussão no campo sociocultural pela narrativa de ficção. Embasados nas ideias de Foucault (1997); Silva (2007 e 2009); Facco (2009); Souza Junior (2002), discutiram-se questões teóricas e concepções críticas referentes à cultura, à identidade, ao preconceito e à tolerância, evidenciando os estereótipos culturais construídos ao longo do tempo que marginalizam e excluem grupos humanos considerados "anormais" na sociedade. Discutiu-se mais fortemente a (re)significação de estereótipos excludentes que vem sendo assimilado pelos sujeitos na contemporaneidade. Na análise dessas obras direcionamos o olhar para a identificação dos aspectos positivos da funcionalização dessa configuração na literatura juvenil enfocando especificamente a construção dos personagens nas narrativas. Concluímos, dessa forma, que, apesar dos conflitos pessoais e sociais experimentados pelos personagens, graças aos dilemas enfrentados mediante a conscientização de sua identidade sexual/afetivo, a construção textual das obras sugere que é possível realizar sonhos e conviver harmonicamente com a "diferença" em sociedade.

Palavras-chave: Literatura juvenil, homoafetividade, configurações.

Abstract

This dissertation presents a study on the gay subject on these Brazilian literature books for teens: *O amor não escolhe sexo* (1997), by Giselda Laporta Nicolelis; *Menino ama menino* (2000), by Marilene Godinho; *Cartas marcadas* (2007), by Edson Gabriel and Antonio Gil Neto; and *O Diário de Rafinha – as duas faces de um amor* (2009) by Léo Dragone, in order to problematize the values concerned to the homosexual relationships, by the update of the discussion in a socialcultural view through the narrative fiction. According to the theories of Foucault (1997); Silva (2007 and 2009); Facco (2009); Souza Junior (2002): theories and critical conceptions about culture, identity, prejudice and tolerance were discussed; putting into evidence the cultural stereotypes built along the time. These stereotypes marginalize and diminish people considered "abnormal" in society. This study intends to analyze the new point of view attributed by the contemporaneity to these excluded people. During the analysis of these books, there was a focus on the identification of the positive aspects from these characteristics on children literature. Thus, even the personal and social conflicts experienced by the characters due to the consciousness of their sexual identity; the metaphors from the texts suggest that it is possible to dreams come true and live with the "different" in society harmouniously.

Key-words: Teen literature, homosexuality, settings.

Sumário

Introdução 9

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 14

1.1– Das aporias de um tema à articulação de conceitos operacionais 14

1.2 Homofobia: a constante inferiorização do sujeito gay 28

1.3 - Primeira forma de abordagem da homoafetividade: viés temático 32

1.4 - Novos conceitos: Homoerotismo, Homossociabilidade, Homossexualidade, Homotextualidade, Homoafetividade 36

1.5 - Romance Juvenil – um gênero a ser estudado 42

1.6 - Construindo um cânone e uma tradição 44

1.7 - Pela constituição de um paradigma crítico - Da crítica literária à critica da cultura 47

CAPÍTULO 2 – AS CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS 49

2.1 - Personagens na literatura juvenil de temática homoafetiva 53

2.2 - *O amor não escolhe sexo* e a representação da homoafetividade 62

2.3 - *Cartas Marcadas*: escrevendo um sujeito 71

2.4 - *Diário de Rafinha* – entre a construção de uma identidade sexual e a moral de um sujeito 81

2.5 - *Menino ama menino* – o sujeito homoafetivo e as relações familiares 91

CAPÍTULO 3: O DIÁLOGO ENTRE OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS NARRATIVAS HOMOAFETIVAS 100

3.1 - O bilhete – rápidas revelações afetivas 103

3.2 - Epístolas – correspondentes afetivos de um sujeito 108

3.3 - Diário – a sempre presente confidencia autobiográfica 118

Algumas Considerações Finais 127

Referências Bibliográficas 133

Introdução

Com o passar dos tempos, as sociedades e os homens que as compõem mudam como a atender a um processo lógico, mas não tão linear, de causa e efeito (também nem sempre nessa relação direta). As várias mudanças observadas nas estruturas das sociedades "modernas" têm contribuído, segundo Hall (1997), para a descentração dos sujeitos do seu lugar sociocultural, supostamente estável, e de suas identidades construídas durante os séculos. Certas referências culturais como raça, classe, nacionalidade, sexualidade e gênero marcadas pelo que é "certo", pelo que é "bom" e "aceitável" para um determinado grupo social, aos poucos vão sendo substituídas por novos discursos, novas práticas e novos conhecimentos que desestabilizam os sujeitos e provocam o seu deslocamento, ora descontruindo esses antigos modelos, ora apontando para processos de construção de outras referências.

Diante deste intenso cenário de mudanças que se constroem diariamente nas sociedades modernas, assistimos às mais variadas transformações, seja no campo da ciência, seja no campo da tecnologia, da cultura, ou da sexualidade – que é o que particularmente nos interessa aqui. Para nós, torna-se ainda mais relevante destacar as nuances e categorizações que tal campo teórico adquire diante dos estudos literários.

Na década de 1990, uma profusão de obras ficcionais que tornava protagonista a condição homossexual passou sistematicamente a chegar ao leitor brasileiro. O fato da homoafetividade[1] estar no cerne dessas produções não pode ser visto como um fenômeno restrito, isto é, apesar de a efetiva solidificação de iniciativas editoriais que levaram sistematicamente ao grande público obras dessa natureza datarem da década de 90, é importante notar que, também naquele decênio, temáticas referentes a outros grupos minoritários tomaram corpo na esfera literária. Nesse sentido, a literatura que tematiza a homoafetividade faz parte "apenas"[2] de uma entre diversas vertentes que a face da pós-modernidade assume no Brasil: é a 'literatura das minorias', a qual encontra nichos específicos no mercado editorial.

[1] Uso o termo homoafetivo, introduzido pela Desembargadora Dra. Maria Berenice Dias, do Rio Grande do Sul, e que vem sendo cada vez mais utilizado, substituindo a palavra homossexual, por se tratar acima de tudo, de inclinação afetiva, e não apenas sexual, por outra pessoa do mesmo gênero. (lembramos que o termo gênero, na língua portuguesa, é, na maioria das vezes, definido pelo sexo da pessoa – masculino ou feminino).

[2] Destacamos o termo "apenas" por entender que a visibilidade dada a estas obras assim como aos sujeitos homoafetivos de um modo geral é, por si só, um fator relevante para a efetiva emancipação destes.

Segundo Souza Junior (2002), um dos problemas da busca de legitimação dos sujeitos homoafetivos, dar-se pelo medo de "negar-se" exageradamente, podendo-se assim dificultar ainda mais esse processo, numa espécie de distanciamento destes sujeitos em relação a outros grupos "minoritários":

> Negam-se tanto as abstrações, as generalizações e as identidades, que corremos o risco de negarmos a nós mesmos. Leo Barsini notou que nunca na História de grupos minoritários lutando por reconhecimento, houve uma tentativa semelhante, da parte de quaisquer grupos, de se tornar irreconhecível na medida mesmo em que exige reconhecimento. Trata-se de um paradoxo pertubador: "os membros mais articulados de uma minoria oprimida definiram a aceitação da visibilidade de sua comunidade como um reconhecimento de sua invisibilidade." (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 73,74).

No caso da literatura que tematiza a homoafetividade, vemos emergir, nos melhores casos, aquilo que Lugarinho denominou de "literatura de subjetivação", ou seja, textos nos quais a realidade abordada deixa de ser vista "de fora" e passa a apresentar a condição social do sujeito homoafetivo mais "claramente" os temas trabalhados, com um constructo literário que permite observar uma elaboração ficcional sustentada por uma "consistência a uma forma de compreender o mundo de maneira particular" (LUGARINHO, 2008, p.16)

Diversos pesquisadores/estudiosos vem se debruçando sobre estas discussões, (no Brasil, mais especificamente, a partir de 1980), em conexão com movimentos políticos e militantes que deram visibilidade a estes trabalhos, uma vez que cresce, internacionalmente, o número de pessoas que se dedicam à cultura, e intelectuais que se dedicam a estudar e apresentar na mídia, nas artes e nas universidades questões relacionadas ao sujeito gay. A temática também passa a se constituir como questão acadêmica, na medida em que, em algumas universidades e grupos de pesquisa, vem a ser discutida, especialmente com apoio nas teorizações do historiador francês Michel Foucault.

Para Mafessoli (1998), no que concerne aos estudos relacionados à sexualidade, é possível afirmar que:

> Isso quer dizer que ela está confinada nos domínios privativos desses locais especializados que são as universidades, os centros de pesquisa, desconectando-se cada vez mais da vida real no que esta tem de desordenado, efervescente, matizado, numa palavra, da vida que não se curva à regra, à lei, e que é vão pretender apreciar de um ponto *de* vista

> normativo, judicativo, ou pura e simplesmente, moralista. (MAFESSOLI, 1998, p. 179)

É importante destacar que esta visibilidade alcançada atualmente ainda é bastante limitada diante do longo caminho já percorrido por outras sociedades, quando se pensa mais especificamente no Brasil. Barcellos (2006) destaca o caráter embrionário desses estudos nas universidades brasileiras em comparação com o amplo desenvolvimento dos mesmos em vários países, sobretudo, nos Estados Unidos. Assim, mesmo com todos os avanços que podemos considerar, ainda se trata de uma quantidade limitada de estudos que se dedicam às questões de gênero/sexualidade nas universidades brasileiras.

As literaturas nacionais silenciaram por muito tempo vozes e pontos de vistas mais positivos sobre a homoafetividade e, só agora, na literatura de ficção sentiu-se a necessidade de trazer à tona esta discussão. Assim, aquilo que antes era visto como inadequado ao meio acadêmico, hoje já pode ser estudado em muitas universidades e se ganha perspectivas cada vez maiores com uma infinidade de cursos, encontros científicos e obras teóricas que discutem, diante das inúmeras possiblidades que o próprio objeto solicita: a pluralidade.

A problemática central de nosso trabalho é analisar, mediante as obras selecionadas como corpus de nosso trabalho o modo que os sujeitos homoafetivos são representados nas estórias construídas. Assim, o objetivo principal deste estudo é caracterizar a forma com que cada narrador apresenta as personagens masculinas, haja vista todos os personagens analisados serem jovens rapazes que amam outros homens. Tomamos como corpus de análise as obras: *O amor não escolhe sexo* (1997), de Giselda Laporta Nicolelis; *Menino ama menino* (2000), de Marilene Godinho; *Cartas Marcadas* (2007), de Edson Gabriel e Antonio Gil Neto; e *O Diário de Rafinha – as duas faces de um amor* (2009), de Léo Dragone, a fim de problematizar valores concernentes à questão da homoafetividade, atualizando a discussão no campo sociocultural pela narrativa de ficção.

Diante do objetivo principal, consideramos importante elencar outros, para o aprofundamento deste trabalho, assim como dos estudos relacionados à sexualidade. Consideramos relevante perceber como se processa a representação dos sujeitos homoafetivos nesta literatura, através das obras indicadas para analise; assim como identificar que elementos narrativos (personagens, espaço, narrador), presentes nesses

romances, contribuem para problematizar alteridades, observando-se a literatura juvenil que aborda a homoafetividade, entendida como espaço de construção e desconstrução simbólica do adolescente; se ela rejeita ou contribui para a manutenção dos estereótipos do padrão da heterossexualidade; e ainda discutir de que forma diversos gêneros textuais apresentados nas obras, a saber: o *bilhete*, a *carta* e o *diário*, dialogam com o gênero predominante, o romance, e colaboram para a construção dos enredos e das personagens, respectivamente.

Nosso trabalho tem como embasamento teórico central as contribuições vinculadas *aos estudos gays e lésbicos pela literatura*, uma vez que entendemos a homoafetividade como um discurso que se articula pelas práticas sociais. Desse modo, na esteira dos Estudos Culturais, compreendemos o objeto literário como um modo de expressão cultural de vozes que entram em confronto com a aparente hegemonia do discurso do sujeito tradicional. Para Compagnon: "Do ponto de vista da função, chega-se também a uma aporia: a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo." (COMPAGNON, 2006, p. 37)

Nosso trabalho está dividido basicamente em três capítulos. No primeiro deles, tratamos de alguns conceitos operacionais que são de grande relevância ao nosso estudo, assim como discutiremos alguns pontos teóricos, além de justificarmos o emprego de determinados termos, como homoafetividade, para a análise de obras infanto-juvenis. O segundo capítulo, por sua vez, é dedicado à analise das obras propriamente ditas, dos enredos e particularidades de cada narrativa, afim de perceber como se processa a configuração dos personagens nestas. E, no terceiro capítulo, relativo à análise dos gêneros textuais existentes nas obras, de modo a atender ao objetivo do trabalho, que é promover a reflexão sobre a representação do sujeito homoafetivo nas obras indicadas, e também, mostrar a influência de outros gêneros do discurso na formação da identidade dos protagonistas.

Quanto ao último capítulo, corresponde a conclusão, em que defendemos, com base nas obras analisadas, que a literatura juvenil de temática homoafetiva, apesar de apresentar as instituições socioculturais ainda contrárias à homoafetividade (em especial, as famílias), à representação do homoafetivo contribui para combatê-la e ajudar na (re)construção, positiva, da identidade deste indivíduo. Ela é útil também para mostrar que é possível viver as diferenças sexuais sem conflitos, se entendermos que a

representação desses conflitos no texto de ficção é uma forma de incitar o leitor quanto ao assunto tratado, fazendo-o refletir sobre as formas de interpretar o outro, projetando em seu cotidiano ideias que podem minimizar a exclusão do gay e da temática homoafetiva do convívio social.

Assim, pretendemos, ao longo deste trabalho, analisar as obras literárias selecionadas, que tematizaram o desejo gay (para nós), uma vez que só consideramos como pertencendo ao "gênero literatura homoafetiva" aquelas obras que tratam exclusivamente ou priorizam em seu enredo a fabulação em torno do desejo gay, da vivência ou experiência homossexual/homoafetiva, construída pela afirmação de personagens, seja pela elaboração da fábula num tempo e espaço em que a permissividade aos diferentes sexuais ou foi negada ou então, seguindo a lógica contemporânea, foi abraçada por grande parte da sociedade, promovendo-se, assim, o bem-estar de seus membros, consolidando, inclusive, com essa prática, a representação do sujeito gay na literatura.

É uma das implicações, da visibilidade e da afirmação reinvindicada hoje pelos gays e lésbicas: mostrar que a homoafetividade existe e interromper, assim, o processo de reprodução do padrão heteronormativo, haja vista o longo processo que já se percorreu para alcançar essa legitimidade. O que certamente nada muda no fato de que o gay sempre terá, num dado momento da vida, de dizer, ou ao menos de fazer saber aos outros o que ele é, mas isso permite tornar mais fácil o gesto e menos doloroso o momento desse dizer.

Uma vez que seja consciente (ou não), desejada (ou não), aceita (ou não), a subjetividade de uma pessoa gay é fixada por um mundo de imposições discursivas e sociais. A linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles. Assim, o sujeito gay sempre tem uma história singular, especifica, mas essa história sempre tem relação com um "coletivo" – representação – que é formado pelas histórias de outros sujeitos que passaram pelo mesmo processo, muitas vezes de inferiorização.

Desta forma, o sujeito gay nunca é um individuo isolado, até mesmo quando se acha só no mundo. O "coletivo" existe independentemente da consciência que dele podem ter os sujeitos, independente inclusive de suas vontades. É esse pertencimento aceito e assumido que permite ao indivíduo constituir-se como "sujeito" de sua própria história, e é isso que buscaremos nas obras aqui analisadas.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1– Das aporias de um tema à articulação de conceitos operacionais[3]

Falar sobre subjetividades significa situar e entender singularidades culturais particulares e grupais que se constroem em determinados estratos sociais. Esses grupos como mulheres, negros e gays, antes minoritários, não conseguiam ter voz por causa de suas *diferenças* frente aos que pertencem às identidades dos iguais (homem, branco e heterossexual), e ainda, socialmente dominantes – embora a noção de subjetividade implique numa dada autonomia dos grupos *a priori* entendidos como minoritários que se transformam em "novos" centros, reestabelecendo, de certo modo, as fronteiras de centro e margem, que se redefinem a todo instante.

Todavia, a partir das inúmeras transformações socioculturais que se desenlaçam no cenário atual das sociedades "pós-modernas", acredita-se que este panorama vem sendo reconstruído vertiginosamente pelos sujeitos de "identidade" cambiante – nomenclatura utilizada por Hall, (1997) – e pela ausência de fronteiras culturais e de outras ordens (Cf. LOURO, 2004) que caracterizam esse sujeito. Assim, as subculturas relacionadas às questões de gênero e de sexualidades vêm ocupando um espaço de discussão cada vez maior e relevante nas sociedades ocidentais.

Nosso trabalho se centra nas contribuições teóricas resultantes dos *Gay and Lesbian Studies*, estudos que nasceram em consequência da conscientização de que era preciso fazer um inventário de como a "subcultura gay vêm se infiltrando, de forma mais ou menos legítima, no campo artístico-cultural" (FERREIRA JUNIOR, 2005, p. 13). Alguns conceitos como *literatura*, *gay* e *cânone literário* serão primordiais ao desenvolvimento do estudo da *literatura homoerótica*, e desta pesquisa, respectivamente, uma vez que essa será entendida como um espaço de representação das subjetividades destes sujeitos, pois, segundo Barcellos (2006, p.63), "estudar a relação entre literatura e homoerotismo implica estar consciente do lugar a partir do qual se busca construir um sentido para os textos e para o próprio mundo em que se vive", fato que já fora destacado por Fernandez (1992 apud BARCELLOS, 2006), que fala do homoerotismo como "transgressão social, demolição das barreiras entre as classes, e, portanto verdadeira libertação do indivíduo" (p. 135).

[3] Utilizamos tópico parafraseando a obra de José Carlos Barcellos, Literatura e Homoerotismo em questão (2006).

A pesquisa desenvolvida mantém ainda um diálogo com os Estudos Culturais, mais especificamente aqueles voltados para as questões de gênero e sexualidade. De acordo com o pensamento dos Estudos Culturais, a cultura é um "locus" de disputas e conflitos onde os sentidos, os valores e as verdades se digladiam. Cultura também diz respeito aos enfrentamentos de diferentes modos de vida, devido ao estabelecimento de relações de poder, questionando a todo instante as verdades convencionadas, num eterno "jogo de conflitos", o que se acentuou consideravelmente nas sociedades atuais. Segundo Candido (2008), é necessário perceber que:

> O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarece alguns dos seus aspectos. Em relação a grandes fatos da natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável. (...) Nesse ponto surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. (CANDIDO, 2008, p. 28).

Deste modo, uma das possibilidades que se apresentam é buscar perceber se existem ou não influências exercidas na obra literária por fatores socioculturais. É importante destacarmos que estas podem se manifestar de inúmeras formas, todavia sabemos que os mais relevantes se ligam à estrutura social, aos valores, às ideologias e, consequentemente, às formas de comunicação. Assim, não é possível separar a repercussão da obra a sua criação, pois, ao menos sociologicamente, ela só está completa, acabada, no momento em que atua e repercute, uma vez que todo processo de comunicação requer um comunicador (a obra) e um comunicado (o leitor).

A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para aqueles que apreciam (ou tentam apreciar) as diversas manifestações culturais e muito do que julgamos ser reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões já estabelecidos e, por isso, vinculados ao que conhecemos como "cânone literário".

Alguns conceitos são de suma importância para a discussão que estabelecemos: *gênero,* termo utilizados nos estudos e nas relações de poder exercidas entre homens e

mulheres; *gay*, no contexto dessa pesquisa, diz respeito ao sujeito que não adota comportamentos e práticas afetivo-sexuais de base heterossexual, e *identidade,* no contexto cultural, como um conjunto de características determinantes na formação dos grupos sociais e culturais, conforme apontado por Silva (2000).

A identidade gay, se assim podemos falar, é encenada em falas/ideias de personagens que atuam nos cenários das narrativas de temática homoafetiva como centro de discussão, uma vez que o *desejo gay* implica/resulta numa identidade capaz de absorver esta estrutura psicocultural dos sujeitos homoafetivos, aqui estudada nos sujeitos masculinos.

É inquestionável, todavia, que possuímos um sexo biológico, masculino ou feminino, e a partir deles também construímos provisoriamente a nossa identidade sexual. Esta não se resume ao fato de se ter um pênis ou uma vagina, mas esses órgãos contribuem para a sua elaboração psíquica. A identidade sexual de um homem, por exemplo, é o resultado de como ele se sente juntamente com a imagem física que lhe diz ser homem. Fato destacado por Louro (2004), ao afirmar que: "Nesse discurso, é a tomada de consciência do desejo pelo objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo." (p.33)

Foucault (2007a, p. 9) diz que "ela (a sexualidade) aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população." Assim, tanto como o gênero, a sexualidade é mediada por processos e categorias sociais. Ela é parte integrante da personalidade humana e se desenvolve entrando em sintonia com o psiquismo, a partir da realização das necessidades básicas como prazer, amor, ternura, desejo de contato, estendendo-se à difusão para a questão do desejo e aspectos ligados à emoção, aos sentimentos e conflitos existenciais; ela é, portanto, resultado da integração desses fatores biológicos, psicológicos, culturais. Corroborando a ideia defendida por Foucault, de que corpo e alma formam um constructo, um todo em que cada qual tem sua relevância, Eribon (2008) afirma que:

> Como diz Foucault, "a alma" é a "prisão do corpo" e não basta dissimular os gestos do corpo aos olhares inquisidores da sociedade homofóba para que a alma escape a sujeição, já que ela é apenas o objeto, o alvo, dos mecanismos de adestramento, mas também, e

> primeiramente, o efeito deles. Continua sendo, portanto, o instrumento deles. (ERIBON, 2008, p. 86).

Ainda sobre esta questão, Giddens (1993), por sua vez, destaca o fato de que a sexualidade é um elemento flexível do eu, um elo entre diversos elementos como o corpo, a identidade e as normas sociais, e por isso a sua relevância e complexidade nas sociedades atuais, pois, conforme o autor,

> Hoje em dia a 'sexualidade' tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós 'tem', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (GIDDENS, 1993, p. 25)

Dessa forma, pelas afirmações de Giddens e Eribon, podemos notar que a sexualidade está cercada pelos pólos da repressão e da relevância na vida das pessoas. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos – ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e de criação.

Quanto o estudo e análise deste processo de descoberta da sexualidade do povo brasileiro, especificamente, na obra *A origem da imoralidade no Brasil*, o autor Abelardo Romero descreve de forma bastante particular[4] como se dera o processo de "colonização" do território nacional, as nuances do povo indígena que, para ele, era repleto de "pecado" e "luxúria", em relação à "raça superior" – os europeus − (aqui em particular os portugueses), principalmente quando se referia às relações afetivas entre homens que, para ele, "só seriam evitados quando a colônia tivesse mulheres (brancas, naturalmente) em número suficiente para atender às necessidades da rapaziada." (ROMERO, 1967, p.140).

As relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram em terras brasileiras. O antropólogo Luiz Mott (1987) afirma que, em algumas tribos indígenas em que era corrente a prática da "sodomia[5]", os papeis de gênero e

[4] E marcadamente preconceituosa.
[5] Uma das primeiras formas de se descrever as relações homoafetivas, foi mediante o termo sodomita, com toda carga moral/religiosa que possui.

sexualidade eram bastante flexíveis, havendo índias que possuíam "esposas" e atuavam na organização da tribo, executando atividades que, em sua maioria, eram designadas aos homens, bem como também era comum encontrar índios que eram tidos por companheiros afetivo-sexuais de outros e executavam ou não atividades designadas para as mulheres, fatos que, segundo as fontes de Mott (1987), assustaram os jesuítas, tão normal que era aos povos brasileiros a prática homoerótica.

A homossexualidade na história da humanidade sempre foi considerada, na cultura judaico-cristã, um grande pecado. Atribuíram-lhe o nome de sodomia, costume infame, pecado contra a natureza, doença psíquica, infectocontagiosa e até mesmo a um comportamento criminoso.

Orientação sexual define o que e por quem sentimos o desejo de nos relacionarmos sexual e amorosamente. A orientação afetivo-sexual nos dá o caminho para irmos em busca da pessoa com quem iremos viver os nossos desejos sexuais, fantasias paixões e amores. É na adolescência que a quase totalidade das pessoas descobre o seu sentir natural, afetivo e/ou sexual, e é nesse momento que necessitam de esclarecimentos.

Segundo Foucault[6], o que caracteriza o comportamento sexual do século XIX é a inconstância daquilo que se dizia sobre ele e não o silêncio, pois é a partir dessa inconstância que se traduzia a emoção em discursos: os detalhes da atividade sexual eram valorizados por possibilitarem *insights* sintomáticos sobre a formação de personalidade e educação dos filhos, a vida familiar e os problemas relativos à higiene social. No lugar das normas morais surgem as disciplinas sociais encarnadas nos médicos, psiquiatras que vieram se juntar, no século XX, aos pedagogos, terapeutas, assistentes sociais e a todo o moderno aparato de ressocialização, os quais governam a sociedade.

Para Louro (2004), a discussão acerca das sexualidades torna-se relevante não por uma questão política, ou "panfletária" como destaca a autora, mas pela importância de se destacar que na sociedade existe "diversidades" – neste caso sexuais – e que por isso algumas pessoas são discriminadas, deste modo ela afirma que:

---

[6] Segundo Foucault, em *História da Sexualidade I* (1985, p. 95): vontade do saber, "o que se diz sobre o sexo não deve ser analisado como a simples tela de projeção desses mecanismos de poder. É justamente no discurso que vem a se articular poder e saber. E, por essa mesma razão, deve-se conceber o discurso como uma série de seguimentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável".

> Através da discussão de conceitos fundamentais, a orientação sexual deve criar condições para que o aluno possa enriquecer-se no desenvolvimento humano, nos relacionamentos, no comportamento sexual e na sociedade e cultura. Portanto, em momento algum, torna-se panfletário ou normatizador, ressaltar que na sociedade existe diversidade de atitudes e comportamentos sexuais; e que algumas pessoas são discriminadas devido à forma pela qual expressam sua sexualidade. De fato, todas as pessoas deveriam receber um tratamento igual e justo. (LOURO, 2004, p. 23).

Sexualidade é um conceito de difícil conceituação porque envolve muitos elementos diferentes, tais como comportamento, o ato sexual em si e noções do que seja masculino e feminino. Para problematizar um pouco, vivemos em uma sociedade que não tem o hábito de encarar o sexo como algo natural, que faz parte de nossa espécie e de cada indivíduo desde que nasce. Talvez porque o prazer assuste, temos uma longa tradição de reprimir pensamentos e conversas sobre tudo que se relacione à sexualidade, tradição esta mantida firmemente por nossas escolas, igrejas e, em geral, infelizmente também por nossas famílias.

Esses discursos e atitudes são corroborados no pensamento de Louro (2004), ao destacar a relevância da linguagem no processo de formação identitária, pois através da nomeação do dado sexual, de seus desejos, e vontades, o sujeito é formado e determinado por estes conceitos, assim:

> O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um "dado" anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse "dado" sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. (LOURO, 2004, p. 15).

Nessa perspectiva de pensamento, Campos (2011) destaca ainda que a imposição binarista que a sociedade impõe, acaba por ser limitada, uma vez que, conforme mencionamos, se limita a apresentar as duas formas "previstas" pela sociedade, ou seja, masculino e feminino, homem e mulher, pois para o autor:

> A própria ideia de gênero diluída no senso comum, de tal modo, já se mostra sexista. Entretanto, para Funck (1994, p. 20), o conceito de *gênero* vai além da mera separação entre os sexos. A autora afirma que o termo gênero designa "o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual biológica" (CAMPOS 2011, p. 92, grifo do autor).

Deste modo, as concepções de gênero devem ser abordadas de forma articulada, considerando sua construção histórica, social e cultural, pois apresentam estreita relação com a formação de identidade dos indivíduos pelo processo civilizatório de cada sociedade e suas particularidades.

Todavia, essas práticas não cessam de irromper e se estabelecerem no contexto da pós-modernidade. Uma vez assegurados liberdade de expressão e direitos próprios, como lidar com o tema das subjetividades? Até que ponto é pertinente "conceituar" as manifestações homoeróticas, sendo elas tão diversificadas e cambiantes?

A partir da segunda metade do século XX, com a dissolução da hegemonia dos critérios hierarquizantes que excluíam a obra literária e artística produzida pelos seguimentos culturais descriminados, abriu-se espaço para que se fizessem ouvir as vozes marginalizadas, inicialmente de negros e mulheres, ao lado da emergência dos escritores terceiro-mundistas, além dos demais grupos excluídos da cultura dominante.

Há, evidentemente, um aspecto bastante peculiar à época em que vivemos − o caráter político que "determina" ou "naturaliza" a reivindicação desta questão. Num momento histórico no qual assistimos em todo país, seja na esfera Federal, Estadual ou Municipal a criação de inúmeras Secretárias da Identidade e da Diversidade Sexual (como são geralmente nomeadas), assim como a criação de leis que regularizam a união civil e, em breve, espera-se a adoção de crianças por casais homoafetivos, causando questionamentos entre as diversas parcelas da sociedade, pois se esta não se apresenta igualitária, pelo menos é "tolerante" e mais aberta às particularidades que compõem sua estrutura, Silva (2009) já destaca a importância de se fazer um inventário acerca das obras que se propõem a apresentar os sujeitos homoafetivos, o desejo gay e suas manifestações:

> Torna-se interessante do ponto de vista político, a historicização dos textos que formam o "cânone gay brasileiro", uma vez que a visibilidade desta parcela de sujeitos (gays) nas atuais sociedades se dá não simplesmente pelos direitos adquiridos nos foros jurídico-legais; o ganho de causa nesta matéria específica se dá porque todo um *desejo gay* (SEDGWICK, 1998) já tem sido cimentado no inconsciente coletivo, de forma que práticas discursivas, atitudes e comportamentos são esperados e incentivados em função da existência e da manutenção de toda uma subcultura gay que faz parte das atuais sociedades. (p. 64)

Diante de tantas mudanças e deslocamentos no contexto da família, não se pode continuar pensando em uma sociedade sustentada nos parâmetros hegemônicos do patriarcado e do heterocentrismo radical. Todavia é curioso que no Brasil essa

modalidade de família – homoparental − aparece mais na mídia e nos debates mantidos em diferentes áreas do saber, do que na vida comum, no cotidiano. O que parece mostrar que, embora o país tenha avançado em muitos setores da sociedade, ainda se mantém muito reticente no que se refere às experiências relacionais humanas. Segundo Giddens: "A ideia do 'relacionamento' emerge tão fortemente nas subculturas gays quanto na mais heterossexual população" (GIDDENS, 1993, p. 24), assim, independente do objeto do desejo, a noção de relacionamento se mantém como algo necessário e importante aos sujeitos, a sua formação pessoal.

De qualquer modo, a homoafetividade vem adquirindo um novo estatuto (em 2011 foi aprovado no Congresso Nacional a união estável para casais homossexuais), fruto da abertura à globalização, à democratização e à liberdade de boa parte das sociedades contemporâneas.

Em tempos de homofobia, de *bullying*, de violência contra a mulher, acreditamos que a ficção participa do real de modo inesperado, enviesando seus traços mais determinantes, como as próprias relações sociais entre os sujeitos, tão bem representadas na literatura de um modo geral. Evidencia-se, desta forma, que não apenas o fator político determina a cristalização de uma obra/autor. Todavia, não podemos nos distanciar do conceito de arte e de literatura: estes conceitos exigem de quem com eles trabalham um mínimo de cuidado. A noção de qualidade textual ou artística é um forte critério norteador daquilo que comumente chamamos de literatura.

Norteando-se por estes critérios, podemos dizer que tanto o fator político quanto o estético são os determinantes para a construção do conceito de gênero textual (literatura gay) e também de sua história. Mesmo avaliando as obras literárias gays, pelo caráter político, não podemos deixar de afirmar que o fator estético termina sendo, do ponto de vista da crítica e da teoria literárias, o elemento primeiro e último (uma vez determinante), o que queremos dizer é que, independentemente de fatores de quaisquer ordens, a beleza de um texto, a construção de um enredo, o conteúdo discutido numa forma linguística inesperada, metaforizada, um texto "bem-produzido" com personagens atuando em determinado enredo, a linguagem escolhida para dizer aquilo que o autor deseja, tudo isto pode tornar o texto literário uma obra de arte.

Um outro campo teórico que também vem ganhando espaço e contribuindo significantemente para os Estudos Culturais, e mais especificamente, no caso dessa pesquisa, para os estudos literários e de gênero, são os estudo que tomam como ponto

de partida a noção de pós-modernidade, que é definida como uma forma ‘póstuma’ de modernidade, uma realidade ambígua e multiforme, por abarcar em sua “realidade” as mais variadas manifestações, sejam elas sociais, culturais e até sexuais, como aqui estamos discutindo.

Por outro lado, sob um enfoque mais atual, vimos percebendo que os padrões culturais masculinos e femininos nunca estiveram tão desordenados quanto agora, e os *Estudos Gays e Lésbicos*, como uma das manifestações mais significativas do pensamento pós-moderno, assegura uma busca da descentralização do sujeito logocêntrico, detentor do poder da palavra, e a rejeição do patriarcado como “principio universal” na estrutura da sociedade. Delineia-se, então, ainda em curso, uma configuração social em favor não apenas do gay, mas também de outras minorias, até então excluídas do processo histórico oficial.

As últimas décadas tem testemunhado o avanço nas pesquisas do que se convencionou chamar a questão da alteridade. Pelo menos quatro áreas das ciências humanas, a saber, Teoria Literária, Psicanálise, Sociologia e Antropologia Cultural veem voltando suas atenções para a questão.

Para Deleuze (1997), conforme mencionamos anteriormente, o devir estrutura-se como um lugar não-fixo, não determinado, por esta razão, não poderíamos falar em um “devir-Homem”, haja vista a categoria homem – ser humano do sexo masculino –, está sempre para o centro, a forma dominante e “correta” de expressão, deste modo, segundo o autor:

> O devir não vai no sentido inverso, e não entramos num devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda matéria, ao passo que mulher, animal ou molécula tem sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização. (DELEUZE 1997, p.11)

Pode-se afirmar que tais articulações de ordem teórica, como as apontadas por Deleuze, deste “devir”, vieram à tona a partir da revolução cultural ocorrida em meados dos anos 60 do século XX. Assim, a abordagem do fenômeno da alteridade levanta questões como o estereótipo e o papel que tal artifício discursivo desempenha nas relações humanas, bem como de conceitos pertinentes à raça, classe social, gênero, identidade, subjetividade e ideologia, entre outros, que são determinantes na marcação social dos sujeitos. Assim, o conceito de estereótipo perpassa a ideia de algo fixo e

estabelecido, com isto, todos tem os seus lugares estabelecidos na esfera social, sejam quais forem as suas "opções" ou desejos, pois, segundo Louro (2004):

> O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (LOURO, 2004, p. 28).

Louro (2004) discute as nuances desses sujeitos/personagens, uma vez que a identificação do sujeito é assegurada através de conceitos estáveis como *sexo-gênero-sexualidade,* todavia o que assistimos hoje é exatamente ao não fechamento dessas categorias, dessas formas genéricas pelas quais "todos" deveriam ser definidos. Assim, a autora apresenta:

> Personagens que transgridem gênero e sexualidade podem ser emblemáticas da pós-modernidade. Mas elas não colocam, aqui, como um novo ideal de sujeito. Não se pretende instaurar novo projeto a ser perseguido, não há intenção de produzir nova referência. Nada seria mais anti-pós-moderno. A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, *o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades*. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade. (LOURO, 2004, p. 23, grifo nosso)

O que se percebe então é a constante abertura para o novo, "o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades", conforme descreve a autora, e não formas fixas e pré-definidas como ocorrera anteriormente.

É muito difícil estabelecer um conceito convincente de literatura a respeito das relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que, conforme Deleuze: "Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida." (DELEUZE 1997, p.11). Na história, o sexo como valor se processa de modo contraditório: atiça a imaginação e solidifica tabus. Em termos práticos, persiste a necessidade especificamente moral de se garantir tolerância à livre sexualidade.

Compagnon (2006) destaca o fato de que:

> se a literatura pode ser vista como contribuição à ideologia dominante, "aparelho ideológico do Estado", ou mesmo propaganda, pode-se, ao contrário, acentuar sua função subversiva, sobretudo depois da metade do século XIX e da voga da figura do artista maldito. É difícil identificar Baudelaire, Rimbaud ou Lautréamont com os cumplices da

> ordem estabelecida. A literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura. Segundo o modelo militar da vanguarda, ela precede o movimento, esclarece o povo. Trata-se do par imitação e inovação, dos antigos e dos modernos, ao qual voltaremos. (COMPAGNON, 2006, p. 37).

Sabe-se perfeitamente que o paradigma da literatura na Modernidade selecionou e excluiu autores e autoras pela eleição de critérios, excludentes, elitistas, machistas, nem sempre adequados, como gênero, localização geográfica, genealogia[7], dentre outros, privilegiando, assim, determinados temas e tornando-os universais e atemporais. No caso do Brasil, pais recém-saído de um sistema colonial, tendo que formar a nação sem uma língua vernácula, como acontecia na Europa, a exclusão foi ainda maior. Assim, ao declarar a homoafetividade, o sujeito se apresenta com a tentativa de restaurar um tempo perdido. O eu narrativo serve, fundamentalmente, como persona, não só para ilustrar a si dentro do quadro das performances eróticas, como também para o processo de desvelamento de si, no procedimento estilístico, do sujeito.

Foucault, em *História da Sexualidade I* (2007), analisa a correlação entre a "implantação das perversões" e a "mecânica do poder". Para ele, a partir do século XVIII, houve uma incitação à produção de discursos sobre o sexo, através do desenvolvimento dos princípios da confissão, sendo esta uma das estratégias com que o poder se apoderou dos corpos e dos prazeres:

> O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele, no fim das contas, escapa a sua sexualidade. (FOUCAULT, 1999, p. 43).

De acordo com o historiador, o discurso da sexualidade perpassa uma relação de poder e de domesticação do corpo. Através do controle do corpo e da sexualidade, estabelece-se a relação de poder político e de classe. Dessa forma, a segregação das personagens representa o controle agressivo do padrão estabelecido como identidade sobre o diferente, aquele que infringe as normas preestabelecidas.

Foucault revela-se como um manancial da crítica de nossa sociedade e de nossa cultura contemporânea, destacando-se a importância que a sua obra[8], desempenhou para

[7] Era realizada a eleição de obras e autores como canônicos, simplesmente pelo seu parentesco político, ou pelo fato de estarem inseridos no eixo central do país, a saber, Rio-São Paulo.

[8] Em especial a trilogia: *História da Sexualidade I*: a vontade do saber; *História da Sexualidade II*: o uso dos prazeres e *História da Sexualidade III*: o cuidado de si.

os ativistas homossexuais na luta pela vida diante da epidemia de AIDS nos Estados Unidos, além da relevante contribuição de seus estudos para o meio acadêmico de um modo geral. Uma vez que a instrumentalização do conceito de poder, destacada pelo escritor, entendido não como uma relação unívoca entre o opressor e oprimido, mas como o que caracteriza as relações complexas entre as partes de uma sociedade e a interação entre indivíduos de uma sociedade, é de suma importância para nossos estudos.

Alguns estudiosos se voltam para a questão da sexualidade como uma dimensão do humano, presente em toda a vida, desde o nascimento até a morte e, por isso, deve ser tratada em todos os momentos de sua história de escolarização, de forma a organizar suas condutas e práticas sexuais, ou seja, construindo uma performance sexual; outros acreditam que esse assunto nem deva ser abordado na sala de aula por se tratar de uma dimensão individual e privada do ser humano, ficando a família responsável por ele; e ainda existe quem acredite que a sexualidade deve ser concebida como um dispositivo social, que atravessa as barreiras da vida privada e se constitui numa questão de caráter público.

Conforme Eribon (2008), a individualidade do sujeito parte, inicialmente, de sua coletividade, de suas relações com os outros, como uma teia de significações que é tecida constantemente e coletivamente, assim para o autor:

> Recuperar a autonomia pessoal e tornar-se um indivíduo de pleno direito implica antes de mais nada reconstruir a imagem coletiva e oferecer modelos diferentes, nem que seja contornando ou contestando os "retratos" produzidos pelos porta-vozes da norma social e sexual ou privando-os de sua carga degradante.(...) Por isso é que a autonomia individual, a liberdade individual, se constroem e se conquistam por batalhas que só podem ser coletivas e que estão sempre a recomeçar. (ERIBON, 2008, p. 95).

Com esse panorama inicial, ou seja, diante dos apontamentos realizados até o momento acerca dos estudos relacionados à sexualidade e suas nuances, percebe-se que ao menos preocupação teórica existe em torno desta: algumas vezes a ignorando, mas na maioria tentando normatizá-la, a sexualidade não escapa de ser objeto de estudo de intelectuais da educação, e ao mesmo tempo, seu objeto de trabalho.

A homossexualidade e outras identidades sexuais, a AIDS e demais DSTs, a gravidez e o sexo precoce, além de outros temas (não muitos), entram na lista dos escolhidos para serem trabalhados nas escolas, sempre numa perspectiva normativa,

como podemos inferir desde já, ao considerar a introdução deles nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), definindo-os como possibilidade de intervenção educativa de orientação sexual.

Entre as ideias tratadas pela política curricular atual em relação à sexualidade, o sexo em si, as relações afetivas que estão envolvidas com a vida sexual dos estudantes, suas preferências sexuais ou sua orientação sexual, raras vezes é colocada em relevância; acredita-se que com a orientação sexual os estudantes performatizam comportamentos sexuais padronizados e que raramente se desviam deles, e quando se percebe alguma característica "desse desvio", ele é ignorado ou normatizado.

Dessa forma, essa reflexão impõe uma premissa e um problema: além de a escola ignorar muitas das particularidades da sexualidade humana também as descredibiliza, tanto as ocultando quanto as apontando. Para dar conta de conhecer as formas como a escola ignora, descredibiliza e oculta as muitas facetas da sexualidade, nos detemos ao estudo da homossexualidade e das identidades sexuais não-heteronormativas enquanto constituinte desse grupo que, atrelado à problemática que destacamos aqui, é sentida como identidade excluída. Seguramente se percebe que a abordagem sobre a homossexualidade[9] reduzida a critérios clínicos e de prevenção não se traduz como suficiente para se discutir acerca dos sujeitos homoafetivos.

Saindo do campo da institucionalização legal e curricular, uma das preocupações mais citadas quando se estuda a diversidade sexual no patamar da escolaridade, está assentada na percepção que os profissionais da educação tem acerca desse tema. Essa percepção é explicitada quando eles expõem seus conceitos, valores, perspectivas, pensamentos pessoais etc. sobre a diversidade sexual. Isso implica que levar a cabo uma educação voltada para o respeito à diversidade sexual sem levar em conta esse conjunto de reflexões feitas pelos profissionais não garante de forma alguma que tal perspectiva de educação vá se concretizar, já que boa parte dos profissionais tem esses conceitos, valores e perspectivas como norte para seu trabalho pedagógico.

Respeitar consolida outro tipo de relação de poder. Para a diversidade sexual como um todo, e para as homossexualidades, particularmente, ser respeitado se constitui o mecanismo de emergência reivindicado pelos grupos de emancipação sexual do mundo inteiro. A característica mais marcante de uma identidade, quando respeitada, é

[9] Por esse motivo deixou-se de utilizar o termo homossexualismo, cujo sufixo ISMO denota patologia, e passou-se a usar homossexualidade, que significa apenas uma das possibilidades da sexualidade humana.

o fato de poder se expressar sem correr o risco de ser analisada, colocada à prova, medida, avaliada, diminuída. Infelizmente essa não é a conduta da maioria dos não homossexuais do Brasil. Por isso nos interessa aqui ver como a subjetividade homoafetiva é subjugada pelos modos de representações heterossexuais e pela violência normativa que sofrem.

Entender, no ambiente escolar, que a ideia de masculino e feminino é uma construção, exige dos professores a desconstrução, porque a noção de gênero procura resgatar o caráter histórico e cultural dos diferentes significados masculinos e femininos presentes nessa sociedade. Discutir gênero e não sexo, ganhar o espaço do binarismo e com isso alargar o campo de discussão. As imagens mais singelas também autorizam a cristalização de conceitos como os papeis comumente relacionados a um dado gênero.

Segundo Touraine (2010), a sexualidade transcende fatores biológicos e/ou sociais, ela parte, assim, de um construção de si, mediante a descoberta e consequente realização de seus desejos e anseios sexuais, deste modo:

> A sexualidade não é, por consequência, um dado biológico e menos ainda uma construção social imposta pelo poder varonil. Ela é a transformação dos desejos sexuais em construção de si, já que a sexualidade transforma um dado não social em afirmação – ela também não social – de uma liberdade criativa. A sexualidade reordena os impulsos sexuais para que eles iluminem a experiência humana e contribuam na criação do ator, que, age sobre ele mesmo ao invés de ser determinado pelo meio ambiente. Torno a insistir nisto: o nível mais elevado da construção de si pela sexualidade não é a relação com o outro, ainda que este tema sempre tenha tido um papel criador imenso, pois o sujeito vai se construindo através de um permanente retorno a si, que não é nem egoísmo nem gozo solitário, mas a afirmação de si como ser de desejo e reconhecimento do outro como criação de sua liberdade. (TOURAINE, 2010, p. 63).

Por esta razão que a escola é espaço fundamental para que se discuta questões de gênero e de sexualidades, em todas as suas possibilidades. É o espaço onde é possível que as mais diversas identidades interajam e discutam, é o espaço, quer voluntaria quer involuntariamente, onde os papeis de gênero deveriam ser discutidos. Temas como o determinismo biológico são tratados inconscientemente, quando estes tem um papel fundamental na construção e na compreensão dos papeis sociais dos gêneros. Discutir corpo sem discutir gênero produz o binarismo simplista trazido pelo determinismo, e reproduz um modelo de sexualidade ultrapassado, por não ter dado conta de representar as diversas possibilidades existentes.

O livro didático, por meio das representações do homem e da mulher estanques em sua sexualidade, via representação de traços como as genitais, órgãos reprodutores diversos, aptidões físicas predeterminadas, é também reprodutor dos discursos do binarismo, que não reconhece a flexibilidade da construção da identidade de gênero.

É este caminhar em direção a um dado modelo, por meio de identificação, que percorremos no ambiente escolar, por meio do trabalho com livros didáticos, da construção do conceito de família como a matriz determinada pela união de um homem e uma mulher, do estímulo ao relacionamento heterossexual e o desestimulo à homoafetividade quer seja pelo silêncio, quer seja pela reafirmação dos modelos tradicionais de compreensão de identidade de gênero e afetividade.

1.2 Homofobia: a constante inferiorização do sujeito gay

Um novo ponto a ser discutido é o *bullying* como ato de violência contra as pessoas que não se ajustam comportamentalmente aos padrões já estabelecidos e mantidos pela maioria. O espaço escolar passa a delimitar um ambiente onde, por ausência da família e de olhares mais atentos, os alunos sofrem agressões pelas mais diferentes razões. Dentre elas, por se caracterizarem como não pertencentes à convencional identidade masculina ou feminina, e por isso excluídos.

A exclusão no campo escolar é algo comum, quer seja pela dificuldade de fuga para outros ambientes de aceitação e participação, quer seja pela claustrofóbica perseguição promovida em um ambiente onde o horário de entrada e de saída são regulados, e nem sempre há uma relação comunicativa entre os gestores das escolas e seus alunos, impedindo que denuncias e queixas sejam devidamente esclarecidas. A dimensão social da escola permite que haja este tipo de exclusão.

Mas aceitar a agressão, negar a existência do eu para que seja a predominância do outro dominador tem sido a regra dos casos? Nem sempre. Certos indivíduos e grupos de indivíduos que sofreram agressões começaram a se identificar como excluídos e passaram a se afirmar, em um movimento de aproximação facilmente percebido nas escolas hoje em dia. Estes não concederam aos dominadores autoritários o poder de negar a sua existência, pelo contrário, fazem questão de serem “notados” e exigem seus “lugares”.

Segundo Souza Junior (2002), essa constante negação do "dominante" sobre o "dominado" faz parte da pós-modernidade, todavia, acaba permitindo o aparecimento dos excluídos, a fala de *vozes outrora inaudíveis*, conforme afirma o autor:

> O desaparecimento pós-moderno é uma potencialidade que se dá em terrenos muito mais complexos. Trata-se agora de negar a especificidade da experiência homoerótica, em virtude do suposto colapso das noções de identidade e de hierarquia. Celebra-se esse estado de coisas como um descentramento que permite a aparição de vozes até então inaudíveis. (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 76,77).

Quando, em um discurso de sobrevivência comum a certos segmentos auto proclamados como minorias, o sujeito reconhece uma hierarquia, ou mesmo uma situação de subserviência está, por meio do discurso, revigorando e perpetuando o lugar social construído para si e para o outro. É reafirmar o binarismo em sua resistência. Onde a discussão do *bullying* e da postura segregacionista se entrelaçam? No fato de que elas se retroalimentam, uma permite a existência da outra. Assim, Louro(2004) coloca que:

> Butler, como outros teóricos *queer*, volta sua critica e sua argumentação para a oposição binária heterossexual/homossexual, esses teóricos afirmam que a oposição preside não apenas os discursos homofóbicos, mas continua presente também nos discursos favoráveis à homossexualidade. Seja para defender a integração dos/as homossexuais, seja para reivindicar uma espécie ou uma comunidade em separado, seja para considerar a sexualidade como originalmente ―natural, seja para considerá-la como socialmente construída, este discurso não escapam da referencia a heterossexualidade como norma. (LOURO, 2004, p. 45)

A segregação pregada silenciosamente como política de sobrevivência dos diferentes indivíduos e identificados com o estilo de vida diferente, se coloca na posição de alvo, como judeus reunidos em um gueto que os identificam, e por esta razão permite que as diferenças sejam reafirmadas, e com ela a violência que está em ebulição junto com a exclusão. A respeito da *Teoria Queer*, podemos dizer que sua denominação está ligada ao uso pejorativo da expressão que significa ridículo, diferente, anormal e teoricamente diz respeito a uma postura que problematiza a politica de identidades. O termo *queer* vem ganhando muito espaço nos estudos de gênero e de sexualidades; originalmente, corresponde a "estranho", mas também foi usado para designar, de

maneira pejorativa, sujeitos homoafetivos como “bicha”, “viado”, dentre outros de igual teor semântico.

Começaram a surgir, no contexto acadêmico, grupos de discussão contrários aos estudos gays e lésbicos, e à defesa da visibilidade e de uma identidade homoerótica ou gay. Esses grupos deram origem a uma nova maneira de entender a “homossexualidade” e a maneira de lidar com a repressão que sofrem as pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, propiciando um olhar *queer* para as questões sociais; isso, do ponto de vista acadêmico, passou a ser chamado de *teoria queer*, dizendo respeito a práticas de pesquisa que procurem desconstruir todo aparato que cristalize padrões de gênero e de sexualidades.

Na perspectiva *queer*, o sujeito e a identidade deixam de existir de maneira estável e fixa, e incorporam uma visão pós-identitária, dando lugar a flexibilidade, multiplicidade e constante abertura da identidade a novas realidades do sujeito. Como diz Louro (2004, p. 38-39), *queer* representa a diferença que não quer ser tolerada, mas que quer subverter, contestar qualquer vestígio das visões essencialistas e binárias da sexualidade. A partir dessa concepção de abertura e de pluralidade, passa a existir uma maneira de olhar e de pesquisar que considera o *queer* como paradigma de desconstrução de normas. Para os teóricos *queer*, a desconstrução da binaridade ligada à ideia de gênero é o meio pelo qual se questionam os discursos culturais a respeito do tema. Assim, diz Louro (2004): *“*Para os teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade onipresente na cultura ocidental moderna – poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos.” (LOURO, 2004, p. 43).

Com a entrada dos estudos *queer* há a chance de novos excêntricos entrarem na roda de discussões e debates. Os estudos *queer* que propõem a visada da diferença e o respeito a ela, trazem ainda uma visão mais livre, pois se juntam aos estudos culturais e abrem o cânone ainda mais para essas produções. O *queer*, que surge no começo dos anos 1980, aponta para o fim normatividade expressa pela ideia de uma identidade fixa, pré-determinada e abarca a excentricidade do sujeito em seu modo mais radical. Ainda pouco utilizada pelos estudos de literatura ela tem muito a contribuir para o aumento das possibilidades de estudos dos textos homoafetivos. Daí a possibilidade de se aceitarem todas as possibilidades de narrativas que tragam personagens gays, excêntricos ou fora da ordem no que tange à sexualidade como *queers*. Mas ainda é preciso salientar que

para estes estudos a literatura é um lugar à parte. Como faremos para trazer essas teorias para os estudos de literatura não é tão simples como parece à primeira vista.

Na literatura, as nuances que lidam com a diversidade de gêneros, pode ser trabalhada, trazendo a erudição da literatura para a discussão. Na história, a invenção do homossexualismo pode ser abordado de uma maneira tal que abra o diálogo com os alunos para que esta perspectiva de desigualdade sem distâncias possa ser percebida. Para tanto, o professor em sala de aula, por meio do conhecimento das discussões de gênero, pode orientar os debates, por meio de análises críticas das posturas pessoais dos alunos com relação aos mais diferentes temas tratados. Uma vez percebida a oportunidade, dentro de cada contexto, quando se trabalhar a ideia de gênero a abordagem não será chocante.

Os estudos que envolvem o homoerotismo na literatura não dizem respeito apenas a questões de ordem estética e cultural, mas política, assim, Souza Junior (2002) destaca com bastante veemência, a relevância de se "dizer" quem se é, não se limitando assim, a permitir ser descrito, ou nomeado, por discursos, até então hegemônicos, trata-se de afirmar-se não apenas como sujeito, mas como grupo, como coletividade que representa diversos sujeitos, assim:

> Desistir de dizer, a quem quiser ouvir, quem somos nós, é outorgar aos representantes dos discursos hegemônicos de poder – que sabem muito bem quem são e a que vem – o direito de dizer que não existimos, ou que não passamos de uma invenção do discurso médico da segunda metade do século 19. Toda escolha, em última análise, é uma questão política. (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 77).

Vemos bem que um dos maiores problema para estes sujeitos não é tanto *ser* gay, mas dizê-lo, pois se a possibilidade de dizê-lo fosse admitida oficialmente, toda a inferioridade e a vulnerabilidade dos gays e lésbicas, e, portanto, todos os meios de controle que podem se exercer sobre eles, estariam anuladas. Logo, o controle da homossexualidade repousa sobre esse silêncio imposto e sobre essa dissimulação forçada, e principalmente sobre o sentimento de culpa e inferioridade que muitas vezes toma conta desses sujeitos.

Apesar de tudo, os preconceitos contra os homossexuais vêm diminuindo paulatinamente no nosso país, no decorrer dos últimos anos. Contribuem para isso a maior visibilidade dos homossexuais, os movimentos de gays e lésbicas (como a Parada Gay de São Paulo, considerada a maior passeata do mundo!) e uma crescente divulgação do assunto na mídia, como os gays e lésbicas que aparecem nas novelas, de

forma cada vez menos estereotipada. Tudo isso tem provocado debates e discussões sobre os relacionamentos homoafetivos e os direitos dos homossexuais, na sociedade como um todo.

Tratar deste tema é uma tentativa de contribuir com a diminuição do desconhecimento e do preconceito, de tornar mais visível algumas experiências e dificuldades dessas pessoas que são atraídas por e mantêm um relacionamento íntimo com parceiros do seu mesmo sexo.

1.3 - Primeira forma de abordagem da homoafetividade: viés temático

A temática homoafetiva na literatura infanto-juvenil vem ocupando espaço nas prateleiras das livrarias, principalmente no Ocidente, na expectativa de ajudar à própria criança a conhecer, tolerar e construir um olhar diferente e positivo com relação ao homoafetivo mediado pela literatura. Ainda são poucas as obras da literatura infantil brasileira com protagonistas homoafetivos, como também são poucos os estudos teóricos que abordam essa temática homoafetiva na literatura infanto-juvenil. Apesar de serem também poucas as pessoas que conhecem essas obras, existem atualmente uma demanda positiva de alguns escritores e editoras interessados em trazer para o mundo infanto-juvenil questões sobre a homossexualidade.

Existe no momento uma série de escritores que esboçam ou que aprofundam-se em questões gays, mas já existem os escritores canonizados que receberam muitos estudos por parte da academia que possuem seus nomes veiculados na mídia e que já constavam no artigo que Denilson Lopes apresentava em 2002. É o caso de Silviano Santiago, Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, João Gilberto Noll, escritores responsáveis por uma literatura representativa que, embora abordem a temática, não eram consumidos obrigatoriamente, apenas pelo público GLS[10].

Para Kayser (1985), existem também os casos em que:

> Mais difíceis de apreender, mas de maior encanto, são os casos em que a própria observação e a vivência pessoal forneceram o assunto ao poeta. Neste campo a investigação recebe um novo e especial impulso daquele princípio basilar da correlação da obra com o autor. Precisamente para os maiores poetas foi possível juntar, assim, um material de infinita riqueza com que se pretende provar a dependência

[10] Gays, lésbicas e simpatizantes.

> da obra poética, quanto ao assunto, da vida do autor. (KAYSER, 1985, p. 53, grifo do autor).

Vida e obra muitas vezes se misturam e acabam por influenciar a produção artística do escritor. Todavia, este não deve ser um principio norteador, no que se refere à análise da produção artístico literária. Elementos biográficos podem influenciar o texto, como na linha defendida por aqueles que produzem a "escrita de si", mas para alguns autores, não são determinantes. Assim, não há como discutir, atualmente, se a obra é boa ou ruim, esteticamente, se atende ou não a critérios eleitos por estes paradigmas, pois já havia argumentos sérios no próprio discurso hegemônico e dos autores para menosprezar essa produção.

Estando a literatura de temática gay politicamente desprestigiada, caberá à crítica literária trazer essa produção para os espaços acadêmicos e políticos, quebrando a hegemonia do domínio heteronormativo estabelecido sobre o que tem qualidade e valor literário. Cabe, aqui, lembrar que a crítica literária deve separar e desfazer a associação da textualidade com a sexualidade para a partir dos estudos gays e lésbicos, encontrar seu próprio tema, discurso, voz.

Daí a importância dos estudos homoafetivos contemporâneos que desconstroem essa representação canônica e estabelecem um lugar crítico, político e revisionista sobre o patrimônio cultural literário consolidado como sagrado e fechado à críticas acadêmicas.

Ao preterirmos a literatura que trate de afetividades "homossexuais" não podemos dizer que há uma falha ou falta de conhecimento. Para Louro, o que existe é um resíduo de conhecimento, o efeito de um jeito de conhecer, ou seja, uma forma de conhecimento de um discurso que se pretende deixar marginalizado e segregado da esfera pública. O seu poder de representatividade reside na continuidade de sua repetição sob certas condições históricas, isto é, aquelas que viabilizam uma certa homogeneidade no discurso crítico (que significa uma homogeneidade de leitores), um dos pilares da instituição literária, assim, para Souza Junior (2002):

> O grande desafio para a literatura é o de saber tecer, em conjunto, os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo [...] Muito material não canônico acena para o horizonte de expectativas dessa investigação; material que promete terras quase virgens para a edificação de uma boa safra de novas interpretações. (SOUZA JUNIOR, 2002, p. p.97).

Considerando que as teorias sobre a identidade sexual, bem como as manifestações preconceituosas e violentas para com o sujeito homoafetivo eram aceitas e naturalizadas por uma sociedade cujos valores religiosos, culturais e políticos consideravam os gays e lésbicas como sujeitos desviados, sem direito ao convívio social, portanto, passíveis de violência e de desrespeito; percebe-se que é daí que decorre a importância desses autores para o estudo da literatura homoafetiva brasileira, uma vez que percorrem um caminho longo de visibilidade dessa temática e muitas vezes terão suas obras relegadas ao gueto e à margem do discurso literário.

Algumas questões são pertinentes para uma investigação sobre que fatores ainda entravam a produção literária gay ou que trate do assunto de aparecer ou de se mostrar mais. Depois da visibilidade gay nas ruas, nas paradas e até mesmo na literatura, quando todo um aparato crítico foi produzido na área literária, devemos nos perguntar: houve alguma vez uma literatura homoafetiva ou homoerótica? Os escritores gays existem, mas eles querem fazer uma "literatura gay?" O que tem ocorrido na literatura homoerótica ou na literatura que trata do assunto? Como ela se encontra hoje?

Através das palavras de García (2011), poderíamos responder alguns desses questionamentos, vejamos o que ele nos diz:

> O discurso tratado pelos personagens é uma síntese cultural que envolve defesas anteriores e o exercício de si se manifesta na construção da passagem e do cruzamento entre ficção e realidade, letra e destino. A leitura que vibra no eixo desse movimento configurando escritas beira ao corte, à transitoriedade visada para constituir o diverso e às subjetividades que são criadas nos ecos da ex-centricidade dos páreos e dos horizontes de identidades marcadas. (GARCIA, 2011, p.47)

A Literatura que foge da temática permitida pela tradição patriarcal é punida com o desprestígio e silenciamento por tratar de um tema que não é considerado "universal", ou seja, normal e identitário da sexualidade de homens e mulheres. Lembro aqui de Butler, que questiona as verdades universais e aponta o universalismo como um lugar de poder e de dominação.

Todo universalismo acaba por ser sexista porque impõe um lugar de valor que nem sempre representa uma totalidade (mas toda totalidade é excludente e o particular acaba por ser local). Sendo assim, o universal deve ser ressignificado como "uma noção culturalmente hegemônica sobre o campo social". A questão do sujeito deve ser repensada como instituição masculinizada, para que passe a interrogar sua premissa

fundamentalista ou dada de antemão. Butler afirma que se o sujeito é constituído; ele não é, no entanto, determinado, por ser constituído é que ele pode agir, ser transformador e produzir discursos desestabilizadores de legados anteriores, digamos que esse sujeito é puro *devir* e, como tal, é capaz de políticas contra exclusão.

Segundo Cunha (2006), "Não se pode negar a rápida e progressiva flexibilização das exigências canônicas e o enfraquecimento do modelo europeu centralizador, o que tornou possível a escuta das vozes periféricas, antes execradas pelo padrão ideológico." (CUNHA, 2006, p. 245.) Os excêntricos continuam a produzir uma literatura que quer ser lida, e para isso ocorrer, teremos que nos reinventar enquanto críticos, teóricos, leitores. Essa produção parece ser tão diversificada quanto as identidades, modos e maneiras de ser excêntrico. Há excêntricos de todos os jeitos e para todos os gostos escrevendo os mais diferentes gêneros e tipos textuais, querendo ser vistos, ouvidos e lidos. Para Silva (2007):

> Essa tendência de discutir a homossexualidade via representação literária parece ser um grande recurso ou tendência contemporânea, uma vez que se percebeu, nos estudos sobre a infância, ser menos traumática a inserção de determinados conteúdos em faixas etárias antes não "predispostas", segundo o discurso vigente, para tal recepção. (SILVA, 2007, p.127).

A literatura infanto-juvenil vem propondo reflexões acerca da sociedade como um todo. Isso porque a criança não é um receptor passivo das temáticas que são tratadas nas obras destinadas a esse público. A literatura, por ser considerada representação ou reconstrução da realidade, como aponta Aristóteles em sua obra *Arte Poética*, não poderia ser diferente. Se o texto literário vai além da temática enquanto fornecimento de informação, além de tantas outras possibilidades, ele permite que o leitor vivencie situações existenciais.

Trazer a temática da homoafetividade para a literatura infanto-juvenil é um passo bastante ousado e necessário. Ousado porque, numa sociedade androcentrica, normalmente os pais não aceitam que esse tipo de temática seja apresentado aos seus filhos, principalmente por considerarem que estas obras podem influenciar na escolha sexual deles, contribuindo com uma possível formação de uma identidade "indesejada" pela sociedade dominante; e necessário porque é uma das formas de iniciarmos, desde a mais tenra infância, um combate às discriminações que os homoafetivos vêm sofrendo histórica e culturalmente na sociedade.

1.4 - Novos conceitos: Homoerotismo, Homossociabilidade, Homossexualidade, Homotextualidade, Homoafetividade

Na contemporaneidade, fala-se de um processo intenso de transformações conceituais. Significativas perdas no que tange ao poderio econômico e social dos homens vêm sendo constatadas, mudanças nos valores socioculturais, com crescente individualismo, bem como reformulações no modo de se portar e de se relacionar entre os sexos. Essa é uma das funções da literatura: questionar conceitos supostamente já ultrapassados, rever ideias que não mais ecoam (ou que perderam muito de sua força) dentro do cenário social.

Denílson Lopes trata da questão da literatura homoerótica em seu livro *O homem que amava rapazes* (2002). Em um capítulo denominado "Uma história brasileira", o autor pretende fazer o que ele chama de história de uma homotextualidade na literatura brasileira. Ele lança mão de uma teoria bastante polêmica, retirada de Jacob Stockinger, que afirma que a "sexualidade entra na definição do texto, e não só por aspectos ideológicos ou biográficos, indo além da identificação de práticas eróticas" (STOCKINGER, apud LOPES, 2002, 122). Em seu texto, Lopes, segundo ele mesmo, tentava buscar um solo para uma literatura homoafetiva no Brasil.

Lopes fazia parte de uma leva de pesquisadores que se debruçou sobre os estudos da homocultura a partir do final dos anos 1980. Juntamente com José Carlos Barcelos, Mario César Lugarinho, Ítalo Moriconi[11], e outros, eles apostaram em uma produção teórica utilizando-se dos trabalhos de estudiosos como Michel Foucault, Eve Sedgwick, Judith Butler, dentre outros para a produção de teorias e seleção de objetos de estudo ligados à cultura homoerótica. Esses estudos iriam propiciar a fundação da *Associação Brasileira de estudos da Homocultura*[12] *(ABEH),* em plena atividade ainda hoje. Da seleção desses objetos encaminhou-se para uma produção teórica grande que tomou conta de algumas linhas de pesquisa em algumas das universidades mais renomadas do país.

Para Souza Junior (2002), algumas questões são relevantes para essa discussão, uma vez que servem como norteadores, e principalmente, como incitadores para um

[11] Destacamos ainda os estudos realizados pelo Professor Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, da Universidade Estadual da Paraíba que vem desenvolvendo um relevante trabalho de construção da história da literatura gay no Brasil.

[12] Entendemos Homocultura como um conjunto de manifestações artísticas e culturais relacionadas ao universo gay.

estudo mais aprofundado. Trata-se de se buscar elucidar qual seria o objetivo destes estudos? Se estão limitados a questões biológicas/genitais? No que concerne a conceituação destes estudos e destes sujeitos, como se daria esse processo?, assim, o autor afirma que:

> Proponho, nesse momento do texto, uma série de perguntas com o intuito de ajudar a construir essa agenda. A primeira delas é: qual seria o objetivo desses estudos? Apenas gays e lésbicas? Se a opção for essa, qual a conceituação em torno desses termos? Estaria essa conceituação restrita à genitalidade, ou envolveria outros aspectos também? Nossa agenda estaria aberta às outras minorias sexuais? Quais seriam e como seriam conceituadas? Iremos propor um termo que serva de guarda-chuva para designar as diferentes minorias sexuais? Seria "homoerotismo o termo adequado a esse propósito ou cunharíamos um outro? Queremos que os estudos sobre o homoerotismo sejam amplos, do ponto de vista teórico, ou somente iremos aceitar os que se encaixam nessa conceituação? Com qual frequência essa conceituação deve ser reavaliada, para admitir novas questões que inevitavelmente irão surgir? (...) Finalmente, creio que não devemos deixar de nos questionar se esses estudos tem finalidade política, ou seja, se seu propósito é ajudar na construção de uma nova sociedade ou apenas alcançar a academia?" (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 139).

Desta forma, muitos dos estudiosos − e outros – aqui relacionados, se dedicaram a elucidação dessas questões assim como a elaboração de conceitos operacionais que viessem a dar sustentabilidade a essa discussão, um exemplo disso é em relação ao termo *homoafetividade*, cunhado pela jurista e desembargadora aposentada do *Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul*, Dra. Maria Berenice Dias. Ela busca realçar que o aspecto relevante dos relacionamentos não é de ordem sexual. A tônica é a afetividade, e o afeto independe do sexo do par.

Na Antiguidade, o casamento estava voltado exclusivamente para a procriação, sendo considerado um bem. A moral cristã, a partir dos séculos XII e XIII, sacramentaliza o matrimônio, havendo também uma explosão discursiva em relação ao desejo. Cada vez mais, a Igreja impunha a relação carnal como obrigatória no casamento, sem a qual ele não teria sentido, condenando todo e qualquer ardor no relacionamento entre os cônjuges, punindo os "excessos" e disciplinando pela interdição de certas regras na interação conjugal, incentivando a função procriadora. Conforme Naphy (2006): "Efetivamente, os homossexuais (e qualquer pessoa que tivesse relações sexuais não procriadoras) eram acusados de comportar-se como animais" (NAPHY, 2006, p.75) e, ainda, segundo o mesmo autor, "O amor, a amizade, o sexo e o prazer

estavam todos interligados, ao passo que o casamento era, na maioria dos casos, um negócio combinado com o fim especifico da procriação.” (NAPHY, 2006, p. 89) Portanto, o sentimento amoroso tal como relação entre indivíduos distintos e diferenciados sexualmente, comportando a atração e a igualdade entre os parceiros, estava ausente da concepção cristã de amor conjugal.

Atualmente, concebe-se que o casamento pode ser um espaço de desenvolvimento das individualidades, delimitando um processo de individualização entre os parceiros, as características individualistas da família e do casal contemporâneos enfatizam a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. As uniões homoafetivas, antes tidas como sociedades de fato, são sociedades de afeto (de acordo com o direito). São pessoas do mesmo sexo que se unem e convivem juntas formando verdadeiras entidades familiares. A sociedade contemporânea ainda resiste à ideia de que casais do mesmo sexo possam estabelecer relações estáveis e duradouras, por isso ainda não admite, em sua plenitude, as consequências decorrentes de tais relacionamentos, todavia segundo Eribon (2008),

> a reivindicação do casamento gay não exprime simplesmente a aspiração, que seria o sinal de uma abdicação diante dos modos de vida heterossexuais, de certos homossexuais a entrar na instituição matrimonial; ela traria também, caso se realizasse, uma mudança profunda na própria instituição, que não poderia ser a mesma que antes, e isto ainda mais que, os gays podem hoje reivindicar o direito de ela ter acesso, é porque já não é mais o que era. É a dessacralização do casamento que torna possível a própria reivindicação de que se deva abri-lo aos casais do mesmo sexo. (ERIBON, 2008, p. 55).

Diante dos apontamentos realizados pelo autor, é possível ainda afirmar que diversas instâncias da sociedade estão envolvidas com o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo, com a decorrente polêmica levantada pelos setores mais conservadores da sociedade. Esse provável reconhecimento trará inúmeras implicações psicológicas, sociais e culturais, tanto do ponto de vista individual quanto no grupo familiar. Em primeiro lugar "tiraria das sombras" o reconhecimento homoafetivo, que ainda hoje é vivenciado por muitos indivíduos como algo a ser escondido; muitos indivíduos e casais optam por ser invisíveis para a sociedade, o grupo cultural e profissional a que pertencem e a própria família, para não sofrerem os efeitos danosos do preconceito.

O reconhecimento do direito à sexualidade e ao livre exercício da orientação sexual favoreceria sobremaneira a diminuição da homofobia, essencial para a melhor inserção de gays e lésbicas nas próprias famílias, no trabalho e na vida social.

A homossexualidade é uma realidade que não pode mais ser ignorada, e o Direito acompanha as relações sociais. Foi assim com o divórcio e com a união estável, e assim será com as uniões de pessoas do mesmo sexo. O afeto é o ingrediente básico da entidade familiar. As relações envolvendo pessoas do mesmo sexo devem ser vistas como originárias do afeto e, justamente por isso, devem ser analisadas com base no Direito de Família e não no Direito das Obrigações.

Um outro termo, de acentuada importância para a nossa discussão é homoerotismo, o qual Souza Junior (2002) descreve como:

> O homoerotismo, tal qual o estamos entendendo a partir do trabalho pioneiro de Jurandir Freire Costa (COSTA, 1992:21ss), é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos.(SOUZA JÚNIOR 2002, p. 21).

O autor defende a utilização do termo homoerótico, por entender que este consegue descrever com maior propriedade as relações entre sujeitos do mesmo sexo, livrando-se da conotação sanitarista e preconceituosa que o termo homossexualidade adquiriu ao longo dos anos, e relacionando-se mais as formas de envolvimento erótico entre os sujeitos. Ainda sobre este mesmo termo,

> O conceito de homoerotismo é muito útil, por vários motivos. Em termos de história e crítica da cultura, tem a vantagem de não impor nenhum modelo pré-determinado, permitindo assim que se respeitem as configurações que as relações entre homens assumem em cada contexto cultural, social ou pessoal específico. Em termos de crítica literária, é de vital importância para a análise de determinadas obras, precisamente por não impor a elas ou a seus personagens modelos ou identidades que lhes são estranhos. (BARCELLOS, 2006, p. 20)

A citação de Barcellos refere-se ao homoerotismo, porém nos apoderamos de alguns trechos dessa citação que se adequam para justificar o emprego do termo homoafetividade na análise, por nós realizada, das obras literárias. O conceito de homoafetividade é de vital importância devido à necessidade de se analisar um contexto

aparentemente "homossexual" nesse gênero literário sem impor nenhum modelo pré-determinado[13].

Segundo Foucault (1988), a passagem da "sodomia/pederastia", entendida como uma perversão, para o "homossexualismo", como doença, caracterizou também a mudança de considerar uma prática, para se criar um tipo específico de sujeito, nas palavras do filósofo, uma *espécie*:

> A homossexualidade apareceu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática de sodomia para um tipo de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual era agora uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 43).

Nesse sentido, o filósofo afirma que o nascimento da "homossexualidade", no século XIX, promoveu um controle ainda maior dos sujeitos que a praticavam, porém também evocou o que ele chama de "discurso de reação": "a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua 'naturalidade' e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico." (FOUCAULT, 1988, p. 112).

É curioso observar que o emprego desse termo tornou-se usual e universal e, com o passar do tempo, perdeu a significação de patologia, gerada pelo seu contexto de criação no século XIX, mesmo assim, não se deve perder de vista que o uso do termo esconde ideologicamente toda uma tradição discriminatória, corroborando o que afirma o psicanalista Jurandir Freire Costa (1992, p. 14):

> [...] vocabulários diversos criam ou reproduzem subjetividades diversas. E, conforme a descrição de nossas subjetividades, interpretamos a subjetividade do outro como idêntica, familiar ou como estranha, exótica e até mesmo desumana.

É também com Costa (1992) que encontramos o termo *homoerotismo*, usado em uma substituição ao emprego de "homossexualismo", descartando, portanto, a carga discriminatória implícita no conceito médico. Dessa forma, cremos que o emprego da palavra homoerotismo, para Costa (1992), é, sobretudo, um posicionamento contrário ao ranço discriminatório que sugere a criação do vocábulo "homossexualismo", mas nem sempre, dependendo do uso e do contexto, este terá uma conotação negativista.

[13] E sem dá ênfase a questão sexual.

Além disso, o primeiro termo ainda vem se insinuando no meio acadêmico como uma nova possibilidade conceitual no âmbito dos estudos gays e lésbicos, nem sempre usado por todos, mas que vem conquistando espaço como conceito operacional eficaz para descrever práticas, comportamentos e subjetividades.

"Homoerotismo" afasta-se da associação com doença, com o vício, da anormalidade ou da perversão. Evidentemente, o uso do termo homoerótico não quer dizer que as barreiras da não-aceitação das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, que a discriminação contra as pessoas que praticam tais relações estão extintas. O emprego desse conceito se quer pela inovação no âmbito sociocultural de outras formas de perceber e de se referir ao outro. A questão que se coloca é que o termo "homossexualismo" foi criado para dizer uma doença, uma perversão e o "homoerotismo", uma variante da sexualidade sem significação doentia. O termo, inclusive, existe apenas em sua forma de substantivo abstrato (homoerotismo) e de adjetivo (homoerótico), diferente do termo "homossexual" que categoriza uma patologia. A categoria divulgada por Costa (1992) refere-se às possibilidades que têm determinados indivíduos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de múltiplas formas com outros do mesmo sexo.

Denilson Lopes (2002), por sua vez, já questiona tal abrangência de *homoerotismo*, e propõe o termo *homoafetividade* como mais amplo e "mais sensível para apreender as fronteiras entre a homossexualidade e a heterossexualidade" (LOPES, 2002, p. 37). Talvez, o embate maior seja encontrar um conceito que não tenda exclusivamente à identificação de um indivíduo, de um sentimento, ou de um desejo que se dirija para o outro com meras intenções sexuais, ou um conceito que envolva, além disso, emoção, sentimento, companheirismo entre aqueles de mesmo sexo, um *homoemocionalismo*, como propõe Luiz Mott (1987).

O substantivo *homoafetividade* e o adjetivo *homoafetivo* (há quem use o termo como substantivo, principalmente em questões jurídicas) têm sido empregados de maneira geral para dizer respeito às múltiplas manifestações de sentimentos (eróticos ou não) entre indivíduos do mesmo sexo. É oportuno o emprego deste conceito quando da aplicabilidade à análise de obras infanto-juvenis porque está mais próximo da intenção formativa que esse gênero literário, com essa temática, pode querer propor, por exemplo, estimular a discussão da temática homoafetiva entre crianças, adultos,

comunidade escolar, enfim, conhecer – com um olhar mais humano – para tolerar e, quem sabe, respeitar o diferente sexual. Assim, para Souza Junior (2002):

> Como se percebe facilmente, os conceitos de homoerotismo e homossociabilidade reconfiguram, radicalmente, a questão entre amizade masculina e homossexualidade. O conceito de homossociabilidade é mais abrangente e complexo que o de amizade, assim como o de homoerotismo o é em relação ao de homossexualidade. A conjugação de ambos permite abarcar um amplo aspecto de relações entre homens e situar o homoerotismo em suas dinâmicas de contiguidade e diferença, com outras formas de relações masculinas, liberando-nos das compartimentações falaciosas do discurso homofóbico, cujos mecanismos discursivos são, assim, em parte desnundados. (SOUZA JÚNIOR 2002, p. 23)

O discurso de Souza Junior, ao discutir as relações sociais entre sujeitos do mesmo sexo, converge para o pensamento de Touraine, que afirma: "Hoje não é nosso meio social que está em crise, mas nossa própria individualidade." (Touraine, p. 55). E uma das implicações, é claro, da visibilidade e da afirmação reivindicada hoje pelos gays e as lésbicas é: mostrar que a homossexualidade existe e interromper, assim, o processo de reprodução heteronormativas. O que certamente nada muda no fato de que o gay sempre terá, num dado momento da vida, de dizer, ou ao menos de fazer saber aos outros o que ele é, mas isso permite tornar mais fácil o gesto e menos doloroso o momento desse dizer, e uma das formas encontradas é *nomear*.

1.5 - Romance Juvenil – um gênero a ser estudado

Inicialmente, a literatura infanto-juvenil foi vista como um mero instrumento pedagógico, e não literário. Ao discutir o texto infantil nas práticas sociais cotidianas, Cademartori (1995) afirma que o conteúdo do livro infantil era questão de interesse do autor e da sociedade, assim como também havia uma preocupação com a pedagogia do ensino da língua, que via, portanto, no texto infantil a difícil tarefa de divertir e educar simultaneamente, o que resultava por, na maioria das vezes, resumir-se esta literatura apenas à função pedagógica, disciplinadora e normatizadora.

Os Parâmetros Curriculares Nacional não foram omissos quando discutiram essa questão. No seu volume 10, que trata da pluralidade cultural e orientação sexual, o tema do gênero como construção social é apresentado abertamente, deixando claro que no currículo existe espaço para a discussão. Assim está colocado nos PCN: [...] Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o

desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social [...]. (PCN, 1997, p. 144). Ou seja, a discussão já está travada em todas as frentes, desde os parâmetros curriculares até mesmo da necessidade social frente às mudanças emergentes e que irão mudar a representação social sobre o tema. Continuando com o papel que lhe é devido, os PCN também alertam sobre as relações de poder intrínsecas na ideia de gênero e de como os diversos gêneros se relacionam. A ideia de autoritarismo, de perpetuação de uma dada hierarquia entre os gêneros está explicita no texto dos PCN. Assim diz o texto: "A discussão sobre relações de gêneros tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação." (PCN, 1997, p. 144).

O papel do professor na desconstrução dos paradigmas tradicionais estão também dentro do currículo, por meio dos padrões nacionais para o currículo. Desconstruir em sala de aula por meio da educação é uma política pública positivada no texto dos PCN, tamanha é a relevância do papel do professor na instigação e orientação do debate. : "[...] Nessas situações o professor, estando atento, pode intervir de modo a combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero. [...]". (PCN, 1997, p 144).

Entendemos que a homoafetividade apresentada na literatura infanto-juvenil seria necessária e até eficiente para ajudar na construção de um olhar positivo relacionado ao "diferente" sexual. Insistimos nessa necessidade e eficácia da temática homoafetiva na literatura infantil, por considerar que a literatura tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação, desmascaramento de valores, costumes, e também denúncia. (CANDIDO, 2006).

Através dessa literatura acreditamos poder ajudar a construir novos valores, desenvolver um sentimento de respeito ao "diferente" sexual junto aos jovens, enfim, mediar, através dessas obras, o desenvolvimento de boas relações entre indivíduos diferentes. Uma das principais contribuições desse gênero literário é a capacidade de ampliar a visão dos jovens em relação ao outro, já que este gênero estabelece, para ela, uma ponte significativa, entre o mundo ficcional e o real.

Está claro que o tema gênero tem espaço fundamental nas práticas pedagógicas, e não deve ser ignorado em sala de aula. Este espaço e a própria escola deve potencializar a discussão em direção ao esclarecimento diante do diversificado conjunto

de representações e práticas de gênero no meio social. Nesta medida é naturalmente possível que uma dada pessoa possa passear durante a sua vida pelas mais diversas representações de si mesma, nos mais variados papeis sociais. Esta flexibilidade é um ponto crucial a tratar na juventude, momento em que a identidade está em plena formação, e a sala de aula é o meio pelo qual estas escolhas são impregnadas de discussões que devem ser dirigidas pelo conhecimento.

O que parece ocorrer é que a teoria *queer* traz um novo fôlego para os estudos da literatura ligada à homocultura. Ainda assim, cabe salientar que é preciso se apropriar da teoria e adaptá-la à produção literária homoerótica. Como isso será feito não nos cabe resolver agora, mas pensar sobre o fato é importante. Há que se lembrar também que isso não é uma resolução simples e que a questão da heteronormatividade versus homoafetividade ainda não está solucionada. A convivência das diferenças é muito mais difícil do que se parece, num primeiro momento.

Assim, ainda dentro do contexto, a teoria queer, nas palavras de Guacira Lopes Louro, enuncia as necessidades de discussão e desconstrução em sala de aula: "Dentro desse quadro, a polarização heterossexual/homossexual seria questionada. Analisada a mútua dependência dos pólos, estariam colocadas em xeque a naturalização e a superioridade da heterossexualidade." (LOURO, 2004, p. 49).

1.6 - Construindo um cânone e uma tradição

Aqui é importante esclarecer que a *Literatura gay ou homoafetiva* não constitui um gênero diferente de literatura, mas abarca todos os grandes gêneros (narrativa, poesia, teatro, ensaio) e subgêneros. Trata-se antes de um ramo da literatura, uma classificação de um subconjunto de obras literárias para cumprir uma agenda meramente política.

As expressões "literatura homoafetiva" ou "literatura *gay*" estão diretamente associadas a algo muito mais recente: o movimento de emancipação política da comunidade LGBT que ocorreu no fim dos anos 60 – cujos reflexos podem ser sentidos hoje em uma série de "ações afirmativas" que incluem a criação de espaços de convivência cada vez mais numerosos; um mercado de produtos *gay;* manifestações públicas LGBT; e, ainda que de forma tímida, a publicação de obras literárias.

Nesse contexto, a classificação "literatura gay" ou "homoafetiva" é um subconjunto da literatura com conteúdos de temática LGBT ou, definição também

usualmente aceita, escrita por autores LGBT. E é importante e relevante porque se debruça sobre temáticas únicas (particulares a um subconjunto da humanidade) e porque tem um papel relevante na literatura ocidental moderna.

Afinal, a literatura é, possivelmente, uma das formas artísticas mais adequadas à descrição da complexidade e sutileza da sensibilidade LGBT, tendo sido largamente utilizada ao longo da história para partilhar sentimentos, muitas vezes de forma codificada, que de outra maneira seria muito difícil, ou mesmo proibido, expressar.

No momento em que uma história passa a ser publicada (impressa ou na internet), ela se torna uma mensagem, criando assim um processo comunicativo. E dentro do universo da "literatura homoafetiva", merece destaque o trabalho que as mulheres estão fazendo. As escritoras têm feito da arte de escrever um meio de comunicação e de afirmação da autoestima lésbica. Esse fenômeno de produção de histórias de autoras lésbicas, com textos que não se restringem ao público lésbico ou LGBT, surgiu a partir de uma inquietação com as obras disponíveis.

É sabido que a literatura é um dos caminhos que melhor podem representar possíveis 'novos' acontecimentos sociais da qual faça parte. Assim, mediante o discurso de Cunha (2006), questionamos também: "Até que ponto o cânone hoje estaria atrelado à noção do nível estético, por certo necessário para reconhecer uma obra literária?" (CUNHA, 2006, p. 241)

Ao voltarmos nosso olhar para o século XX, podemos afirmar que o movimento feminista foi um dos principais movimentos político-culturais para a transformação dos valores e incorporação de outros que mudariam as estruturas sociais e suas relações. Foi através do movimento feminista que demais grupos minoritários encontraram espaço para reivindicações, visibilidade e afirmação de suas identidades. Junto com este movimento, vieram os grupos da margem como os negros, os gays e lésbicas, o sujeito da diáspora, entre tantos. Hoje, contesta-se a sociedade que estabelece o binômio da identidade e da diferença, naturalizando uma identidade e marginalizando o sujeito da diferença.

Se a sociedade ainda usa critérios biológicos para hierarquizar homens em detrimento das mulheres tanto no campo político, cultural e sexual, estabelecendo uma sociedade heteropatriarcal, por outro lado, há resistência e luta por igualade, desta forma, como se daria, por exemplo, a legitimação de uma literatura produzida para e por sujeitos que se relacionam afetivamente com outros do mesmo sexo? Há lugar para ela,

há visibilidade, há espaço para circulação ou essa literatura permanece à margem e no silêncio da invisibilidade? Qual a representação social dessa literatura?

Os estudos teóricos sobre o cânone literário situam-se tradicionalmente sobre a questão da identidade nacional, exclusão e silenciamento dos grupos considerados como minorias. Em nome de uma identidade nacional, a cultura, os discursos e as representações sociais que irão constituir a nação serão forjados como valores masculinos, heterossexuais e brancos, ficando de fora a voz das mulheres, dos negros, dos periféricos de um modo geral. A crítica literária (em especial a tradicionalista) tem exercido um papel fundamental para a instituição do cânone e marginalização de produções literárias consideradas de "valor menor" para a identidade cultural da nação. Conforme Compagnon (2006):

> Retenhamos disso tudo o seguinte: a literatura é uma inevitável petição de princípios. *Literatura* é *literatura*, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente (...), mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência. Não digamos, entretanto, que não progredimos, porque o prazer da caça, como lembrava Montaigne, não é a captura, e o modelo de leitor, como vimos é o caçador. (COMPAGNON, 2006, p. 46).

No processo histórico da formação do cânone literário brasileiro, as mulheres (são o maior exemplo disso), até o século XIX, foram solenemente ignoradas. Delimitaram-se as fronteiras sobre o que se constituiria como corpus oficial, ficando a produção literária das autoras ignoradas no processo histórico da institucionalização do cânone literário. O cânone foi sedimentado a partir de uma cultura patriarcal e eurocêntrica alçada à condição de universal, e, por isso, ignorando toda uma diversidade de minorias ou de cultura diversa da instituída como padrão. São os estudos contemporâneos que desestabilizam os referenciais ocidentais ao questionar noções de representação e identidade e estabelecerem uma crítica literária revisionista e de resgate.

A literatura deve, pois, redefinir o lugar do cânone, do discurso construído como identidade, sendo necessária, para isso, a consolidação de estudos revisionistas sobre a própria crítica literária, visto que é ela, a crítica literária, quem sedimenta os "novos" padrões a serem seguidos, e com a literatura homoafetiva não será diferente. E, conforme Souza Junior, "Diante disso, entendo, por fim que os estudos de Literatura e homoerotismo deve filiar-se a uma tradição maior, e mais antiga, do que a que

pretendemos consolidar: a tradição dos estudos literários." (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 83)

1.7 - Pela constituição de um paradigma crítico - Da crítica literária à critica da cultura

No lugar antes ocupado pelos arcaicos estudos acadêmicos *higienistas* do século XIX, preocupados em desvendar os *males da pederastia* – ou ainda para as possíveis causas da "patologia" da homossexualidade, emergiu um interesse em analisar a construção social dos significados associados à condição homoafetiva. Não é nossa intenção aqui discorrer sobre a historicidade desse processo. Cabe-nos mais o foco de interesse nesse instante em que áreas e temáticas consideradas até então marginais nos espaços acadêmicos tornaram-se objetos de estudo de centros universitários e núcleos de pesquisa, e passaram a ser analisados sob um viés cultural — mais especificamente suas representações na literatura juvenil e seu diálogo com a crítica literária.

Segundo Candido (2008), o meio social é determinante para a produção literária, uma vez que pode influenciar – e geralmente o faz – diretamente a produção dos textos. Desta forma, o crítico questiona:

> qual a influência exercida pelo meio social na obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? (...) Há neste sentido duas repostas tradicionais, ainda fecundas conforme o caso, que devem todavia ser afastadas numa investigação como esta. A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais. (CANDIDO, 2008, p. 18, 19)

Diante do que foi exposto por Candido, é relevante questionarmos em que medida os textos homoafetivos são influenciados por fatores sociais. Se partimos da máxima tão utilizada, de que a arte imita a vida[14], poderíamos afirmar que esta literatura tem como característica a função de representar o que ocorre na sociedade de um modo geral.

O certo é que houve e há uma produção de estudos e de textos homoeróticos ou que tratam diretamente do assunto da orientação sexual /gay, mas ainda há uma dificuldade de propagação dessa produção. Dizendo de outro modo, parece que a produção de crítica e de literatura ligadas à questão da homocultura ainda está em um

[14] E vice versa .

gueto, feita por poucos, para poucos, pois o que existe são alguns trabalhos que recortam uma produção, e uma porção de artigos que recortam objetos mais ou menos isolados. Ainda há a questão de que muitos dos escritores têm uma dificuldade muito grande em assumir que sua produção é gay, e nesse sentido, conforme apontavam, há bastante tempo, estudiosos como Ítalo Moriconi, isso dificulta o reconhecimento dessa produção. Para Souza Junior (2002) o que deveria ser feito era: "Ao invés de buscar fragmentação e descontinuidades, como nos inspiram as teorias críticas da pós-modernidade, poderíamos, ao contrário, buscar permanências e consistências." (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 77/78)

Se há ausência de uma crítica literária sobre essa produção, podemos dizer que ela é consequente do tabu que cerca as relações homossexuais e da censura velada que coíbe as produções literárias homoafetivas. Escrever sobre literatura homoafetiva ainda está associado, no Brasil, à qualificação do texto como subliteratura.

O espaço conferido à literatura homoafetiva ainda é, para a sociedade "essencialmente" heterossexual, o espaço privado ou a margem. Isso ocorre porque o discurso literário é androcêntrico, legitimado pela também androcêntrica sociedade. É canônico e, como tal, é um produto social comum aos valores construídos e incorporados como naturais ao homem e à mulher. Seu capital simbólico se faz através do constructo masculino heterossexual. Por isso, a literatura gay ainda está limitada a poucos espaços de circulação e valorização literária. Se a crítica feminista questiona a organização da matriz canônica e suas relações ideológicas e institucionais que deslegitimavam as vozes de raça, gênero e classes sociais estranhos ao pensamento hegemônico, essa própria crítica feminista deve estar atenta hoje para que também não reproduza a matriz de exclusão, no que se refere à literatura homoafetiva. Ao silenciar sobre essa produção, desqualificando-a quanto a seu valor literário e/ou estético, pode reafirmar-se a tradição normativa canônica da não diversidade no pensamento literário.

CAPÍTULO 2 – AS CONFIGURAÇÕES HOMOAFETIVAS EM ROMANCES JUVENIS

Ao chegar à adolescência e juventude, a marcação dos papeis feminino e masculino torna-se mais intensa, posto que a sexualidade emergente, também, se encontra atrelada a todo um sistema normativo de condutas. Das garotas, espera-se uma reprodução estética adequada, que lhe é fornecida pela mídia televisiva, escrita, virtual, etc. A modelagem da beleza serve-lhe de atributo para conquistar o sexo oposto, mesmo quando se cobra destas uma abstinência sexual.

Dos garotos, exige-se um comportamento viril, masculinizado, domínio e/ou proteção do sexo "frágil". Espera-se deles um padrão de comportamento que lhes cerceiam a espontaneidade, a liberdade. Para Souza Júnior (2002):

> A ênfase nas diferenças e nas descontinuidades pretende negar a permanência de identidades homogeinizadoras que aprisionariam os sujeitos em estereótipos sufocantes. Existe uma opção delibera por se ignorar o que há de semelhante nas experiências de pessoas que, ao longo da História, mativeram relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, como demonstram as pesquisas de John Boswell e, na História do Brasil, as de Luiz Mott. (SOUZA JÚNIOR 2002, p. 71).

Tais construções sociais tem repercussões desastrosas para muitas e muitos adolescentes e jovens que não conseguem obedecer à performance determinada por seu respectivo sexo. Tal inadequação gera um contingente de excluídos sociais pela não competência em exibir-se como a modelagem impõe. Neste caso, os papeis sociais de "ser masculino e feminino" entrecruzam-se com as performances sexuais de hetero e homossexualidade, lançando sobre esses indivíduos a suspeita de práticas sexuais não-normativas.

Para Maingueneau (2001), a literatura sofre influências, ou seja, acaba sendo condicionada pelos ditames sociais/morais que a sociedade impõe, todavia cabe ao escritor saber explorar estas questões, pois conforme o autor:

> A literatura como configuração institucional condiciona os comportamentos, mas, para criar, o escritor deve explorar esse condicionamento e interferir nele. As obras emergem em percursos biográficos singulares, porém esses percursos definem e pressupõem um estado determinado do campo. (MAINGUENEAU, 2001, p. 45)

Muitos conflitos se instalam, principalmente, de ordem psicológica e os dois sexos perdem a oportunidade de vivenciar com naturalidade suas escolhas e particularidades, assim, o sujeito seja ele violento ou pacato, dócil ou não, racional ou emotivo, dependendo de fatores outros, como hereditariedade, meio social, educacional, familiar no qual foi educado, dentre muitas outras variáveis que fazem da aventura humana do existir, algo da ordem do singular, da subjetividade de cada um/uma, enfrentará cada vez mais conflitos interiores.

Maingueneau (2001) destaca com veemência esse processo, ao afirmar que muitas vezes o sujeito precisa "perder para ganhar", é como que afirma-se ao se negar, dizer quem se é, no silêncio da enunciação literária:

> A enunciação literária é, desse modo, menos a manifestação triunfante de um eu soberano do que a negociação do insustentável. Presente e ausente desse mundo, condenado a perder para ganhar, vítima e carrasco, escritor não tem outra saída senão prosseguir, senão o movimento que o conduz a obra. É para escrever que preserva sua paratopia e escrevendo pode redimir desse erro... (MAINGUENEAU, 2001, p. 45)

A literatura infantil sempre esteve associada à educação, logo, à leitura do livro infanto-juvenil de temática homoafetiva, proporcionada na fase inicial de ensino, atenderia a necessidade de começar a compreender desde a infância os problemas que afetam as diferenças sexuais, isso porque entendemos que a escola pode ser estimuladora, divulgadora e principalmente problematizadora dessa temática no universo infantil, reverberando para todos os âmbitos ou lugares sociais.

A análise de obras com temáticas homoafetivas, como propõem, por exemplo, os estudiosos dos Estudos Culturais, além de ajudar na divulgação dessas obras, serve para subverter as discriminações que essa literatura vem sofrendo ainda na contemporaneidade. As obras procuram contribuir para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do indivíduo, direcionando-o para a construção da alteridade, explorando questões que possibilitem esse processo de interpretação positiva, tolerância ou aceitação do outro.

Evidentemente, desde a infância a leitura literária possui um papel fundamental na construção de si mesmo. É verdade que a função principal da literatura infanto-juvenil ainda é pensada principalmente na formação pedagógica do indivíduo, porém, o que difere é o tipo (novo) de indivíduo que ela pretende formar, ou melhor, estimular para formar.

Segundo Zilberman (2003), a literatura é um suporte para a experimentação do mundo exterior, o qual preenche de maneira particular e sistemática a realidade que a criança não pode perceber sozinha. Ela possibilita o alargamento de seu domínio linguístico e compreensão do fictício. A literatura infanto-juvenil surge não como um manual de modelos a serem seguidos, utilizados por todos, mas como uma abertura, um alargamento do conhecimento cognitivo da criança e/ou jovem, apresentando-lhes novas possibilidades, novos olhares:

> […] a literatura infantil contraria o caráter pedagógico antes referido, compreensível com o exame da perspectiva da criança e o significado que o gênero pode ter para ela. Sua atuação dá-se dentro de uma faixa de conhecimento, não porque transmite informações e ensinamentos morais, mas porque pode outorgar ao leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades intelectuais. (ZILBERMAN, 2003, p.46)

Quando a literatura infanto-juvenil aborda a temática da homoafetividade imaginamos que sua leitura dá ao indivíduo a oportunidade de perceber as diferenças sexuais não apenas a partir de um discurso de uma sociedade culturalmente machista, mas como uma tomada de consciência das possibilidades afetivas existentes na sociedade de um modo geral.

Marcado pela descentralização do sujeito, o século XX, segundo Hall (2005), é formado por sociedades que estão constantemente sendo "descentradas". A diferença e as variadas identidades do sujeito são uma realidade neste século. O sujeito do século XX é percebido sem identidade fixa, essencial ou permanente. Essa descentralização quebra os princípios que até aqui regiam soberanamente, nas sociedades, como o patriarcalismo e o capitalismo, o que é percebido e refletido nas obras infantis de temática homoafetivas que começam a ser produzidas neste século.

Essas temáticas têm mais representatividade no século XXI. Mas no século XX, na velocidade em que as teorias iam sendo divulgadas pelo mundo, as escolas e os movimentos que surgiram ofereceram oportunidade de discussões sobre as principais ideias que afloravam nessa época (identidade, sexualidade, etnia), numa abrangência mundial, quebrando paradigmas, o que Hall (2003) coloca como decisivo para a ruptura do antes com o depois e o agora, relacionado às questões sobre gênero, sexualidade, poder, subjetividade e sujeito, social e inconsciente, etnia, infância.

Assim sendo, vários autores começaram a produzir obras que refletiam tais inquietações que se tornaram a grande descoberta do período. Identidade, sexualidade,

gênero, a formação do eu no olhar do outro passaram a ser uma constante na literatura. Por isso, sabemos que essas questões vêm sendo algumas das principais temáticas discutidas na contemporaneidade. As questões de gênero e sexualidade, identidade e diferença tornaram-se alvo tanto das teorias educacionais críticas quanto dos estudos voltados para a cultura, e acompanhando tal "explosão discursiva", a literatura infantil, pretendendo inserir a criança no contexto das discussões sociais, tornou-se canal "[…] expressivo de valores e de conceitos fundados sobre a realidade social" (PALO & OLIVEIRA, 1986, p. 10), incluindo, pois, em suas obras temáticas que perpassam a questão da homoafetividade.

Nos últimos anos, percebemos um grande impulso na produção do gênero literário infanto-juvenil que vem modificando a forma de representar indivíduos considerados "diferentes" ou inferiores: o negro, o homoafetivo, o idoso, o especial, entre outros. São grupos que surgem na narrativa infanto-juvenil por influência dos estudos voltados para questões de identidade e diferença. Segundo Silva (2000), diferença e identidade são dependentes entre si. A diferença é um produto derivado da identidade e ambas são indeterminadas e instáveis, são um processo de produção simbólica e discursiva; a identidade tornou-se, nos últimos anos, uma das questões mais discutidas no mundo, e vem sendo tematizada também na literatura infanto-juvenil.

Durante esse período, a literatura infanto-juvenil brasileira, através de um movimento de renovação e alternativas para os modelos comportamentais pedagógicos e moralizantes, tão difundidos pela literatura de décadas anteriores, fez surgir vários escritores e escritoras que, acompanhando essa renovação, trouxeram para o contexto infantil uma literatura inquietadora e questionadora, pondo "[…] em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive; questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada." (COELHO, 1985, p. 214)

A partir desse contexto, a literatura infantil passou a ser alvo de discussões e objeto de estudo na contemporaneidade, principalmente nas academias, justamente por estar, tematicamente, incorporando ao seu modo de fazer as novas problematizações que as sociedades vêm discutindo, inclusive as que são propostas nas literaturas destinadas ao público adulto, diferenciando-se pelo uso de uma linguagem acessível ao jovem.

A literatura infanto-juvenil, quando busca representar problemas que afetam ou interferem no indivíduo/sociedade, através de questões relacionadas à homoafetividade,

torna-se um instrumento capaz de educar a criança, direcionando-a para entender a diferença sem o peso da opressão e do desrespeito. Diante disto Silva (2007) destaca que:

> Todavia o diferencial que marca a literatura infanto-juvenil clássica da contemporânea é a abertura ao novo, aos diferentes que as sociedades de hoje se permitiram. Se antes as normas de conduta e vivências eram limitadas, vigiadas e punidas, hoje há outras normas vigentes que regulam com mais tolerância o corpo, a sexualidade, o ponto de vista, a moda, a fé professada, a profissão abraçada, os modelos de família. (SILVA, 2007, p.123).

A identidade quando questionada no contexto das narrativas literárias infanto-juvenis, dá ao leitor a oportunidade de perceber as várias identificações assumidas pelos personagens, inclusive identidades de gênero e sexual. Se a identidade ou as identidades são transformadas continuamente, influenciadas pelos sistemas culturais aos quais estamos inseridos, essa influência para a transformação – de identidades "normais" – quando não acontece dentro dos padrões eleitos culturalmente, como a identidade heterossexual, é discriminada e sua diferença é acentuada através de preconceitos sofridos por seus protagonistas.

Por conseguinte, a literatura infanto-juvenil passa a discutir temáticas que focalizam o que são considerados problemas que comprometem as relações sociais entre os indivíduos, interpretados como normais (heterossexuais) e/ou grupos marginalizados (homossexuais), por serem instituídos devido à força discursiva do masculino sobre os mesmos.

2.1 - Personagens na literatura juvenil de temática homoafetiva

Dentre os elementos que compõem as narrativas literárias, a personagem figura como o que mais chama atenção dos leitores, justamente, porque se concentra nela o esforço do escritor de aproximar a ficção da realidade, não obviamente desmerecendo o valor dos demais elementos. É através da construção das personagens, das ações que executam, dos espaços onde estas acontecem, no tempo em que acontecem que o crítico pode interpretar em que medida o texto literário problematiza questões socioculturais, uma vez que o texto não é mero reflexo, mas um meio dinâmico cuja dependência e fidelidade com a realidade não acontece de forma direta.

O conceito de personagem na tradição dos estudos literários sobre os gêneros narrativos procura separar a noção de *pessoa* da dos seres de papel dos contos, romances, crônicas, peças teatrais, telenovelas e narrativas fílmicas. Moisés (2007, p. 348) traz uma definição eficaz desse elemento da narrativa:

> Designa [...] os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos: se estes são pessoas reais, aqueles são "pessoas" imaginárias; se os primeiros habitam o mundo que nos cerca, os outros movem-se no espaço arquitetado pela fantasia do prosador.

É importante ter em mente, conforme alerta Candido (2007), que por mais complexa que possa ser uma obra literária, não é possível mensurar totalmente a complexidade da vida e das pessoas através de um romance e de uma personagem. O sujeito ficcional apresenta um perfil limitado de características humanas, é possível distinguir-lhe um número determinado de atributos que se restringem também ao tamanho do texto, a escolhas por parte de seu criador sobre que nuances apresentará de sua personalidade, que imagem física deixará transmitir daquele ser de papel:

> a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem [...] Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrosem na composição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, duma existência. (CANDIDO, 2007, p. 75).

Ocorre dessa forma, uma seleção de traços (físicos e psicológicos) que formam a personagem de ficção, haja vista a impossibilidade de descrever a totalidade de uma existência. As personagens que compõem as narrativas-corpus de nossa discussão possuem aspectos em comum quanto à perspectiva comportamental, por exemplo, a construção estereotipada de personagens masculinos como frágeis, a relação conflituosa destes com seus pais, o que reflete visões machistas e discriminatórias.

Na leitura e na escrita do texto literário percebemos aquilo que por analogia, corresponde ao senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura muitas vezes pode apontar para aquilo que as pessoas são ao simplesmente problematizar suas relações pessoais ou ainda, dependendo do texto, nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é um evento, uma instituição que chega a ser comungada mediante a leitura do texto literário.

É mais que um conhecimento reelaborado: ela, a literatura, é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura ocorre o que poderíamos chamar da "união das diversidades[15]", uma vez que podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que internalizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção como sendo praticamente absolutas.

Diante disto, podemos destacar, mediante as colocações Cabanãs (2000), o fato de que a impessoalidade, outrora tida como um distanciamento, surge como uma marca estética expressiva, uma vez que representará a coletividade, identificando-a, assim:

> É importante ressalvar que as manifestações estéticas mais definitivamente pós-modernas não são impessoais no clássico sentido moderno, quando se despojar do eu era a atitude necessária para a configuração de um território que permitisse a expressão desse outro que nos completa. O impessoal adquire uma nova versão, um sentido inédito, porque assinala um aqui e um agora sem ninguém. Um vazio de historicidade, por um lado, e o coletivo transfigurado em massa inidentificável para preencher tal vazio, pelo outro. Em suma, um tipo de experiência estética que joga perigosamente com o silêncio, aproximando-se cada vez mais dele. (CABANÃS, 2000, p. 51)

Diante de intensas transformações, a noção de sujeito e, consequentemente, de identidade tornam-se bastante complexas, quase "indefiníveis", uma vez que não é possível estabelecer um limite, um modelo "único" e preciso do que realmente seja o sujeito que habita as sociedades de hoje.

A partir dessa perspectiva, as temáticas e as personagens da literatura direcionada para o jovem leitor deixam de "poupá-lo de assuntos desagradáveis" ou de subestimar sua capacidade de compreensão sobre problemáticas que já faziam e fazem parte do seu cotidiano, mas que eram intencionalmente silenciadas nas obras direcionadas a esse público. As personagens da literatura para crianças e adolescentes de hoje sofrem, enfrentam conflitos, amadurecem, ou seja, são mais humanas.

Ao aproximar-se mais do leitor, seja por meio da linguagem ou de qualquer outro recurso estilístico, é possível perceber que a literatura destinada aos adolescentes, ou até mesmo às crianças, pode, talvez, alcançar o público leitor de modo mais abrangente.

Desta forma, os conflitos internos que as personagens enfrentam são, na maioria dos casos, aspectos inerentes à condição humana, tais como a doença, a morte, a

[15] Utilizo o termo diversidade aqui não no sentido sexual, mas da diferença em si, seja ela qual for.

invalidez, o desamor dos outros. A dor pessoal que estes conflitos causam é sempre apresentada nas obras tomadas como corpus de análise a partir da dupla mensagem de sua inevitabilidade e de sua possibilidade de ser assumida, de forma afetiva, durante o processo de construção de sua personalidade, diante disto Giddens (1993) afirma que:

> A "emergência" da homossexualidade é um processo muito real, com consequências importantes para a vida sexual em geral. Foi assinalado pela popularização da autodeterminação *gay*, um exemplo daquele processo reflexivo em que um fenômeno social pode ser apropriado e transformado através do compromisso coletivo. *Gay*, é claro, sugere coletivo, abertura e legitimidade, um grito muito diferente da imagem da homossexualidade antes sustentada por muitos homossexuais praticantes, assim como pela maioria dos indivíduos heterossexuais. (...) Em nível mais pessoal, no entanto, o termo gay também trouxe com ele uma referência cada vez mais difundida à sexualidade como uma qualidade ou propriedade do eu. Uma pessoa "tem" uma sexualidade, gay ou outra qualquer, que pode ser reflexivamente alcançada, interrogada e desenvolvida. (GIDDENS, 1993, p. 24).

Assim, torna-se "normal" querer ser aceito pelo grupo a que se quer pertencer durante a adolescência. É normal usar um modelo idealizado – como uma atriz de cinema ou um jogador de futebol – e sentir-se inferior, em comparação. É normal se preocupar com todas as mudanças que de repente acontecem no e com o corpo e com a manifestação dos desejos que chegam com a puberdade. O que não se costuma ouvir é que é normal ser diferente.

O conceito de diferença difundido pelo senso comum engloba o pensamento (pre)estabelecido e procura (des)qualificar os preceitos das noções de categorias. O sujeito marginalizado, por sua vez, apenas recebe a informação, que lhe sobra e destrói toda possibilidade de tratar suas diferenças com diferença.

Em diferentes épocas, as sociedades reagiram de formas específicas (cada qual a sua maneira), diante do contato com uma cultura diversa à sua. Um fenômeno, porém, assinala os contatos culturais: o estranhamento diante de costumes de outros povos e a avaliação de formas de vida distintas, a partir das práticas culturais singulares de cada povo. Nesta perspectiva, os distintos comportamentos que organizam a sociedade em relação às normas culturais, instituem internamente padrões de conduta que são fixados como aceitáveis ou inaceitáveis. Todavia, é evidente que o estranho/esquisito é um sentimento universal, mas culturalmente, hoje, as fronteiras entre o normal e o anormal, o igual e o diferente são constantemente desestabilizadas, questionadas, o que remete à

impossibilidade de se definir conceitos rígidos que engessem sujeitos em categorias imóveis, não deslizantes. Assim, para Nunan (2003):

> O estereótipo, em si, pode ser entendido como um comportamento funcional e adaptativo, pois com frequência é uma forma de simplificar e agilizar nossa visão do mundo, julgando pessoas ou situações em termos de categorias (Paul, 1998). Como vivemos sobrecarregados de informações, tendemos a nos poupar de gastos desnecessários de tempo e de energia cognitivas e utilizamos o estereótipo como um atalho para entender o complexo mundo que nos rodeia, particularmente quando estamos em situações ambíguas, apressados distraídos, preocupados, inseguros, cansados, emocionalmente excitados, quando somos jovens demais para absorver a diversidade ou se estamos julgando indivíduos desconhecidos. Assim, esse atalho pode ser correto, incorreto, positivo, neutro ou negativo. A consequência negativa do estereótipo, no entanto, está nas generalizações incorretas que rotulam as pessoas e não permitem que estas sejam enxergadas (e tratadas) como indivíduos singulares com características próprias, negando-lhes direitos morais e legais. (p. 61)

Conforme as discussões realizadas pela autora, percebemos que é através de rótulos que estabelecemos com mais facilidade nossas relações interpessoais, uma vez que eles nos permitem antecipar "certos" (pre)conceitos e/ou comportamentos. Atribuir um "rótulo" cultural a um indivíduo distorce nossa percepção, pois nos predispõe a erguer um discurso que, pela nomeação, cria ou instaura uma "espécie" (no dizer de Foucault), arrolam-se outros indivíduos na mesma categoria (já minorizada) e, a partir de então, pode-se justificar esquemas de ordem geral como "normal/anormal". A compatibilidade de sujeitos com o "rótulo" cultural constitui uma categorização forçada porque atende imediatamente à reafirmação do "modelo" em detrimento do que existe fora. É a confirmação do estereotipo como padrão, ou seja, torna-se mais "fácil" e viável, perceber os sujeitos mediante esses modelos pré-estabelecidos como verdades absolutas.

Assim, se a temática sexual já é/era considerada tabu na literatura infantil e juvenil, a inclusão desse tema quase que se restringe somente à orientação heterossexual. Embora se abra espaço para novas temáticas, a homoafetividade continua, de certa forma, sendo um tabu, principalmente em obras direcionadas para o público infantil e juvenil, fato comprovado pela ínfima quantidade de obras que se propõem a trabalhar tal perspectiva afetivo/amorosa em seus enredos.

Todavia, poderíamos dizer que, de modo geral, o tabu anterior foi "violado" a tal ponto, que a menção do amor[16] nas narrativas para adolescentes parece agora quase inevitável. Tanta presença afetivo amorosa chega até à descrição de um certo grau de expressão sexual das personagens. Perceber-se como "normal" e aceitar seus desejos como possibilidade de realização pessoal são processos a serem vividos durante o percurso de amadurecimento que as personagens irão trilhar no decorrer das narrativas, como poderemos verificar nas análises destas obras. Para Facco (2009):

> A literatura infanto-juvenil tem sido ligada, por diversos autores da atualidade, a problemas sociais, especialmente relacionados com as minorias, como os negros, as mulheres e, com muito menor freqüência, os homossexuais, com a clara intenção de minorá-los. Contudo, deve-se tomar cuidado para que esses textos não se tornem panfletários, preocupados apenas em transmitir determinados valores, pois perderiam o seu valor literário, sendo substituídos, a contento, por textos informativos. (FACCO, 2009, p.221).

É importante destacar o fato anunciado por Facco, ao questionar a criação/repercussão das obras literárias que apresentem o sujeito de orientação homoafetiva, para não cair apenas na questão da militância exacerbada, esquecendo-se da obra de um modo geral, principalmente no que concerne àquilo o que a autora mesmo nomeia de "valor literário", que poderíamos aqui entender como valor estético. Para Cabanãs (2000), por sua vez:

> Muitas das produções artísticas e literárias correspondentes a esta nova situação realizam malabarismos técnicos que, pouco a pouco, deslocam o foco de atenção do pólo temático da obra para aquilo que poderíamos chamar de invenção de um código. Por isso, o que irá se destacar com intensidade neste tipo de registro estético é o seu próprio conjunto de princípios compositivos, seu próprio sistema construtivo (...) (CABANÃS, 2000, p. 44).

Assim, o mercado, a militância, ou qualquer outra esfera torna-se questão relevante, uma vez que não podemos esquecer o fato de estarmos tratando de um produto de mercado. Todavia, se entendemos a obra literária não só como um produto, mas prioritariamente como arte, estas questões devem ser postas em segundo plano, de modo a não prejudicar a sua produção, fato que nem sempre se concretiza.

O corpus selecionado para análise neste trabalho foi escolhido obedecendo ao critério da temática e representação dos sujeitos homoafetivos nos enredos das obras,

[16] Inclusive o amor entre iguais – aqui entendido como homoafetividade.

por entender que estas são uma das primeiras formas de se categorizar este estudo, conforme Barcellos (2006): "Uma primeira forma de abordagem da relação entre Literatura e Homoerotismo constrói-se pelo viés temático. Trata-se de identificar, circunscrever e analisar temas e subtemas homoeróticos nos textos literários" (p. 19)

Deste modo foram selecionados para o desenvolvimento desta discussão, os romances juvenis: *O amor não escolhe sexo* (1997) de Giselda Laporta Nicolelis, *Menino ama menino* (2000), de Marilene Godinho, *Cartas Marcadas. Uma história de amor entre iguais* (2007), de Edson Gabriel e Antonio Gil Neto e *O Diário de Rafinha – a duas faces de um amor* (2009), de Léo Dragone, por um motivo de ordem geral: o fato de que até o momento dessa escrita esses são os únicos romances brasileiros destinados ao público juvenil, de que se tem conhecimento, que abordam a homoafetividade em seus enredos [17] e por perceber que eles possuem as características básicas que atendem a este estudo, a saber, tratam-se de obras que apresentam o sujeito homoafetivo em seus enredos de forma direta, ou seja, sem metáforas, sem eufemismos, de um modo mais objetivo.

Um outro elemento em comum, e que é relevante destacar, é que todos os protagonistas dos romances selecionados são masculinos, e de famílias 'tradicionais', ou seja, atendem ao padrão familiar burguês: heteronormativista, cristão e preconceituoso, dentre outros elementos que iremos aprofundam nas discussões a seguir.

Acerca da configuração heteronormativista dos personagens da literatura brasileira, Garcia (2011) destaca o fato de:

> Os personagens da literatura brasileira se definem na maneira de ler a cultura de homens heterossexuais, arraigados por legados estruturantes, buscando assegurar a honra de ser macho e viril. Muitos deles ilustram a dor que carregam com a sua ontologia. Cito, por exemplo, os machadianos, que transitam nos cafés entre amigos boas-vidas; muitos vagabundeiam, conversam sobre mulheres, as mocinhas na faixa de dezoito anos, as romanticamente apaixonadas, filhas de coronéis e de tabeliãs, as viuvinhas economicamente dotadas e à espera de um novo pretendente. (GARCIA 2011, p.54)

As obras aqui analisadas, assim como as já comentadas, se juntam a um "sistema" em que a qualidade textual, o trabalho com a linguagem é elemento básico na

[17] É importante ressaltar que pode existir outros romances juvenis que abordem sem seus enredos a homoafetividade, todavia, ao longo de nossas pesquisas bibliográficas, durante alguns anos pesquisando esta temática, esses foram os únicos que nos foi possível catalogar, até setembro de 2011.

composição e materialização do texto. Discutem a subcultura gay exibindo-a em suas particularidades, seja através de uma linguagem que aproxima o leitor da vivência gay, seja afastando este mesmo leitor das experiências gays que poderiam ser tomadas ou vistas como positivas. Lançam-se, assim, nestes projetos de autoria valores, preconceitos, violências e outras formas simbólicas de negação e de tolerância quanto à diversidade sexual, nas sociedades, sobretudo quanto ao estranhamento do convívio com o gay nos espaços materiais e simbólicos da cultura brasileira.

As obras citadas realizam o efeito estético através de vários recursos pertinentes ao contexto de cada uma delas. Segundo Compagnon, "Afastemos, antes de tudo, esta primeira objeção: como não existem elementos linguísticos exclusivamente literários, a literariedade não pode distinguir um uso literário de um uso não literário da linguagem." (COMPAGNON, 2006, p. 42)

A imagem das paixões homoafetivas, seja no plano do real, ou do ficcional no que concerne as obras da literárias, é representada por leituras de personagens que vivem no isolamento e me parecem ser referência para o recurso midiático da atualidade (em especial o computador e a internet). Situação em que a literatura dá mostras de leitores que cultivam, em suas falas, escritas e vozes, o sexo cultuado como objeto e em formato que implica politizar, de alguma maneira, o discurso. Diante disto, Touraine (2010) destaca o fato de que:

> Tudo nos convida a fugir de nós mesmos, a correr atrás de estimulações tão numerosas e diversificadas que nosso eu sobrecarrega-se a ponto de prostrar-se ou romper-se. Se o sujeito tende a desaparecer, é porque ele é jogado dentro de um universo sem fronteiras, onde os sinais, as linguagens e o estímulo ou a ameaça o cercam de todos os lados. (TOURAINE 2010, p. 55).

Assim, conforme o autor destaca, um fato interessante que ocorre nas relações das personagens e que são recorrentes nas narrativas em estudo é a forma como são criados os estereótipos acerca delas e como eles são utilizados para menosprezar aqueles que se apresentam como desviantes do padrão vigente.

Por conseguinte, observar o modo como as personagens se relacionam com ou no espaço da obra literária é fundamental para uma ampla compreensão acerca de suas ações, sensações e desdobramentos do enredo, uma vez que os processos de percepção da realidade ocorrem, principalmente, por meio da experiência entre gradientes sensoriais e o mundo externo, incluindo aqui sujeitos e objetos situados em um determinado espaço.

Um novo tipo de protagonista é construído na literatura brasileira contemporânea. Saem os mocinhos salvadores de donzelas e entra um outro tipo de personagem: os que sentem atração por pessoas do mesmo sexo. O mercado editorial brasileiro responde a uma mudança pautada numa reivindicação social e mercadológica e publica romances que exaltam o amor homoafetivo. Braço do Grupo Editorial *Summus*, a *Edições GLS* foi um dos primeiros exemplos de selos editoriais totalmente voltados para o mercado gay. Hoje já encontramos outros casos como a *Editora Malagueta, Editora Escândalo, Bico de pena, Zayas*, dentre outras

Faz algum tempo que vemos a cultura LGBT crescer em solo brasileiro. Tanto em quantidade quanto em qualidade. O público consumidor se torna cada vez mais assíduo e exigente, mais engajado e atuante. No âmbito da literatura, não é diferente. Em Salvador já se tem a sua primeira livraria GLS em funcionamento. Chama-se GLS Presentes, com foco cultural, de linguagem e informação na literatura homoafetiva.

Muitos dos novos escritores GLS iniciam as carreiras publicando textos no universo virtual. Sites especializados afloram aos montes na internet. Com esse percurso, o autor enxerga uma tradição estética homoafetiva. Na internet também é possível encontrar os mais diversos relatos que vão desde casos de gays se assumindo até familiares de gays apresentando como eles conseguiram lidar com a diferença de seus parentes etc. Essa produção ainda é tímida quando se trata de publicações, mas a tendência é acelerar o crescimento devido à política de visibilidade e do combate à homofobia promovido pelo governo.

Isso sem contar a literatura que é produzida e consumida na internet. Num país em que as tiragens de livros raramente passam de 30 mil exemplares, ter histórias com mais de 100 mil leitores é um fato a ser bastante comemorado. E tanto os livros quanto as histórias online são, por certo, obras fundamentais para entender a evolução da homossexualidade em seu contexto social, não consiste apenas em considerar a homossexualidade como um tema, mas afirmar uma experiência que interliga vida e obra, sem reduzir a obra a um dado da biografia, pois a experiência homossexual nada tem de redutora, ao contrário, implica uma ética e uma estética dentro do universo literário.

2.2 - *O amor não escolhe sexo* e a representação da homoafetividade

O objetivo deste tópico é fazer uma análise do romance O *Amor não escolhe sexo* (1997), de Giselda Laporta Nicolelis. A obra em questão pode ser destinada a um público pré-adolescente e adolescente, pois nela a autora narra a história da "amizade" de dois jovens adolescentes, Marcos Aurélio e Cristiano, que se conhecem desde os três anos de idade, e que no momento atual da narração, aos dezoito anos, diante das várias transformações corporais, culturais e das sociabilidades e grupos de pertenças de suas vidas, começam a se questionar sobre o verdadeiro conteúdo da amizade entre eles. Marcos Aurélio e Cristiano são bastante amigos, tem a mesma idade e gostam praticamente das mesmas coisas: futebol, baladas e "garotas". A questão da *diferença* entre os personagens surgirá como um dos principais marcadores linguísticos nas narrativas de temática homoafetiva. Nesta narrativa aparecerá inicialmente como diferença física, conforme diálogo entre os dois personagens, já no início do romance:

> – Já percebeu como somos *diferentes* fisicamente? – falou. – Você é loiro de olhos azuis e eu, moreno de cabelos e olhos negros.
> – Só fisicamente? Somos *totalmente diferentes* em tudo. (*O amor não escolhe sexo*[18], p. 12, grifo nosso).

O termo diferente é ressaltado de modo a dar ênfase a relação existente entre os "amigos". Marcos Aurélio nutrirá um sentimento diferente do que imaginava por Cristiano, gosta dele não como amigo, mas como descobrirá ao longo da narrativa, o ama.

Marcos Aurélio é um dos garotos mais populares da escola, considerado um verdadeiro "garanhão". Namora Gislaine, também uma das meninas mais bonitas de toda a escola, porém ele não se furta da presença do amigo Cristiano em nenhuma hipótese, mesmo que para agradar Gislaine (que é completamente apaixonada por ele), que passa a não gostar nem um pouco dessa amizade de Marcos Aurélio com Cristiano:

> Por que Gislaine implicara assim de repente com Cristiano? Nem pensar, mas nem mesmo, que algum dia abriria mão da amizade do seu melhor amigo por uma gatinha, ainda que tivesse olhos verdes e fosse encantadora como Gislaine. (*O amor não escolhe sexo,* p. 30).

[18] Preferimos utilizar o nome das obras nas referências ao invés dos nomes dos autores numa analogia mais clara as obras.

Assim, ao longo da narrativa, Marcos Aurélio demonstra uma total fidelidade a Cristiano, que ultrapassa os limites da afetividade entre amigos, e não consegue nem pensar na chance de ficar longe do amigo, pois "Ele era *mais que um amigo*, era como se fosse um irmão que ele não teve, mas *mais ainda que um irmão*..." (*O amor não escolhe sexo*, p. 31, grifo nosso). O personagem não consegue sequer descrever o grau de importância de sua relação com Marcos Aurélio, ele seria "mais ainda que um irmão", algo sem tamanho, sem comparações. Gislaine, bastante desconfortável com aquela situação, em uma conversa com a mãe, questiona qual o verdadeiro limite de uma amizade:

> − O que tem prioridade na vida, o amor ou a amizade?
> − Depende de situações, da época da nossa vida. Por exemplo, para um jovem, a amizade talvez seja prioritária, porque vive em turma...
> − Eu sei mãe, mas se você está muito apaixonado por alguém, mesmo sendo jovem, você não daria prioridade ao amor, quer dizer, faria tudo para estar o tempo todo com a pessoa que ama?
> − Acho que sim – replicou a mãe. – Mas as pessoas também não são todas *iguais*, reagem ao amor de formas *diferentes*... (*O amor não escolhe sexo*, p. 18, grifo nosso).

Surge, então, na narrativa outro forte marcador linguístico da literatura homoafetiva além da diferença: a *amizade*, pois devemos estar atentos para perceber que o tema da "amizade" muitas vezes aparece como uma máscara para fazer referência a uma relação homoafetiva, como que um disfarce, haja vista as inúmeras "dificuldades" ainda existentes de se falar do homoerotismo. Dizer-se amigo, é bem mais simples e aceitável, além do fato de que muitas vezes o sentimento homoafetivo, surgirá realmente de uma relação de amizade, pois, segundo Barcelos (2006) existem:

> Quatro formas de articulação entre amizades masculinas e homossexualidade na literatura: *a amizade como forma de transfiguração de um desejo não realizado; a amizade como forma camuflada de apresentação da homossexualidade num contexto social adverso; a amizade provocativamente ligada à homossexualidade num contexto de tematização explícita de existências marginais; a amizade como forma duradoura de aliança entre homens num contexto utópico*. (BARCELLOS, 2006, p. 18-19, grifo nosso).

No romance, quando Marcos Aurélio se dá conta do quanto Cristiano era importante para sua vida, e que este poderia ser mais que um simples "amigo", toma um "porre" – para fugir daquele sentimento que já começava a entender, sua orientação

sexual e afetiva. O conflito identitário do personagem começa a se delinear a partir deste momento. Marcos Aurélio não consegue entender o que está acontecendo, e, *perdido* na sua provisória condição identitária, começa a realizar ações que não são condizentes com o seu comportamento habitual. Decide então terminar seu relacionamento com Gislaine, pois não enxergava mais nenhum fundamento neste relacionamento, já havia percebido que não sentia nenhuma atração por garotas, conforme fica evidente no trecho: "Dizem que os opostos se atraem, tanto no amor quanto na amizade. Acho que foi naquele dia que começou a nossa amizade..." (*O amor não escolhe sexo*, p. 10)

Na narrativa aparece a figura do tio materno Carlos que o interpretamos como um representante do sujeito homoerótico. Este, que possuía uma ótima relação com a irmã Luzia – mãe de Marcos Aurélio – era um respeitado médico que se encontrava em Roma, pois costumava viajar muito para congressos e encontros científicos. Porém, depois de Luzia receber um cartão-postal do irmão Carlos, seu esposo, Rodrigo, aparentemente uma pessoa "tolerável", não perdia mais a oportunidade de proferir alguma "piadinha" a respeito do cunhado, o que deixava Luzia muito aborrecida:

> − O que foi que o irmãozinho escreveu dessa vez? O queridinho dele vai bem? – o marido passou por Luzia e fez a pergunta depreciativa, como sempre fazia quando se referia a Carlos. Luzia nem se deu o trabalho de responder. Engraçado. Que seu pai, de geração mais conservadora, fosse homofóbico, capaz de repudiar o próprio filho, ela até podia entender. Mas que Rodrigo, aparentando ser liberal e sempre tão sorridente e compreensivo com os clientes, também fosse, pegara-a de surpresa. No inicio do namoro ele até se propusera a ser mais gentil em relação a Carlos, talvez para agradá-la. Com o tempo revelou-se tão homofóbico quanto a maioria das pessoas. (*O amor não escolhe sexo*, p.46).

Neste trecho, o pai de Marcos Aurélio – que lemos como um típico representante do discurso heterossexual, falocêntrico e patriarcal – através da máscara da "tolerância", estigmatiza o *sujeito diferente*, das mais variadas formas – discursos, ações, olhares –, sujeitando-o sempre a espaços, lugares e posições aquém daqueles que fazem parte da "normalidade", daqueles que mantém o discurso heterossexual e preconceituoso. Silva (2003), diante da proposta de um currículo multiculturalista, destaca o fato de que:

> Apesar de seu impulso aparentemente generoso, a ideia de tolerância, por exemplo, implica também uma certa superioridade por parte de quem mostra "tolerância". Por outro lado, a noção de "respeito" implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são

> vistas como fixas, como já definitivamente estabelecidas, restando apenas "respeitá-las". Do ponto de vista mais crítico, as diferenças estão sendo constantemente produzidas e reproduzidas através das relações de poder. (SILVA, 2003, p. 88).

Fica nítido que as noções de tolerância e respeito estão vinculadas às questões de poder, e não poderia ser diferente, uma vez que aqueles que estão no poder são quem estabelecem as noções de certo e errado, qual o padrão, a norma a ser seguida, restando então, àqueles que não se "enquadram" nesta regra, permanecerem à margem, serem apenas tolerados.

Um outro elemento que "marca" o sujeito homoafetivo – como já citamos – que está presente nesta obra é a crise identitária pela qual o personagem passa, sempre se questionando sobre si e buscando entender o porquê da sua "diferença". Assim, ao longo da narrativa, Marcos Aurélio começa a fazer uma pequena reflexão a seu respeito e começa a perceber sentimentos, desejos inéditos, que passavam despercebidos anteriormente, mas agora, ficavam bem claros:

> Mas *ele sabia, ou fingia não saber*, que nunca fora especialmente atraído por garotas. Ficara com algumas, até namorara, claro, tinha que entrar no esquema, todos os seus colegas ficavam, namoravam, ele precisava mostrar também que era macho. A exceção da turma era Cristiano, que, por causa da timidez, ia devagar. Mas qual a dúvida? Ele, Marco, sempre fora macho, não há nada biologicamente errado com ele. *Desde criança tem a nítida noção de que é menino/macho*. O *seu corpo é de homem, forte, saudável, e ele tem orgulho disso*. Pratica esportes, malha na academia. Não é por aí. "É por onde, então?", interroga-se, aflito. É uma coisa mais íntima, do fundo da sua mente e do seu coração, pois, embora ele tente sempre e sempre relacionar-se com garotas, sinta até atração por elas por um determinado tempo, tudo se esgota, e o esforço despendido é inútil. (*O amor não escolhe sexo*, p. 65-66, grifo nosso)

O protagonista realiza uma espécie de análise da consciência de modo a tentar "justificar" sua opção sexual. Começa a perceber que "nunca fora atraído por garotas", e afirma veementemente que "Desde criança tem a nítida noção de que é menino/macho. O seu corpo é de homem, forte, saudável, e ele tem orgulho disso." O conflito do personagem é latente, uma vez que o narrador descreve que "ele sabia, ou fingia não saber". Marcos admite o fato de sentir-se atraído por alguém do mesmo sexo, mas quer deixar bem claro que continua sendo "homem". Os adjetivos nesse trecho exercem um papel fundamental: forte, saudável, todos de teor positivo e afirmativo do poder do macho que não admite ser questionado acerca de sua força.

A narrativa prossegue e Cristiano, para total desprazer do amigo, começa a namorar uma garota da turma, Tamires, que há muito já se interessava por ele, mas não acontecera nada entre eles devido a timidez do garoto. Marcos Aurélio, transtornado com a junção de novos sentimentos e "revelações" que eclodem em sua vida, decide passar um tempo fora, distante dos amigos e das demais situações para pensar um pouco no que lhe estava acontecendo: de uma hora para outra sua vida tivera sido mudada, todavia percebe que, na verdade, inconscientemente, as mudanças ocorriam e ele não percebia, tamanho impacto tal descoberta provocou.

Ao retornar, depara-se com os questionamentos dos pais que simplesmente não "entendem" o que está acontecendo com seu filho, outrora tão "ajuizado" e "normal". Ao tentar ter uma conversa com o pai, Marcos Aurélio percebe que não será muito fácil – se realmente for essa a sua vontade – assumir a sua orientação homoafetiva:

> − Por quê? O senhor acha que um homossexual não pode ter maneiras masculinas, isso tem que ser sempre um disfarce?
> − Não foi bem isso que eu quis dizer, filho, mas tem muito gay por aí desmunhecando e a gente manja logo. O Carlos até que tem pinta de macho, é preciso conviver muito com ele pra descobrir. Especialmente quando o Kleber está por perto e começam aquelas delicadezas deles...
> − Carinhos, o Senhor quer dizer...
> − Vamos mudar de assunto, Marcos Aurélio, isso me afronta, sabia? Ainda mais sendo um parente tão chegado... Eu só imagino o que o coitado do seu avô sofreu com tudo isso. Ele até que tirou de letra, recebe os dois na casa dele. No meu lugar...
> − O senhor faria o quê?
> − *Nem quero imaginar. Mas não ia engolir bife enrolado, não. Filho meu tem de ser cabra macho, o resto é pura sem vergonhice*. (*O amor não escolhe sexo*, p.83, grifo nosso)

O fragmento evidencia a posição do pai da personagem sobre a homoafetividade: Rodrigo, pai de Marcos Aurélio, representa a cultura androcêntrica, por isso seu discurso é tão carregado de preconceitos e de estereótipos: ele tem impregnado em si a ideia de que o sujeito de orientação homoafetiva deve possuir "trejeitos", ações imitadoras femininas, ou seja, marcadas, afetadas, e não pode agir como um homem "normal"; discursivamente, lhe é impossível visualizar a possibilidade de um filho seu ser homossexual, uma vez que para ele trata-se de "pura sem vergonhice", e isso ele não admitiria. Marcos Aurélio, porém, encontra no tio materno, Carlos, um verdadeiro porto seguro, e começa a questioná-lo sobre muitas coisas das quais tem dúvida, a respeito da vida dos sujeitos homoafetivos:

> − Você se arrependeu de ter assumido... a sua orientação afetivo-sexual, quer dizer, você sofreu muito com isso?
> − Puxa, como está falando difícil, parece até que andou lendo sobre o assunto ou estou enganado?
> − Não, tio, andei lendo mesmo.
> − E por quê, posso saber?
> − Você não respondeu a minha pergunta tio.
> Carlos ficou uns instantes em silêncio como se procurasse as palavras adequadas. Mas Marcos já era quase um adulto, capaz de entender as coisas. Se ele queria saber, por que não?
> Começou a falar... e as palavras do tio, cautelosas mas realistas, parece até que projetavam a vida do sobrinho: as primeiras indagações na adolescência, o sentir-se diferente dos outros garotos; não no entendimento de que era homem, isso ele sempre soubera. Nascera normal biologicamente falando, saudável. Tinha orgulho do seu corpo de *macho da espécie*. Não era por aí... Era uma coisa íntima, profunda, que o fazia sempre inclinar-se para alguém do seu próprio sexo, nos sentido amoroso-sexual. Até tentara, num esforço terrível, relacionar-se com garotas, colegas de escola e depois de faculdade. Mas nenhum relacionamento ia adiante, até que de repente a coisa implodiu: apaixonou-se perdidamente por um colega, estudante de medicina e, como ele, também homossexual. (*O amor não escolhe sexo,* p. 86-87, grifo nosso).

Carlos percebe o conflito que Marcos Aurélio está vivendo, pois já passou por situação similar: a sua reação para com o sobrinho talvez seja um reflexo atitudinal, que busca ajudar o outro a partir das experiências negativas já sentidas, principalmente quanto às dúvidas, aos anseios, às cobranças, então, depois de uma longa conversa, esclarece muitos dos questionamentos feitos por Marcos, deixando-o mais tranquilo. Segundo as palavras de Eribon (2008), "deve existir uma espécie de solidariedade intergeracional" (ERIBON, 2008, p. 47) entre gays mais velhos que ajudam os mais jovens a escapar de seu meio social ou familiar, dando-lhes a oportunidade do "impulso da partida" para uma vida "livre", o que remete a uma cadeia (invisível, aos demais) de solidariedade entre estes.

Um elemento importante que merece destaque é o fato do personagem principal a todo momento reafirmar a sua masculinidade, a sua virilidade: "Tinha orgulho do seu corpo de macho da espécie" (Nicolelis, p. 86), mesmo percebendo a manifestação do seu desejo pelo amigo, e permeado de dúvidas que ele busca, a todo momento, esclarecer-se com o tio, ele sempre repete o fato de ser homem/viril/macho.

Tal elemento pode ser entendido como um mecanismo de se manter no "poder", pois mesmo com a ideia de se inscrever sob uma subjetividade homoafetiva, parece "menos ruim" ser o sujeito ativo da relação. A relação de passividade e/ou semelhança

com uma mulher não se configura como algo apropriado ou até mesmo ‘digno’ de um sujeito.

Ainda permeado de dúvidas, Marco Aurélio decide buscar mais informações sobre o assunto, assim procura uma livraria:

> Foi aí que resolveu saber mais a respeito da dúvida que o atormentava. Entrou numa livraria e comprou uma batelada de livros sobre sexualidade humana, garantindo que dentro deles houvesse capítulos específicos sobre homossexualidade. Queria saber tudo como se estivesse sofrendo de uma doença rara e precisasse descobrir quanto tempo lhe restava de vida. Daí, quem sabe, podia aparecer uma luz. Seu professor não dizia que tudo se aprende nos livros? (...) Mas ele se pergunta o que todos gostariam de saber: existe uma causa especifica do homossexualismo? Por que afinal uma pessoa é homossexual? Aflito, lê, vira páginas e mais páginas, confronta livros. Quer ter uma ideia, ainda que genérica sobre o assunto (*O amor não escolhe sexo,* p. 79)

A partir de suas leituras o personagem elenca algumas possíveis causas para a homossexualidade, a saber: *Causa hormonal*, *Causa neurológica*, *Causa genérica*, *Causas psicossociais*[19]; conforme ocorrera por muito tempo, eram entendidas como possíveis razões que levariam os sujeitos a se relacionarem afetivamente[20] com outros do mesmo sexo. Porém, percebendo que nenhuma das possíveis “justificativas” apresentadas se encaixava com o que estava sentindo, que a questão é muito mais subjetiva do que pensara até agora, começa a encarar a situação de forma bem humorada, numa espécie de resposta a tantas dúvidas ou até mesmo de fuga da realidade:

> A coisa é tão tragicômica que ele cai na risada. Joga os livros para o alto: que diferença faria saber? Ele é o que é, e não vai mudar nada na sua vida descobrir a causa possível homossexualidade. Olha-se no espelho e gosta do que vê. Não é um alienígena, muito menos um bruxo. Apenas um garoto bonito e normal. Na realidade ele tem opção: ou assume o que realmente é, ou irá fugir a vida inteira, inclusive de si mesmo. A escolha por mais dolorosa que pareça, é sua. (*O amor não* esc*olhe sexo*, p. 81)

O riso aparece em muitas obras literárias como um forte elemento na construção dos enredos e dos personagens. Surge de modo bastante relevante, aqui na narrativa,

[19] Percebe-se que as possíveis “causas” elencadas pelo autor há muito já veem sendo discutidas e desconstruídas por estudiosos de um modo geral – médicos, psicólogos, pesquisadores, historiadores, professores etc.

[20] Existe uma tendência entre os estudiosos do tema a acreditar que não há uma única causa para a homoafetividade. Os geneticistas insistem em uma determinação bio-genética, enquanto os psicólogos pesquisam a influência da Matriz de Identidade, ou seja, as relações familiares; ainda uma outra vertente está estudando a influência das vivências externas, sociais, através de amigos, vizinhos etc…

especificamente, pois remete a uma espécie de fuga da situação, de extravaso do personagem que se encontrava em um momento de tensão psicológica, e acaba rindo de todas aquelas circunstâncias, desta forma, quanto ao aspecto do riso, Duarte (2006) afirma que este:

> relaciona-se assim com a tragicidade da vida, mas também com a capacidade de distanciamento: o prazer de pensar, o gosto do engano e a possibilidade de subverter provisoriamente, através do jogo, a condenação a morte e tudo aquilo que a representa. Em geral visto como sinal de alegria, o riso pode revelar o sofrimento em toda a sua crueza. Supostamente cheio de certezas, sujeito desejante dono de seu corpo e de sua vida, o ser se vislumbra submetido às condições biológicas, sociais e culturais, obrigado a ver-se como um ser para a morte, já marcada na descontinuidade que o caracteriza e que ele tenta mas receia eliminar através do amor. Uma solução será portanto o riso, que denota simultaneamente a superioridade do homem e a sua miséria infinita em relação ao ser absoluto de que, como diz Baudelaire, ele possui a concepção. (DUARTE, 2006, p. 51)

Segundo a autora, a questão do riso se manifesta como a saída de uma situação de tensão, e até mesmo de morte – não no sentido extremo da palavra, mas de uma situação complexa e tensa, de um momento de sofrimento do sujeito que por não controlar seus impulsos nervosos acaba que por rir da situação.

Marcos Aurélio, tomado por uma súbita coragem, decide conversar abertamente com Cristiano, porém, depois de uma discussão no pátio da escola com Cristiano e Tamires – na qual ele deixa nítido o seu interesse pelo amigo e sua orientação homoafetiva, sai pilotando desgovernadamente sua moto e acaba por acidentar-se. Cristiano, por sua vez, decide sair do colégio e afasta-se definitivamente do amigo. Passado algum tempo, depois de se recuperar, Marcos Aurélio marca um encontro com Cristiano. Sem identificar-se, envia-lhe flores com um bilhete – como fizera ao longo de todo o romance, falando do seu interesse por ele, e do desejo de encontrá-lo. Cristiano resolve então ir encontrar a tal "garota" misteriosa.

O encontro entre os dois não foi nada cordato. Cristiano, rodeado de preconceitos, tabus e falta de informações, não consegue sequer conversar com Marcos Aurélio. Este, no entanto, sente-se aliviado, pois fora o mais sincero possível para com ele, e como se tivesse tirado um verdadeiro "peso" de suas costas: não pelo fato de ser gay, mas por poder falar claramente com Cristiano sobre o que verdadeiramente sentia.

Carlos, tio de Marcos Aurélio, indica ao personagem um psicanalista amigo, o Dr. Ricardo. Este é "muito competente", o que deixa Marcos Aurélio bastante à vontade

para conversar e discutir os seus problemas. Nesta obra, a figura do discurso científico surge como um auxílio ao "problema" do homoafetivo, não tem aquele valor preconceituoso, que aparece na visão da homossexualidade como um "defeito" genético, ou simplesmente como uma doença que deve ser tratada, porém não deixa de conotar a necessidade de "auxílio" que estes sujeitos precisam, e sempre ajuda especializada, vejamos:

> (...) Doutor Ricardo é ótimo, superprofissional, não tem o menor preconceito. Até parece estranho dizer isso. Mas tio Carlos justamente comentou que há profissionais que não conseguem esconder um certo preconceito em relação a homossexuais e isso é péssimo, porque tira toda a autenticidade do tratamento. Com doutor Ricardo ele se sente livre para abrir seu coração, descer até as profundezas mais desconhecidas... Deve muito a ele ter conseguido recompor as ideias, os sentimentos e tentar aceitar-se como é, encontrar seu lugar no mundo. Ele de certa forma já estava predisposto a isso, depois das suas pesquisas, porém o episódio no colégio, seguido do terrível acidente, abalara muito a sua autoconfiança. (*O amor não escolhe sexo*, p. 119).

O processo de descoberta da sexualidade é muito mais conturbado no jovem com tendências homoafetivas. O direcionamento do interesse afetivo e sexual para uma pessoa do mesmo gênero acontece independentemente da vontade consciente do sujeito, e isso nem sempre se dá de forma tranquila. Apesar de todos os últimos estudos, ainda não se pode definir o que determina a homossexualidade. Embora se utilize o termo opção sexual, não se trata verdadeiramente de uma escolha, de uma opção. Acreditamos plenamente que, se pudesse, a maioria dos homossexuais preferiria a orientação sexual hétero, para não ter que enfrentar todas as dificuldades e preconceitos com os quais conviverão:

> **(...) Uma pessoa é muito mais do que sua orientação afetivo-sexual, nunca se esqueça disso[21]. (...)** Levanta-se, pega a bengala, ele ainda tem muito pela frente para realizar o seu próprio sonho, o de ser um piloto de caça e mais tarde quem sabe até um astronauta. Mas ele vai conseguir, tem nome de um imperador romano, de um grande guerreiro. O problema físico é apenas questão de tempo; quanto ao emocional, ele conta com a ajuda do terapeuta, de Gislane, de tio Carlos, amigos fieis, e, principalmente, da mãe. Nunca dissera nada a ela, não diretamente. (*O amor não escolhe sexo*, p. 122).

Assim, a obra é encerrada, neste tom um tanto quanto "técnico", próprio do discurso científico, apresentando concepções teóricas sobre a temática, porém com uma

[21] O destaque do texto refere-se a sua formatação original.

boa parcela de companheirismo e diálogo que são essenciais ao amadurecimento do sujeito, seja qual for a sua orientação sexual e afetiva, pois além do tema da homoafetividade a autora apresenta outros assuntos como relacionamento entre pais e filhos, amizade, entre outros.

2.3 - *Cartas Marcadas*: escrevendo um sujeito

O outro romance juvenil escolhido para ser analisado nesta pesquisa foi a narrativa *Cartas marcadas* (2007), de Antonio Gil Neto e Edson Gabriel Garcia. A obra narra a história de Duda, um garoto que se vê surpreendido com várias cartas de um "suposto" colega da turma – uma vez que ao término da narrativa, se descobrirá que o amigo é criação do próprio Duda –, o Pedro Paulo. Assim, mediante o recebimento e envio de cartas o personagem construirá sua identidade de gênero e discutirá as particularidades inerentes ao processo de descoberta do desejo homoafetivo, pois desde as primeiras cartas Pedro Paulo declarará o seu interesse por Duda: "Não chegaria a dizer que amo você, pois ainda está um pouco longe disso, não sei direito o que é amor, amar. Mas gosto de você, sinto interesse por você, interesse que vai além da amizade." (*Cartas marcadas*, p. 9)

Temos mais uma vez a manifestação do desejo homoerótico dos personagens representados por meio da "amizade". Começa, então, a partir deste momento, o conflito identitário do personagem principal que fingia não entender direito o que lhe estava acontecendo:

> *Duda entendia, mas não queria entender*, o que acabava de ler. Estava incomodado, muito incomodado. Além da conta. Talvez até porque imaginava essa possibilidade, sentia a presença de Pedro Paulo em suas barras. E alguma coisa vinda de muito dentro de si parecia notar um "outro" Pedro Paulo. Algo estranho e quase familiar ao mesmo tempo. Algo novo entrava em sua vida, e tinha de lidar com isso. Havia uma sensação de repugnância que resplandecia num engolir seco e pastoso. Uma espécie de ansiedade medrosa. (*Cartas Marcadas*, p. 9, grifo nosso)

Após o recebimento da carta, pensamentos diversos tornam a personagem Duda tensa. Ele começa a refletir sobre sua orientação sexual e nas possibilidades dessa realidade, além de refletir sobre as dificuldades que desencadeariam em sua vida caso tomasse a atitude de se assumir gay. O personagem, na narrativa, exercerá determinadas

funções a partir da identidade requerida ou apresentada (Cf. PINTO, 2008a), como corrobora o discurso de Candido (2007):

> Como seres humanos encontram integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 2007, p. 45).

A narrativa segue e vai revelando o perfil do comportamento de Duda, suas formas de agir em casa e na escola. É apresentada, então, a personagem Manuela, melhor amiga do protagonista, que, no momento, relata a traição do namorado. Dessa forma, o universo adolescente vai sendo construído elegendo como principal trama os relacionamentos entre jovens e suas descobertas amorosas.

Dias de verdadeiro martírio se passaram desde que Duda recebera a primeira carta, foi quando, sem saber como havia chegado, Duda viu aquele papel amarelado que despertou sua atenção e desespero, simultaneamente. Não conseguiu esperar pela hora da saída, pediu licença à professora e saiu ávido em direção algum lugar tranquilo e sem pessoas por perto onde pudesse ler escondido aquele valioso escrito. Esta segunda carta era um pouco maior e mais detalhada, nesta Pedro Paulo explica a "origem" de tudo, de como se interessou por Duda, assim como questiona a sua própria orientação:

> Fazia algum tempo que eu vivia isso. É que disfarçava quanto podia e quanto a vida exigia de mim, mas foi só quando eu o *segui naquele seu passeio solitário* pelo campo e me peguei vigiando você que foi ficando mais claro o meu desejo e meu sentimento enjaulado. Acho até que você me viu ali, meio escondido na folhagem, e por isso se mostrou de maneira mais demorada e sutil... quase teatral. Foi daí que voltei correndo, contra a minha vontade, mas de frente com a revelação de mim mesmo. *Descobrira em você a minha identidade amorosa*. Se é que se pode dizer isso. Sei e vou procurar saber mais, pois não sou a única pessoa que vive uma situação semelhante a essa. *Há, houve e haverá muitos e muitos...sabia*? (*Cartas marcadas*, p. 14-15, grifo nosso).

Pedro Paulo destaca o fato de que sempre "houve e haverá muitos*"*, ou seja, muitos sujeitos que se inscrevem sob uma orientação homoafetiva, justificando que ele não era um caso extraordinário, "anormal", que sempre existiu e existirão pessoas que são iguais a ele, e, assim, não estaria sozinho. Outro elemento que merece destaque no

trecho acima, é o fato do personagem passear sozinho "naquele seu passeio solitário", o que é bastante recorrente nas obras aqui analisadas, os sujeitos se auto isolarem ou serem isolados devido a sua orientação afetivo sexual. Os sujeitos são "relegados" a ficarem à margem da normalidade. Temos ainda a afirmação do amigo que diz ter descoberto no outro a sua "identidade amorosa", como numa espécie de reflexo identitário, que se justificará ao longo da narrativa. Depois de ter lido a segunda carta, Duda fica ainda mais confuso, afinal de contas, porque tudo aquilo estava acontecendo?

> Duda ficou mais chateado e temeroso. Perdido. Quase enjoado. Afinal, o que era aquilo? O que estava acontecendo? Será que o pessoal estava percebendo?
> Respirou fundo, bem fundo mesmo. Guardou a carta. Lavou o rosto e as mãos várias vezes. Olhou para todos os lados. Será que ele estava por ali? Que cara abusado! O que fazer agora? (*Cartas marcadas*, p. 18)

Ele é afetado por sentimentos e sensações de valor negativo como o medo, a raiva, o enjôo, e o receio da reação negativa das pessoas. Este é um processo recorrente entre as personagens que se inscrevem sob uma orientação homoafetiva, uma vez que são consideradas "anormais" pela sociedade heteronormativa, a construção da identidade destas geralmente é apresentada como permeada por diversos sentimentos e sensações perigosas, elas se sentem culpadas e sempre se colocam à margem de tudo e todos, o que incita ainda mais seus conflitos interiores.

> Em casa, nem pensar. Ninguém infelizmente estava preparado para escutar deveras a voz do coração. As pessoas das famílias veem tudo enviesado e torto, e acabam não entendendo que algumas pessoas do mesmo sexo podem até se gostar. De um outro jeito. Algo sério, comprometido. Não que fosse o caso dele. Mas era o de Pedro Paulo, que se apaixonara não ele... Mas, mesmo assim, lidar com essa situação perturba e tira qualquer um do ar... Nessa hora, também pensou nos amigos (...) Amigo é para algumas coisas... todas não. (...) E acabou pensando que no caso de agir rápido teria de dar um jeito de falar mesmo é com a Lucinha, a professora de língua portuguesa. (*Cartas marcadas*, p. 28)

A constante negação da personagem, que repete constantemente não sentir nada pelo "colega", manifesta-se como um mecanismo de saída, de fuga. A identidade deve se construir passo a passo e permanece necessariamente conflituosa, seja qual for a opção escolhida: haverá conflito entre a submissão à ordem heterossexual e os desejos que orientam para relações com pessoas do mesmo sexo.

Também na segunda carta, Pedro Paulo pede a Duda que o escreva falando um pouco de tudo isso, o que ele estava achando. Duda então decide escrever ao "amigo" como um desabafo, pois como ele mesmo afirma: "Não tive coragem de encarar você para falarmos abertamente sobre o que está acontecendo. Entrei no jogo da correspondência na ilusão de que tudo seja mais leve, menos pesado do que esse sentimento de culpa e espanto." (*Cartas marcadas*, p. 32)

Duda encontra nas cartas um meio de conversar, desabafar, e até mesmo entender melhor o que está acontecendo com ele. Parece-lhe o meio mais seguro, mesmo assim, no final da carta, ele ainda pede ao amigo que: "P.S. Gostaria que você queimasse essa carta depois de lê-la. Acho melhor..." (*Cartas marcadas*, p. 32) O receio de ser descoberto, do que os outros poderiam pensar sobre tudo isso persegue Duda como que um fantasma a assombrá-lo, e esse medo parece não ter fim.

Assim como no romance anteriormente analisado – *O amor não escolhe sexo* – o protagonista busca informar-se sobre a questão da homoafetividade, como a munir-se de argumentos, justificativas que possam explicar sua opção.

> Depois das aulas, quando não tivesse educação física, engoliria um cachorro-quente ou um misto, um guaraná ou suco de acerola e depois era procurar saber um pouco mais de alguns assuntos polêmicos bem ali na biblioteca do bairro, que havia tantos anos fazia o bem para a comunidade sem botar alarde nenhum. Precisava se preparar. E achava que a munição do conhecimento poderia deixa-lo mais forte e lúcido para superar o que estaria por vir. (*Cartas marcadas*, p. 40)

A criança gay ou, como diria Eribon, "infância gay", primeiramente se fecha sobre si mesma e organiza sua própria psicologia – como é o caso do nosso protagonista que cria toda uma atmosfera de dúvidas e descobertas, e sua relação com os outros e em torno de seu segredo, de seu silêncio. É dessa vida interior que ela tira a sua capacidade transformadora. Talvez, seja isso o que explique a sua relação tão íntima e particular com o mundo dos livros e da cultura. Vejamos como esse elemento fica evidente no trecho a seguir:

> No pensar de Duda, já havia selecionado alguns itens para suas leituras da tarde na biblioteca. Algo sobre Fernando Pessoa parecia lhe despertar o interesse, algo que parecia esconder seu furor sexual, homossexual, pansexual em seus heterônimos ou coisa assim. Algo também sobre mitos, essas alegorias sobre os sentimentos humanos mais profundos. (*Cartas marcadas*, p. 43).

Percebemos neste trecho a relevância que o personagem dá ao escritor Fernando Pessoa que é tido, por alguns, como um autor/escritor gay, por ter em um de seus heterônimos a marca linguística, que de certa forma, remete a uma escrita homoafetiva. Muito já se discutiu a respeito deste tema, uma vez que alguns estudos apontam esta característica como um recurso do escritor que também se inscrevia sob uma afetividade gay. Maingueneau (2001) destaca ainda a estreita relação tecida por alguns escritores entre vida pessoal e personagens literários. Assim, conforme o autor:

> Alguns escritores levaram até o paroxismo esse jogo perigoso da bio/grafia, esse envolvimento recíproco da existência e da escrita. É o caso de Fernando Pessoa, cuja "heteronímia" criou personagens colocados no mesmo plano de realidade que o "próprio" Pessoa. O que se traduziu por uma espécie de extenuação da vida de seu autor no anonimato. A vida de Pessoa, de certo modo, não existe. Existe apenas a relação entre essa vida e a de seus heterônimos. (MAINGUENEAU, 2001, p. 60).

Inicia-se, a partir deste momento, a busca de Duda por esclarecimentos, informações sobre o "assunto" – algo que também ocorre com o personagem Marcos Aurélio, da obra discutida anteriormente. Ele decide fazer pesquisas e começa a frequentar assiduamente a biblioteca, fato notado pela bibliotecária preconceituosa que adota o discurso de que jovens não gostam, ou não se interessam por livros, mas apenas por namoros, vejamos:

> (Bem no fundo do coração da bibliotecária)
>
> Menino estranho esse. Não é como os outros. Os outros vêm aqui atrás das meninas, não querem saber de livros coisa nenhuma. São apressados, agressivos e buliçosos. Esse é calmo, educado, *como uma menina. Uma bichinha, como os outros linguarudos dizem;* machão, *como se dizia no meu tempo de garota; homossexual, como manda a educação do politicamente correto.* Bem, deixa ele pra lá... cada um com seus problemas, como diz meu Cazuza. E eu já tenho os meus que são muitos. *Mas dá pena. Não deve ser fácil descobrir sozinho que seu barato é outro, diferente do que se espera dele.* Ufa! (*Cartas marcadas*, p. 50, *grifo nosso*)

Percebe-se que o discurso da bibliotecária referenda a cultura heterossexual, normativa e preconceituosa. Encontramos nele as expressões: "como uma menina", "bichinha", "dá pena", ou seja, além das típicas expressões estereotipantes, emite um juízo de valor: ela diz sentir pena de Duda por causa da sua orientação sexual, fato justificado por ela ao afirmar que "Não deve ser fácil descobrir sozinho que seu barato é outro, *diferente* do que se espera dele" (*Cartas marcadas*, p. 50), assim temos, mais

uma vez, o marcador da diferença presente nas narrativas homoeróticas, interpretado como um problema dos sujeitos que "não são como deveriam ser", neste caso, que não são heterossexuais. A injúria/o xingamento não é apenas uma fala que descreve, aquele que lança a injuria faz saber ao outro que tem domínio sobre este e que tem poder sobre ele. "A injuria me diz o que sou na medida que me faz ser o que sou" (ERIBON, 2008, p. 29)

Um outro elemento relevante nesta discussão é que em suas pesquisas Duda busca "resposta" para o seu sentimento na Antiguidade Clássica; através do mito de Narciso, descobre que a manifestação do desejo entre iguais há muito está presente na história da humanidade, viaja pelo tempo e chega a Fernando Pessoa que, através de um de seus inconfundíveis heterônimos (Álvaro de Campos, para ser mais exato), assume diferentes personalidades nas quais o amor e a forma de amar se manifestam de diversas formas (um bom exemplo é o do poema *A passagem das horas*).

Seguem-se as pesquisas que o personagem continua fazendo na biblioteca, e a relação que acaba tecendo com a bibliotecária:

> Genoveva já *achava mais que interessante aquele garoto ficar horas e horas devorando tudo sobre um tema tão escabroso.* Tão perigoso. Ossos do ofício. Dele e dela. Passou a ajudar ainda mais o Duda, como se ajuda *um rato temporário* de biblioteca. Quase uma colaboradora, levava de tempo em tempo um livro, uma revista sobre o assunto. Até cópia da Internet deixou sobre a mesa do visitante especial, *silenciosamente*. Quase em cumplicidade. Um jeito de ela sair do almoxarifado e também entrar na vida. (*Cartas marcadas,* p. 61, grifo nosso).

Entendemos que um dos princípios estruturadores das subjetividades gays e lésbicas consiste em procurar os meios de fugir da injúria e da violência, que isso costuma passar pela dissimilação de si mesmo ou pela migração para lugares mais "clementes" socialmente, é o caso da biblioteca, considerado um lugar de busca de conhecimento e aceitação, por estar sempre de portas abertas para oferecer a todos os meios de se informar e se libertar, consequentemente.

Vejamos o trecho que o narrador descreve como sendo parte do pensamento da professora em relação aos anseios de Duda:

> (Bem no fundo do coração da professora)
>
> Tenho quase certeza de que esse garoto está se queimando em suas dúvidas com relação à sua orientação sexual. Minha experiência de

> trabalho com essa garotada não me engana. Ele está com medo, dúvida, perdido entre o corpo de homem e o *sentimento feminino*. E, sem ajuda, não sabe para que lado vai. Não deve ter espaço em casa para discutir ou colocar seus tormentos. Com os amigos, quase sempre um grupo machista, não tem chance, e na escola...ah!, na escola, na maioria das vezes, costuma ser pior. Quantos deles eu vi afastar-se dos amigos, afundar-se em desempenho ruim na escola, isolar-se dentro de casa, do quarto. Um quadro parecido com uma "enfermidade", daí muita gente confundir esse período tormentoso com uma doença. Bem, de minha parte, vou tentar "*sair do meu armário*" e ajudá-lo. Vou começar dando a ele texto que o professor Amir, da escola do muro pintado, escreveu e distribuiu para seus alunos lerem. (*Cartas marcadas*, p. 48, grifo nosso)

A professora afirma que o maior conflito de Duda é estar entre "o corpo de homem e o sentimento feminino", uma visão bastante equivocada acerca daqueles que se inscrevem homoafetivamente. Não se trata de um sentimento feminino, mas de ter no objeto de desejo, o igual, o semelhante e não uma transfiguração do sujeito em que o corpo seria de um gênero e o sentimento de outro, se é que é possível fazer essa categorização. A professora fala ainda em "sair de seu armário" para ajudar Duda. A expressão muito utilizada na cultura gay, significa assumir a sua opção sexual abertamente, e, diante da fala da professora, ficamos sem entender porque a personagem a utilizou, uma vez que em nenhum momento, o narrador oferece marcas de que ela seja lésbica.

A personagem nutre um grande medo de ser descoberto e esse medo pode ter por consequência uma atitude geral de reserva, uma quase obrigação de se manter afastado da vida social no interior do meio profissional a fim de não correr o risco de todos ficarem sabendo. Assim, sacudir esse jugo de dominação implica, além, da decisão de não se submeter mais a isso, um verdadeiro trabalho para se desfazer dos antigos hábitos mentais e gestuais (geralmente relacionados a negação de sua identidade). Desta forma, dizer-se gay passa necessariamente por um "desaprendizado" e, como afirma Eribon (2008), "Todo gay primeiramente aprendeu a mentir" (ERIBON, 2008, p.124), e ele precisa, portanto, aprender uma nova linguagem, uma nova forma de falar e se comportar, e conforme o mesmo autor: "Um gay aprende duas vezes a falar." (ERIBON, 2008, p.125)

Auto-imagem e auto-estima referem-se à maneira como o indivíduo se percebe, como está constituída sua identidade e de que forma ele valoriza ou desmerece a si próprio. Uma criança, assim que nasce, recebe imediatamente o rótulo de menino ou menina, associado à sua genitália externa, o que dá a ela uma *identidade genital***.** A

maneira como a criança é vista e tratada como ser sexuado, em sua matriz de identidade, por volta dos dois anos e meio forma sua *identidade de gênero*, ou a sensação interna de pertencer ao gênero masculino ou feminino. Na nossa cultura, meninas em geral recebem mais contato físico e cuidados afetivos, sendo mais estimuladas quanto à vaidade e a comportamentos de dependência; meninos, por sua vez, recebem um tratamento mais duro, que os direciona para comportamentos de força, esperteza e competitividade. Dessa forma os dois gêneros desenvolvem a capacidade de se vincular socialmente como homem ou mulher, ou seu *papel de gênero*. Para Eribon (2008):

> As vidas gays são frequentemente vidas diferenciadas; só começam quando um indivíduo reinventa a si mesmo, ao sair do seu silêncio, de sua clandestinidade vergonhosa. É quando escolhe em vez de suportar, e por exemplo, quando compõe para si outra família – constituída dos amigos, amantes, antigos amantes e amigos dos antigos amantes – e, assim, reconstrói a sua identidade após ter deixado o campo fechado e sufocante da família de origem e de suas injunções tácitas ou explicitas a heterossexualidade. (ERIBON, 2008, p. 44).

Fato que fica bastante evidente no trecho a seguir no qual as amigas do personagem principal, Duda, assumem de forma bem resolvida até a sua sexualidade. Parece-nos um mecanismo encontrado pelo narrador para mostrar ao personagem que bem mais próximo do que ele poderia imaginar existiam pessoas que possuíam o mesmo desejo que ele, e que o seu afeto, o seu desejo homoafetivo era mais comum e "verdadeiro" do que pensava. Vejamos o trecho que descreve o momento em que o casal de amigas/lésbicas surge e declaram para Duda o seu afeto:

> Vitória e Manuela aproximaram-se de Duda, de mãos dadas, de olhos brilhando, um jeito de cumplicidade, uma vontade de contar um segredo, de abrir os corações. Foram chegando, sem perguntar, sem se importar com a reação dele. Sem consultar sua atenção, e foram dizendo, de uma vez por todas, sem dúvidas para todos que quisessem ouvir, com todas as letras, todas as notas musicais, que elas se amavam. Amavam-se assim como os diferentes se amam, como os iguais se amam. Amavam-se com o desejo ardente de um corpo querendo o outro. Amavam-se sem explicações, sem mentiras, sem medo, sem conversa fiada, sem palavras neutras. Amavam-se e queriam que ele fosse o primeiro a saber. E tudo foi tão rápido, tão rápido, que Duda ficou com uma profunda sensação de que nada tinha acontecido. Ou teria? (*Cartas marcadas*, p. 51).

As cartas continuam a chegar e Duda não consegue disfarçar que está acontecendo algo, fato que já estava sendo notado por sua mãe, D. Eulália, que deixa um bilhete para o filho declarando todo o seu amor e carinho de mãe, e por uma

professora que, percebendo-lhe distante e pensativo, indaga o que está acontecendo. Duda encontra na sua professora – temos mais uma vez a manifestação de uma voz científica a interpretar o "fenômeno" – alguém em que pode confiar, mesmo que suas conversas sempre permaneçam no campo metafórico e subjetivo, o personagem se sente bastante à vontade em conversar com ela, pois esta parece entendê-lo mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo:

> - Eu estou ainda meio afogado nos meus sentimentos... parecem confusos... Todo mundo fala que é coisa de adolescente...será que é assim?
> - Um pouco é, Eduardo, mas nem tudo. A adolescência tem essa marca: mudar, transformar, viver em plenitude os sentimentos humanos; não é coisa para qualquer um, não. Sempre dá trabalho. Depois que a gente vai ficando adulto, também acontecem essas coisas, essas revoluções sentimentais. Sempre temos de resolvê-las e é nessa fase da sua idade que a gente começa a aprender a lidar com tudo isso.
> - Será que eu preciso de um psicólogo, professora?
> - Por que essa pergunta? Se for porque você pensa que psicólogo é coisa de anormalidades, doenças, coisas assim, acho que não. Se você pensa no psicólogo como alguém especial que vai ajudá-lo a entender a sua vida e lidar bem com ela, acho que sim. Mas você acha que está sempre no pé? Amigo, pai, mãe e professora abelhuda como eu não estão bons para esse momento? (*Cartas marcadas*, p. 69).

Na conversa informal com a professora percebemos a presença da ciência como possibilidade de esclarecer suas dúvidas. O discurso científico na voz da professora assume, no caso da homoafetividade, um mecanismo de "aceitação" da diferença afetiva entre os iguais, uma vez que, mediante as várias manifestações científicas, como no caso da psicologia, o sujeito adquire um meio de buscar entender e principalmente aceitar suas transformações. O conflito do personagem é latente ao afirmar que está "afogado nos meus sentimentos... parecem confusos" e se isso seria "coisa de adolescente". Diante destes questionamentos, Duda encontrará na professora a possibilidade de esclarecer estas questões.

É interessante ainda perceber o quanto o estereótipo do "amigo gay" se perpetua entre os sujeitos e é utilizado como uma máxima. Conforme podemos perceber no trecho selecionado a seguir:

> - Eu sempre quis ter um amigo assim como você, Duda.
> - Ué... assim como, Maria Cândida?
> - Assim... como você!
> - Mas o que eu tenho de tão diferente que me põe nessa categoria de amigo desejado?

> Maria Cândida pareceu engolir seco. (...)
> - Amigo é amigo, Maria Cândida. Não tem essa de "amigo assim".
> - Tem, sim, Duda. Você é diferente, não é igual aos outros.
> - Claro que sou...
> Maria Cândida engasgou de novo, embaraçada. Era mais fácil lidar com música do que com palavras para os outros.
> - ... e não sou?
> - Não. È diferente.
> - Diferente, como?
> - Diferente. Você é menino, mas tem um jeito de falar e pensar e sentir como nós...
> - Bem... as pessoas são diferentes...
> - É... você é menino, mas não se interessa por meninas como os outros.
> - Você não sabe...
> - Saber eu não sei, mas eu sinto. Não é verdade?
> - Mas e daí? O que isso me faz diferente?
> - Ah, Duda! Tem mais coisa que eu sinto, mas não sei explicar direito.
> - Você tem cada uma! Que conversa mais maluca.
> - Não é maluca, não. Eu gosto de você e quero que você seja meu amigo número um. *O pessoal fala que a melhor coisa que uma mulher pode querer é ter um amigo bicha*...
> Bilhetes, cartas, papéis, histórias, Narcisos e Psiquês. Tijolo, pedra, pau. O corpo recebendo uma surra. O coração apertado. A dúvida. A certeza. O descuido dela, a enrolação. "Bicha", assim tão seco, tão duro, tão cruel, mas tão sincero! (*Cartas Marcadas*, p. 74-75, *grifo nosso*).

Vemos que a "amiga" de Duda se sente extremamente feliz por ter um "amigo gay" e, mesmo sentindo-se à vontade com ele, "engasga" ao tentar descrever que "tipo" de amigo ele era: um amigo bicha! A declaração de Maria Cândida não soou com tanta naturalidade aos ouvidos de Duda, que mesmo consciente da situação, se sentiu desconfortável, por ter ouvido assim: "tão duro, tão seco, tão cruel, mas tão sincero" que ele era "bicha","viado". No que concerne ao uso de expressões pejorativas, Eribon (2008) afirma que:

> "Viado nojento" ("sapata nojenta") não são simples palavras lançadas *en passant*. São agressões verbais que marcam a consciência. São traumatismos sentidos de modo mais ou menos violento no instante, mas que se inscrevem na memória e no corpo (pois a timidez, o constrangimento, a vergonha são atitudes corporais produzidas pela hostilidade do mundo exterior). E uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo. (ERIBON, 2008, p. 27)

Xingamentos que a princípio poderiam ser entendidos como simples e irrelevantes se configuram na memoria do sujeito homoafetivo como marcas categóricas na construção de sua autoestima e consequente identidade. Saber portar-se diante dessas

ofensas é determinante, como fica evidente na própria narrativa. Logo, o insulto é um veredito. É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpétua, e com a qual vai ser preciso viver. "O gay aprende a sua diferença sob o choque da injuria e seus efeitos" (ERIBON, 2008, p. 28). Descobre-se como alguém de quem se pode dizer isto ou aquilo, alguém que é objeto de olhares e que é estigmatizado por estes olhares.

Novas cartas são recebidas, Duda continua suas pesquisas, suas leituras, suas descobertas, sempre em busca de novas informações, de algo que realmente pudesse ajudá-lo a entender tudo isso que estava acontecendo com ele. Duda está a todo o momento se descobrindo, se construindo como sujeito. Até que chega a última carta, a última delas e o desfecho de toda a história. Nela fica claro que Pedro Paulo jamais passou de fruto da sua imaginação – ele não existe, mas o criou (como os heterônimos de Fernando Pessoa): por não ter ninguém com quem pudesse realmente conversar, desabafar e entender tudo o que vinha acontecendo com ele, criou essa alternativa como uma forma de auxílio para "sair do armário".

E nesse jogo de cartas marcadas – fazendo analogia ao título da obra – a história é encerrada. De modo surpreendente, pois o leitor, ao longo da narrativa, não percebe que é o próprio protagonista o autor das cartas enviadas, incitando-o a perceber as inúmeras nuances que as personagens que se "percebem" inscritas sob uma orientação homoafetiva passam. Inicialmente, por uma descoberta pessoal de manifestação do seu desejo, busca de respostas, medo, angústia da reação das pessoas e, enfim, a sua aceitação. É um processo lento e complexo, para o qual não existe uma *fórmula* pronta para resolvê-lo.

2.4 - *Diário de Rafinha* – entre a construção de uma identidade sexual e a moral de um sujeito

Na obra *Diário de Rafinha – as duas faces de uma amor* (2009), Léo Dragone não se limita a narrar a descoberta da sexualidade de seu personagem principal – Rafael, e de seu desejo homoerótico, mas elabora um discurso narrativo no qual perfila várias questões morais e identitárias próprias da adolescência, apresentando vários problemas familiares e morais relacionados à fase adolescente.

Rafael é filho de uma típica família "normal", filho de Sr. Osvaldo e Dona Zélia, irmão de Raissa, é aparentemente um rapaz sem problemas, namorador e popular entre

as garotas. Todavia, conforme o próprio narrador afirma nos primeiros momentos do texto, Rafinha era "Um adolescente que sempre esteve longe de ser o queridinho da família. Muito pelo contrário, era a ovelha negra" (*Diário de Rafinha*, p.11), e isto ficará bem evidente ao longo da narrativa, diante das ações do personagem. A obra, assim, narra a historia de Rafael, um adolescente que se apaixona pelo namorado de sua irmã, Tom, e em nome desse amor realiza inúmeras ações imorais[22], chegando a se envolver com trafico de drogas e até a cometer alguns assassinatos. Vejamos como esse processo se inicia na narrativa, quando Rafinha conhece o novo namorado da irmã e se apaixona por ele de imediato, que, conforme a descrição,

> Era um moreno jambo, alto e estiloso, usava um corte de cabelo meio careta para sua idade, o que não chegava a ofuscar sua beleza. Lembrava o Tom Cruise. A roupa combinava bem com sua juventude e com seu jeito simples e carismático, calça jeans e camiseta branca, que deixava as mostras os braços fortes e o físico sarado. (*Diário de Rafinha*, p. 12)

Quando falamos em beleza masculina, devemos entender que durante grande período da antiguidade clássica, esse tema sempre foi ressaltado, principalmente na literatura. Diferente das demais obras analisadas, através da narrativa fica claro que em nenhum momento o personagem entra em crise com a descoberta do seu desejo por seu amigo, e consequentemente a sua orientação afetiva. O que se torna bastante paradoxo, uma vez que o narrador de imediato o caracteriza como um verdadeiro "macho alfa" (p.13), um típico sujeito heterossexual, ele, todavia, sente-se atraído de imediato pelo amigo, por seu porte físico sarado e seu estilo jovial. A narrativa segue e Rafael lembra de um episodio que ocorrera nos fundos da escola, vejamos:

> Vai até o quarto, pega a toalha, entra no banheiro e toma um banho refrescante. No chuveiro, começa a lembrar de um episódio que acontecera uma vez no colégio, quando conversava com um colega nos fundos da escola:
> - Já beijou um homem?
> - Não! – responde o amigo, com a expressão assustada.
> -Tem curiosidade? – pergunta Rafael, se aproximando do garoto. Um enorme silêncio toma conta do lugar e os dois se aproximam de repente. Um beijo.
> Logo depois surge a lembrança de Tom no carro, naquela tarde, os dois se divertindo a valer. Em seguida, a imagem de Raissa, perguntando se ele estava apaixonado, ao vê-lo entrar em casa todo contente. Caiu em

[22] Utilizamos o termo imoral relacionado ao caráter e legalidade de ações e não no sentido concernente a sexualidade, conforme é utilizado muitas vezes.

> si, ficou embaixo do chuveiro por um bom tempo. (*Diário de Rafinha*, p. 14)

É interessante perceber a forma que o narrador tenta justificar como a questão do desejo homoafetivo surge na narrativa. O personagem principal que a princípio acreditávamos ter em Tom o seu "primeiro" desejo homoafetivo, relata que em outro momento, movido por um impulso, beijara outro menino. O fato surge de forma bastante superficial, pois não há um envolvimento, uma relação entre os sujeitos da ação, apenas o fato isolado.

Rafinha, no decorrer da narrativa, não consegue se conter diante da descoberta de estar apaixonado por Tom, que retribui a empatia, tornando-se assim grandes amigos. O tempo passa e o sentimento de Rafinha só aumenta, após a convivência com o amigo, que se mostrara uma pessoa amável e sensível, alimentando os desejos e anseios de Rafael:

> Cai a noite. Sentado na janela do quarto, observa quando Tom chega para pegar Raissa. Os dois entram no carro e saem. Rafael vai até o quarto da irmã, pega uma caixa com fotos e começa a vasculhá-la. Sai do quarto, levando consigo uma fotografia de Tom. Deita na cama, olha pra ela e chora. (*Diário de Rafinha*, p. 14)

O sentimento de Rafinha por Tom só fazia crescer e é a partir daí que ele começa a articular ações para "roubar" o namorado da irmã. De inicio, Rafael forja uma traição da irmã com Patrick, o antigo namorado dela, que o procura pedindo ajuda, pois gosta muito de Raissa e quer tê-la novamente como namorada. Seu plano dá certo, uma vez que consegue separar o casal, e deixar Tom livre, pelo menos por algum tempo, tempo esse que ele aproveita para se aproximar cada vez mais do amigo, pois não consegue mais disfarçar o seu desejo:

> Depois da aula, Rafinha resolve ir até a casa de Tom. O rapaz abre a porta usando apenas um short preto. Rafinha observa-o de cima a baixo. Repara nas coxas grossas do rapaz, sobe o olhar pela barriga tanquinho, e, de repente, cai em si, envergonhado de sua reação. Fica sem graça. O rapaz parecendo nada ter percebido, convida-o para entrar. (*Diário de Rafinha*, p. 20)

A relação de Rafael com Tom se torna cada vez mais forte, chegando inclusive a ir morar com ele, após uma briga com seu pai, Sr. Osvaldo. No entanto, a alegria de Rafael dura pouco, pois logo Tom se apaixona por Luiza, uma menina recém-chegada do interior e que vai morar ao lado da família de Raissa. A garota é uma menina doce e amável que conquista a todos, menos Rafinha, por ser uma verdadeira ameaça a este.

Começa então uma sucessão de sabotagens ao relacionamento de Tom e Luiza, uma vez que Rafinha não suportava a ideia de ver o seu grande amor com outra pessoa.

O primeiro incidente ocorre quando toda a turma decide ir acampar e Rafael, tomado de ciúmes por perceber que seu "amigo" está a cada dia mais apaixonado pela namorada, trama contra a própria vida da menina. Ocorre, deste modo, que quando estão todos se divertindo em uma cachoeira de difícil acesso, Rafael diz a Luiza que a ajudaria a passar por um caminho muito perigoso, no entanto, deixa propositalmente a menina cair, jogando-se em seguida no rio, para tentar remediar um pouco da sua ação.

Luiza, para infelicidade de Rafinha, sobrevive e continua namorando Tom, e agora passa a conhecê-lo melhor. É então que Rafael decide tramar um plano "infalível" contra ela. Com a ajuda de Patrick, o personagem articula um modo de Tom acreditar que havia sido traído por Luiza, assim, drogam a menina e a colocam em uma situação comprometedora junto ao rapaz que haviam contratado.

Deste modo, ao chegar, Tom flagra os dois deitados e totalmente sem roupas, e não reluta um só instante, termina tudo com Luiza imediatamente. Rafael consegue, enfim, deixar Tom livre, porém isto não configurou em nenhum instante a concretização do amor de Rafinha, pois o narrador não dá nenhuma pista de que ele também possa gostar de meninos.

> Rafael dá um forte abraço no amigo, um abraço afetuoso. *Para Tom era apenas um abraço fraterno de dois bons amigos*, mas para Rafael era uma forma de senti-lo bem perto, sem dar pistas do que realmente sentia. Um abraço apertado, na impossibilidade de um beijo. (*Diário de Rafinha*, p. 47, grifo nosso)

Rafael tenta cada vez mais se aproximar de Tom e procura a todo instante incitar nele a possibilidade de uma relação homoafetiva, questionando o amigo, fazendo-o pensar sobre essa manifestação de afeto entre iguais:

> (...)
> - Sabe, Tom? Uma vez eu tive um amigo muito próximo, só que da minha idade. Mas ele era tão legal quanto você. Esse meu amigo era gay.
> - É mesmo, cara? Seu amigo era gay? E como ele era? Nunca deu em cima de você? O que aconteceu com ele? – pergunta Tom, super curioso.
> - Tínhamos uma relação muito fraterna no começo, até então eu não sabia de nada. Só que um dia, quando estávamos sozinhos nos fundos do colégio, ele me pediu um beijo.
> - E aí? O que você fez? (*Diário de Rafinha*, p. 56).

Essa construção de um universo inventado pelo personagem, sobrepondo-se ao conjunto que retrata os padrões sociais da época, serve como uma forma de escapar aos mecanismos opressores, criando, na ficção, espaço para realização dos desejos mais profundos e ocultos de liberdade. Para Eribon (2008), a autoafirmação da identidade homoafetiva é um importante passo no processo de aceitação de sua identidade. Assim para o autor:

> O gay que se reivindica como tal é mais livre, menos prisioneiro da identidade homossexual, que aquele que deve pensar nisso a cada instante, em todas as situações da existência, a fim de não "trair" aquilo que ele é aos olhos dos outros. Logo, dizer-se gay também é libertar-se do peso da "identidade" que pesa sobre aqueles que procuram dissimular sua homossexualidade. Isso significa, sobretudo, que se é menos dependente da prisão da "identidade" e mais livre em sua relação com os outros (com os outros homossexuais e com os outros em geral). (ERIBON, 2008, p. 124).

Percebemos que uma das particularidades do nosso protagonista é a sua aceitação em relação a sua identidade, ao seu desejo. Não vemos na narrativa ela duvidar ou temer seu desejo, seus medos e anseios relacionam a reciprocidade de seu afeto, mas não quanto a alguma dúvida desse sentimento. Todavia, a sonhada idealização de um amor romântico reserva uma tonalidade mais sombria, em se tratando do amor homossexual, pois a teimosa procura do outro é visualizada como uma ainda mais certa impossibilidade afetiva. E, pelo caráter ainda mais "impossível" do amor entre iguais, a sua idealização seja ainda mais sublimada, isso fica bem evidente no trecho a seguir:

> O rapaz deu um sorriso sem graça, mas estava contente pela demonstração de solidariedade do amigo, que se aproximou e abraçou-o com força. Tom retribuiu o abraço. Era uma sensação de êxtase para Rafael sentir o corpo de seu amado colado ao dele, as batidas de seu coração, a sua respiração, o seu cheiro. (*Diário Rafinha*, p. 67).

Entre os gradientes sensoriais visão, audição, olfato, tato e paladar; a visão é o polo mais distante, enquanto o paladar é o mais próximo na relação com o mundo externo, o tato, por sua vez, consiste em um primeiro contato com o outro. Borges Filho (2007) destaca que: "Ver ainda não nos garante a verdade, é preciso tocar, como bem exemplifica a atitude de Tomé no famoso episódio do Evangelho." (BORGES FILHO, 2007, p. 93).

Esse amor torna-se ainda mais distante, após Tom descobrir toda a verdade acerca de Rafinha que, conforme o título bem sugere, possuía um diário, no qual relatava tudo que fazia e pensava, inclusive as suas ações mais "sórdidas". A questão da

escrita confessional é fator recorrente nas obras aqui analisadas, seja através do diário de Rafael, das cartas de Eduardo na obra *Cartas marcadas*, ou ainda do simples bilhete enviado, junto às flores, por Marcos Aurélio a Cristiano (fato que será aprofundado no próximo capítulo). Vejamos o trecho que descreve o momento em que Tom lê o diário de Rafinha:

> Pega o diário no quarto de Rafael e começa a ler. Sua expressão era de choque. Nem se deu conta que já estava na décima página. Era tudo tão estarrecedor. A cada página uma história, a cada história uma decepção. (...) Mas o que mais lhe perturbava naquela sucessão de loucuras era o amor que Rafael relatava sentir por ele ali, e tudo o que tinha acontecido em consequência disso. Quantos desvarios aquele menino cometera em nome desse amor! Tráfico de drogas. Assassinato! Tom estava totalmente perplexo, enojado. (*Diário de Rafinha*, p. 91).

O amigo não consegue aceitar a justificativa de Rafinha de ter sido capaz de ações tão sujas e cruéis em nome de um possível amor e isto acaba por provocar nele um preconceito contra os sujeitos gays, descrevendo esse tipo de amor como "*nojento, uma doença, como pecado*". Para Tom, era impraticável a possibilidade da manifestação da afetividade entre sujeitos do mesmo sexo, uma vez que possuía uma identidade sexual – heterossexualidade – bem definida, para ele, esse tipo de relação de configurava como pecaminosa, daí proibida e inaceitável, a sua rejeição torna-se ainda mais forte ao se deparar com a quantidade de atos impensados que o amigo foi capaz de fazer em nome desse grande amor. Tom vê-se cada vez mais surpreendido com o que encontra escrito no diário de Rafael, todas as coisas que ele descreve ter feito em nome de seu sentimento, todavia, o amigo não fica nada feliz ao saber de todas aquelas crises e desabafa:

> − Monstro! – disse Tom, furioso.
> − Tom, por favor... Só queria que entendesse o meu lado.
> − Quer que eu entenda o seu lado? Que lado? Quer que eu entenda as armações e as perversidades de alguém que se afundou na lama, que causou tanto sofrimento às pessoas, só por causa de um capricho?
> − Não é um capricho, Tom... É amor. Tudo que eu fiz foi por amor. Tente me entender. È mais forte do que eu...
> − Por amor? Você enlouqueceu? Eu sou hetero, Rafael. Você já deveria saber. E heteros gostam de mulheres. Jamais ficaria com um homem. Só de pensar me dá nojo.
> − É nojento um ser humano amar outro?
> − Será que você não vê? Isso é uma doença, isso é sujo, isso é pecado!
> − Não, não é! Como pode ser pecado amar uma pessoa? Querer só o bem, querer ficar perto, querer dar e receber carinho, ficar ao lado da pessoa amada quando ela precisa... Como um sentimento tão bonito

> pode ser pecado? Um sentimento que faz tão bem à vida. Você acha mesmo que *isso é pecado*? (*Diário de Rafinha,* p. 91, *grifo nosso*).

Um outro elemento que é apresentado na narrativa e que contribui para a formação da identidade do protagonista é a sua relação com as drogas e o mundo do crime. Rafinha se envolve com Galego, um famoso traficante que o alicia para o mundo das drogas e do crime, fazendo dele um de seus "funcionários", Rafinha é responsável por pegar as drogas no morro e vende-las na escola, e cada vez mais se envolve com os traficantes. Assim, o personagem sai da escola e se dedica exclusivamente ao trabalho no morro.

Segundo Barcellos (2000), é comum aqueles que se caracterizam como diferentes serem incluídos, ou se auto incluírem em processos de marginalização de suas diferenças. Este fato fica bastante evidente no personagem da narrativa aqui analisada, uma vez que ele se identifica com o mundo do crime e encontra nele uma forma de afirmação de sua força e capacidade de conseguir seus objetivos. Deste modo o autor destaca que:

> A igualdade passou a ser entendida sobretudo em termos de norma, o que condena irremediavelmente qualquer diferença a um estatuto de marginalidade e monstruosidade, cuja mera existência se converte assim numa transgressão. Mas ainda, mostra como a sociedade burguesa não consegue pensar esses indivíduos marginalizados senão reduzindo-os artificialmente a coletividades, isto é, considerando-os única e exclusivamente a partir do ponto de vista de sua negatividade frente à norma social (BARCELLOS, 2000, p. 22).

Conforme Barcellos, mesmo que as ações de Rafael sejam "justificáveis" pelo sentimento que ele declara ter pelo amigo, elas não se tornam aceitáveis, continuam sendo negativas do ponto de vista social.

Depois da briga com Tom e de todos descobrirem a verdade a seu respeito, Rafinha foge e permanece escondido por algum tempo. Todavia, os traficantes e uma antiga namorada planejam uma vingança contra Rafael, fazendo Tom refém destes. Ao descobrir do perigo que a vida de seu amado estava correndo, Rafael sai desesperado em busca de salvá-lo.

Chegando ao apartamento de Tom, Rafinha mata os bandidos que lá estavam e resgata o seu "amigo": "Rafael cometera mais um crime. Agora tornara-se um assassino, que destruía a própria vida com seus impulsos descontrolados, comandado pela tirania de suas emoções, de sua raiva." *(Diário de Rafinha, 104).* Inicia-se aí uma

fuga alucinante de Rafael, que agora fugia dos traficantes que queriam vingança, e da polícia que acabara descobrindo tudo.

Rafinha fora pego pela polícia e assume todos os seus crimes, chegando assim a ser condenado. Durante o período que passa na prisão o narrador onisciente, por várias vezes, relata a sua angustia e o sofrimento pela culpa de seus atos: "Cumprindo sua reclusão, Rafael definha a cada semana. Aos pouco, vai parando de se alimentar, chora constantemente e passa a ter alucinações." (p. 108); "Queria dar um fim a sua vida" (p.109); "Sua imagem era a própria imagem da amargura" (p. 113), dentre outros.

Porém, de nada adianta a fuga, e os dois acabam encurralados. Vejamos o desfecho da obra:

> Embaixo deles, outra queda d'água rugia feito um leão raivoso. O estrondo era ensurdecedor. Tom olha para o amigo, com um olhar triste e amargurado:
> − Eu não vou ser preso. Você fica ou vem comigo?
> − O que você quer dizer com isso?
> − Prometi a mim mesmo que não iria fazer você sofrer mais. Prometi que não deixaria você sofrer por mim, mas não posso lhe dar o amor que você quer. Também não posso passar o resto da minha vida na cadeia. Para mim a única saída é me jogar nessa cachoeira e acabar com todo o sofrimento.
> Rafael, em lágrimas, olha para o amigo com compaixão e desespero pelo seu gesto extremo. Não podia perdê-lo assim. E tudo por sua culpa. Aproxima-se, segura sua mão com força e diz:
> − Eu vou com você.
> − Você tá disposto a fazer isso por mim?
> − Não vou suportar viver sem você. Mesmo que fosse somente como meu amigo para toda vida, não iria suportar viver sem você ao meu lado. Tom o abraça forte e emocionado. Os policiais estão prestes a capturar os dois, os cães já estão muito próximos. Rafael segura o amigo pela nuca e o beija. Tom, mesmo sem querer, retribui o beijo, que seria o último de ambas as partes. Rafael viaja em emoções. As lágrimas inundam os olhos de ambos, profusas como as cachoeiras. Sabiam que aqueles seriam seus últimos segundos de vida e entregam-se àquele momento de corpo e alma. Assustados com os latidos dos cães, separam seus lábios, olham para trás e se aproximam do abismo. Antes, porém, se encararam mais uma vez e Rafael sussurra suas últimas palavras:
> − Este é o pior e o melhor dia da minha vida.
> − Este é o melhor dia das nossas vidas, pois nos libertamos deste mundo de rótulos, raças e preconceitos, para entrarmos num mundo onde poderemos viver juntos e em paz para toda eternidade.
> Os dois se olham e sorriem. Todo resto sumira. Os policiais, os cachorros, o estrondo das cataratas, tudo. Apenas a paz e um prenuncio de felicidade giravam em torno dos dois, que pulam de mãos dadas para um novo mundo, onde viveriam para todo sempre.
> Em poucos segundos, são engolidos pela Garganta do Diabo. E nunca mais se ouviu falar deles. (*Diário de Rafinha*, p. 125-126).

O final da narrativa assume um caráter trágico e ao mesmo tempo redentor, pois os jovens, mesmo tendo um final dramático, terminam "aparentemente" juntos como numa possibilidade da concretização do amor homoafetivo entre eles, uma vez que acabam se beijando. Embora tal fato possa demonstrar um grande paradoxo, pois a todo momento o narrador deixe claro que Tom não nutre nenhum desejo por Rafael, mas descreve a reação da personagem como uma consolação ao amigo que passara por inúmeros infortúnios ao longo da história, pois, conforme o narrador, "Sabiam que aqueles seriam seus últimos segundos de vida e entregam-se àquele momento de corpo e alma", mediante o uso do tempo verbal no plural, podemos afirmar que a reação é conjunta, ambos, Tom e Rafael se entregam àquele momento e vivenciam o seu desejo. Todavia, mediante a descrição do narrador, parece-nos que tal fato só ocorre, devido a circunstancia em que se encontravam, ou seja, sem nenhuma saída, no limiar de suas vidas, num verdadeiro espaço fronteiriço, uma vez que, segundo Certeau (2003):

> O espaço da fronteira é paradoxal. É ao mesmo tempo espaço de comparação e contato entre espaços e subespaços. Possibilita inversões, deslocamentos, transgressão do limite, desobediência à lei do lugar [...] No interior das fronteiras está o estrangeiro, o sabbat da memória, inquietude e familiaridade. Tudo ocorre como se fosse a ponte que abre dentro para o seu outro (CERTEAU, p. 2003, p. 215).

Para o autor, a zona de fronteira leva o sujeito a ações de "desobediência à lei" e isso fica bastante evidente no trecho da obra transcrito acima, uma vez que ao mesmo tempo em que o lugar descrito como um lugar de libertação – pois será onde, de certa forma, o desejo afetivo do personagem principal será realizado, haja vista ele conseguir beijar seu amigo amado – é também um lugar de morte e fuga, pois os dois acabam "desaparecendo" – e possivelmente morrendo – ao se lançarem no precipício, fugindo da polícia.

A compreensão do espaço na estrutura narrativa é fundamental para entender as implicações ideológicas e culturais e até mesmo estéticas que se inserem na configuração de uma determinada obra. A miséria do espaço descrito comunga plenamente com o perfil interior de um sujeito em estado de mobilidade, inserido numa margem a qual ele próprio não consegue definir, uma vez que no seu íntimo ele sofre por ainda não possuir uma identidade estruturada.

O processo de construção da personagem central se dá em meio aos inúmeros conflitos que estão atrelados ao seu processo de construção identitária. Este processo é

bastante complexo e se amarra num sistema de referências e representações do papel social masculino, uma vez que a personagem, sendo um menino, conforme indicado, acaba se envolvendo em inúmeras situações problemáticas de fundo social e comportamental, tais como: mentiras, roubo, tráfico de drogas e até assassinato.

Todas essas questões e, por fim, a descoberta da sua homoafetividade fazem parte dos inúmeros conflitos vivenciados por Rafael. Em seu processo de descoberta e amadurecimento, a personagem, ao contrário do herói tradicional, aparece fragmentada em sua condição humana de sujeito em formação, pois está perdido, sem norte, sem rumo, uma vez que busca inúmeras formas de superar suas dificuldades e principalmente de vivenciar sua homoafetividade. A essa forma de construção de personagem, Antônio Candido (2007), em seu ensaio *A personagem do romance,* faz a seguinte observação:

> [...] o romance, ao abordar as personagens de modo fragmentário, nada mais faz do que retomar, no plano da técnica, de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento de nossos semelhantes. Todavia há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. (CANDIDO, 2007, p. 65)

No desfecho da narrativa, parece que é o "amigo/amor" que é capaz de superar os limites e medos, uma vez que Tom mostrou-se imensamente preconceituoso ao descobrir a sexualidade de Rafael. Todavia, para satisfazer o companheiro que se encontrava sem nenhuma alternativa, acaba oferecendo a maior "prova de amor", mesmo sem, em nenhum momento, apresentar esse sentimento pelo amigo, uma vez que Tom beija Rafael como último ato de suas vidas, já que acabam pulando no precipício quando em fuga da polícia.

O romance finaliza, conforme dissemos desde o início, apresentando um combinação de emoções e descobertas, que vão da esfera sentimental à moral e psicológica, pois o protagonista enfrenta as mais diversas tribulações durante a sua adolescência, tendo, portanto, a descoberta da sua homoafetividade como fator impulsionador de todas as outras transformações e descobertas de sua vida, inclusive no seu desfecho, pois fica subtendido uma possível morte em nome da sua orientação sexual.

As repetições e explicações que o narrador faz constantemente na sua narrativa explicitam os conflitos vivenciados pela personagem que se vê perdida em meio a muitas perguntas sem nenhuma resposta. A necessidade de explicações de Rafael é constante durante todo texto, o que fica mais evidente em seu discurso altamente explicativo sobre todos os assuntos. Outro recurso constantemente utilizado pelo autor são os monólogos interiores nos quais a personagem-narradora mergulha instrospectivamente em seu universo interior e, junto dela, o leitor, num intenso jogo de sentimentos e emoções que se configuram por toda obra.

2.5 - *Menino ama menino* – o sujeito homoafetivo e as relações familiares

Neste tópico iremos discutir a forma que a autora Marilene Godinho escolheu para trabalhar a personagem da obra *Menino ama menino* (2000), a fim de deduzir uma gama de valores concernentes à questão da homoafetividade.

A narrativa conta a história de Toni, um menino de 10 anos que, diferentemente dos outros meninos da sua idade, gosta de brincar de boneca com as meninas e de outras brincadeiras "próprias" de meninas. Toni é visto pelo pai como um problemático, uma vez que ele não corresponde aos anseios machistas e heteronormativos deste. Sua mãe, por sua vez, exerce o papel de conciliadora, já que não suporta assistir ao sofrimento do filho, e a forma agressiva e preconceituosa com que o pai o trata. Quanto ao irmão mais velho, Francisco, este é uma espécie de reflexo do pai, e, portanto, acaba reproduzindo a imagem masculina e preconceituosa deste, porém não chega a ser um agressor direto de seu irmão, deixando florescer ainda uma ideia de fraternidade para com ele.

A história de *Menino ama menino* coloca-nos diante do tema da homoafetividade na juventude em diálogo com duas gerações, especificamente falando, a dos pais e a do adolescente. Inicia com a indagação do pai sobre o porquê de Toni só brincar com meninas e de ser médico de bonecas. Depois desconfia da relação que Toni tem com o Gil (amigo "preferido"), pois sempre estudam juntos.

O narrador, em terceira pessoa, começa a apresentar as personagens. Toni, personagem principal, Frederico (o pai), Francisco (o irmão), Madalena (a mãe), Geralda (a empregada), Gil (o melhor amigo de Toni), Márcio (amigo de Francisco) e a diretora da escola. Essas personagens são apresentadas a partir das primeiras páginas do

romance e, logo, o leitor é posto diante dos conflitos que permeiam essa família, conforme as descrições do narrador. Assim, os preconceitos dos amigos de Francisco, do irmão de Toni, do pai e da mãe acabam criando situações desconfortáveis até o "final feliz" da história com a "aceitação" da vida "diferente" do protagonista Toni.

O texto é constituído a partir dos desabafos de Toni que toma a voz do narrador e apresenta as suas impressões pessoais acerca dos conflitos identitários que permeiam seus pensamentos, como podemos verificar no trecho a seguir:

> Meu pai implica comigo. Não é a primeira vez. Desde sempre. Fica de marcação cerrada por esta coisa de querer que eu só brinque com meninos. E a merda se estica. Se eu visto uma roupa, manda tirar porque é colorida; se grito, manda calar e deixar de ser esporrento; se cuido das plantas do jardim, toma a pá e joga longe. Como se fosse o dono do mundo, baixa leis, macho não faz aquilo. Tento me segurar, mas é danado! (*Menino ama menino*, p.4).

Neste trecho, percebemos o conflito do personagem que se sente reprimido por não poder praticar as ações que gosta devido às implicâncias do pai, que deseja que ele se comporte conforme a norma heteronormativa. É importante percebermos também as ações apresentadas pelo narrador/autor próprias dos sujeitos homoafetivos, como as indicadas aqui, que são gostar de brincar de bonecas, cuidar de plantas, etc; ações, a princípio, tidas como de meninas, reforçando-se assim, o estereótipo de que os sujeitos homoafetivos são efeminados, tese que há muito vem sendo desconstruída por não se sustentar diante das várias sexualidades existentes e das que estão no devir.

O narrador, logo no início da narrativa, mostra o pai como um sujeito enérgico que reclama do filho que só brinca com meninas. Este filho é o Toni que assume, vez ou outra, o discurso, falando do pai, do irmão, e da mãe que o defende, e afirma que vai parar de brincar de casinha com as meninas. No discurso da mãe, notamos que ela percebe a diferença entre os seus dois filhos e desabafa com a diretora do colégio, dizendo não saber lidar com o preconceito das pessoas. Em um certo dia, o pai surpreende Toni e Gil de mãos dadas no quarto e bate no filho, criando um alarde e expulsando o amigo de sua casa. Em uma outra parte da narrativa, a empregada Geralda fala sobre a sua vida na casa de Frederico, pai da personagem, e sobre Toni. Ocorre uma briga entre Francisco e um colega porque este chamou Toni de "veado". Citemos algumas passagens, que evidenciam a posição da família em relação a Toni:

> − Já avisei muitas vezes que não quero ver você com brincadeiras de mulher! Sentenciou o pai. (*Menino ama menino*, 2000, p. 03).
> Desde cedo, notava diferença entre meus dois filhos. Aprontava Toni para a escola, e ele só saía depois de bem limpo e perfumado. (*Menino ama menino*, 2000, p. 10).

Na primeira citação transcreve-se a indignação do pai. Na segunda, a observação da mãe. Nestas situações, percebemos o fato comentado da diferença comportamental, o que toca na não-assimilação do "outro" pelos membros desta família tradicional, o "outro" aqui entendido, segundo a narrativa, como "o diferente", conforme as colocações de Eribon (2008): "A agressividade que com muita frequência caracteriza os discursos de rejeição radical do modelo familiar mostra que a relação com a família nunca é simples – pelo menos raramente neutra." (ERIBON, 2008, p. 55).

Para Facco (2009, p. 76), a família é determinante no processo de emancipação destes sujeitos, uma vez que "A rejeição por parte da família tem uma influência profunda e indelével sobre a maneira como o jovem vivenciará a própria homossexualidade." Assim, pai, mãe e irmão são figuras essenciais na vida do sujeito e isto não é diferente na vida dos homoafetivos. Vejamos outras situações do romance, que corroboram a colocação de Facco:

> Por que será, meu Deus, que mereci ter um filho gay? Onde foi que errei? A mesma educação os meus dois filhos tiveram. O mesmo trato dispensei a eles. (*Menino ama menino*, 2000, p. 14).
> Logo que percebi seu comportamento, procurei corrigir, aconselhar, castigar. Tudo para se endireitar. Nada adiantou. (*Menino ama menino*, 2000, p.14).

Notamos um tom religioso arraigado no discurso da mãe que vê o filho como um erro seu, ao mesmo tempo questiona os "destinos" sexuais dos filhos, uma vez que a educação dada a cada um dos filhos foi a mesma. Mas será que a educação familiar teve participação nisto, se for vista como falha? Não seria uma visão ambígua esse deslocamento entre a culpa da mãe e a educação compartilhada com o pai? O comportamento do filho é tido como erro? O que seria correto e sobre quais preceitos estaria alicerçado? Exibe-se aqui a ideia cultural da falha, da culpa e do castigo que senta fortes bases numa concepção cristã tradicional de mundo, que vê a homoafetividade ainda atrelada à concepções de sexualidade oitocentistas, cujos valores agora já estão sendo questionados pelas transformações que a sociedade vive e que certamente a mãe não percebe devido a uma "cegueira" ideológica de fundo religioso.

Agora vejamos o discurso da empregada Geralda, que demonstra um grande carinho por Toni, todavia seu discurso acaba por ir de encontro aos dos outros personagens:

> Ando doida para ele arranjar namorada. Só para pôr bucha na boca dessa gente. Mas ele é de poucos amigos. Só mesmo o Gil e outros poucos do mesmo jeitão. Tanta moça bonita que entra pra rodear o Francisco. (*Menino ama menino*, 2000, p. 13)

A empregada que, ao longo da narrativa, afirma gostar muito do "seu menino" deixa clara a sua preocupação pelo fato dele não se interessar por garotas, uma vez que para ela essa seria uma forma de "calar" a boca de muita gente, de mostrar que ele é "normal".

Notamos até agora o preconceito vestido de angústia por parte do pai, da mãe e até da empregada Geralda. Vejamos o posicionamento do irmão Francisco, que se coloca sempre (espacial e afetivamente) distante do irmão, de modo a mascarar seu medo de aceitar, ou ainda de entender o que acontece com ele:

> Na verdade, não gosto de sair com ele. Tenho vergonha. Seu jeito de falar, seus modos me deixam sem graça. Os olhares de crítica, os risinhos dissimulados, me deixam vexado. (*Menino ama menino*, 2000, p.23).
>
> Ao vê-lo chegar, eu saía da espreita e sumia porque não suportava vê-lo com homem. É estranho demais! (*Menino ama menino*, 2000, p. 23).
>
> Era ou não doença? Sem-vergonhice? Distúrbio de comportamento? O que seria? Preciso fazer alguma coisa. Não quero deixar o meu irmão nesse buraco. (*Menino ama menino*, 2000, p. 26).

Francisco afirma sentir "vergonha" do irmão, de seus modos de seu jeito de se comportar e por isso não gosta de sair com ele. Para o irmão do personagem, seus comportamentos são inaceitáveis e merecedores de desprezo e por isso precisam ser mudados, pois Francisco afirma "precisar fazer algo, para o irmão não continuar neste buraco", ele não admite o fato de Toni ser diferente, de não se interessar por garota, assim como ele. O descontentamento de Francisco torna-se ainda mais grave, quando questionado por um amigo, acerca do comportamento de seu irmão. A próxima passagem, que selecionamos, traz de modo subjacente uma conversa que se estabeleceu entre Francisco e um colega seu:

> − Frans, seu irmão é gay?
> Assustei diante da pergunta feita de supetão:
> − Não. O jeito dele é assim mesmo.
> − Mas ele nunca fica com garota nenhuma. Só fica com o Gil como se fossem namorados.
> Porque no seu olhar havia sinceridade, me abri:
> − Parecendo namorados? Por quê?
> − Não se separam. Todo mundo anda falando isso aí.
> − O povo fala demais.
> − Aumenta, mas não inventa. Tou falando porque sou seu amigo.
> − Você acha que me ajuda falando isto?
> − Quero abrir seus olhos, cara. Pra você fazer alguma coisa, dizer lá na sua casa, sei lá. Toma providência! (*Menino ama menino*, 2000, p.25).

A reação do colega de Francisco, ao questionar as ações de Toni, talvez seja justificada se se tem a ideia de que o garoto não tem informações suficiente acerca da possibilidade de relações entre os sujeitos e já está contaminado por preconceitos, o que dificulta ainda mais seu entendimento. O jeito de falar e de se comportar do irmão de Toni engendra atitudes masculinizadas, ele sofre pela falta de conhecimento sobre os sentimentos e escolhas do irmão ficando, deste modo, despreparado para tratar de tal situação. Podemos verificar mais uma oscilação na concepção social da homoafetividade que está presente no discurso de Francisco que, a princípio, sente vergonha do irmão porque os outros o criticam dissimuladamente, depois assume uma postura pessoal de oposição, porque "não suporta ver Toni com outro homem".

Toni tem um amigo que é "diferente" dos outros, chamado Gil, amizade esta que desagrada seu pai que chega a agredi-lo, conforme podemos verificar no trecho a seguir:

> Toni e Gil, silenciosos de mãos dadas, assistiam a um desenho animado. De repente, o pai abre a porta. Assustados, soltaram as mãos. Mas já era tarde. O pai com ira investiu sobre o filho:
> - Sem vergonha! Para com isto!
> E dava tapas no rosto dele. Ele chorava tentando se defender, enquanto o amigo, num canto se encolhia, olhos arregalados de espanto. (*Menino ama menino*, 2000, p. 13).

A agressão física, ao contrário do que se possa imaginar, ainda é muito comum nos desfechos das histórias reais com sujeitos homoafetivos, mesmo que muito já se tenha avançado, é pertinente ressaltar que este tipo de atitude ainda é muito recorrente, daí a importância das políticas públicas que vem sendo desenvolvidas atualmente. Porém, é a agressão verbal e psicológica a que ocupa um maior espaço nessas situações, chegando a atingir proporções absurdas e injustificáveis, seja nas relações sociais ou até mesmo entre familiares, como bem apresenta Facco (2009):

> A própria família é a primeira a discriminá-la e repudiá-los. Não são raros os pais e mães que "repetem o refrão popular – 'prefiro um filho morto do que veado!', ou 'antes uma filha puta do que sapatão' ". Muitos jovens sofrem, dentro de casa, as mais diversas formas de violências física e/ou psicológica. É comum ouvir casos de famílias que tentam "curar" o filho com remédios e tratamentos psiquiátricos. Muitas famílias expulsam os jovens de casa e, em casos extremos, podem chegar a matá-los. (FACCO, 2009, p. 75).

Vejamos na própria narrativa como isso se configura, corroborando a ideia apresentada por Facco, "É uma sem-vergonhice esse negócio de homem com homem!" (*Menino ama menino*, p. 16). A narrativa segue, e como está sendo comum nas obras juvenis de temática homoafetiva, surge um personagem para "orientar" o protagonista nas suas dúvidas, como um verdadeiro indicativo do caminho "correto", aquele a ser seguido. Aqui, temos a figura de uma tia, que, segundo o personagem:

> Tia Elza, irmã de minha mãe, ganhou minha confiança. Por ela não ter chatice de contar segredos dos outros. É uma pessoa franca, que lê sobre tudo. Entende as pessoas, sabe escutar. É tida com a fada boa da família. Só é um pouco desbocada. Não de falar palavrões, mas de expressar o que pensa, sem *efes* e *erres.* (*Menino ama menino*, p. 30)

Desta forma, Toni estabelece uma conversa com sua tia que, por sua vez, com bastante bom humor e sabedoria o aconselha a seguir em frente e resolver suas questões para a sua própria felicidade. Assim ela fala: "Muitos gays são excêntricos. Eles se comportam como se tudo fosse brincadeira. É a sua forma de erguer uma bandeira contra o preconceito, mas essas atitudes ousadas incomodam as pessoas." (*Menino ama menino*, 2000, p. 35).

Vocábulos usados para qualificar comportamentos como: "excêntrica", "brincadeira", "bandeira" e "ousadia" podem denotar um certo posicionamento isolacionista que poderia configurar numa visão preconceituosa e delineadora de diferenças. Nem todo comportamento homoafetivo tende a essa caracterização. Contudo, o total apagamento da diferença pode gerar uma homogeneidade cultural que, antes de aflorar um conflito social proporcionador de mudança, pode ocasionar a manutenção dos *status quo* social relacionados à práticas discursivas conservadoras. Para Green (2000): "Quando uma família descobre que um filho é gay, pais e parentes podem vir a tolerar esse fato, contanto que ele não seja abertamente efeminado e que as

pessoas fora da família não saibam. Muitas vezes está implícita a política do 'não pergunto, não me conte'". (GREEN, 2000, p. 27)

A saída para os conflitos familiares em *Menino ama menino* se dá através do temor da morte iminente do filho, quando Toni cai da cascata e quase morre afogado. A negociação da diferença na esfera familiar se constrói por meio de um ingrediente ficcional colocado na trama para se chegar a um final feliz. A cena do desespero de Toni na água ocupa duas páginas do livro. Narrando o acidente sofrido por Toni que quase morre afogado ao mergulhar em uma cachoeira, para desespero de todos, inclusive de seu pai que, comovido, desabafa:

> Quando vi meu filho rolando no meio das águas pensei que fôssemos perdê-lo. Num átimo de tempo, relembrei meu rosto alegre. Recordei minhas zangas, minhas palavras cruas e seu jeito silencioso de receber minhas ameaças. O remorso agora me sacode e me impele. Compreendi: é melhor ter meu filho vivo, assim como ele é, do que vê-lo morto. Eu o perdi por instantes, para ganhá-lo pelo resto da vida. O que seria de nós sem ele? (*Menino ama menino*, p. 37).

A voz do pai de Toni vem reforçar, de maneira subjacente, o preconceito que fora apaziguado. Mudam-se os hábitos com relação à figura de Toni no espaço social familiar. Depois de tranquilizar os ânimos, a narrativa possibilita como única saída para Toni ser ator, ou seja, a sua nova vida estaria para uma representação contínua, ficcional em que a família, saindo pela "porta dos fundos", vai se juntar aos outros como uma plateia atenta ao desenrolar dos fatos. Vejamos alguns trechos:

> Não havia lugar na plateia. Casa cheia! Na coxia, Toni aguardava a hora de entrar em cena. Luzes da Ribalta, de Chaplin, embalava a espera. (*Menino ama menino*, 2000, p. 38).
> A família toda vigiava a cortina preste a se abrir. Queria ver o sucesso garantido por dois meses de ensaio e muito entusiasmo. (*Menino ama menino*, 2000, p. 39).

Aqui, o teatro é o espaço em que Toni sentirá prazer em estar com o "outro", o "estranho" e que se tornou próximo, saindo do anonimato momentaneamente, um lugar de liberdade e afirmação. As imagens do suposto término da encenação teatral aparecem um tanto disformes. As mãos dadas denotam a hipocrisia ainda reinante entre essas personagens, como se vivessem das aparências do bem viver, como se tudo estivesse bem.

Postas as máscaras da encenação teatral, percebe-se que Toni continuou atrelado a uma delas, apoiando-se na normalidade aparente, mas não efetiva. Não há vestígios de

uma continuidade amena para a personagem Toni, o que ocorre é a saída de uma suposta vivência real relatada para um mundo ficcional que está metaforizado na carreira teatral que supostamente Toni seguirá, por considerar este um lugar de liberdade, onde ele pode ser o que quiser como ator. Operacionaliza-se a arte do mal encontro: "A arte de mal-encontrar, se dominada, relegaria o outro para o fundo; ou o outro não passaria de borrão no fundo do cenário contra o qual se coloca a ação." (BAUMAN, 2003, p. 173).

A relação entre vida e arte aparece nas narrativas homoafetivas como um dos únicos mecanismos de visibilidade destes sujeitos, que em posse de suas máscaras poderão assumir sua opção afetiva. Para Silva (2009b):

> A representação artístico-literária dos sujeitos homoafetivos já tem se consolidado em determinados discursos artísticos, fazendo com que as demais parcelas de leitores que não haviam planejado a validação e conferencia do Outro repensem o seu estar no mundo. Daí a importância política para a consagração de um cânone literário. (SILVA, 2009b, p. 36).

Assim, é importante destacarmos que, muitas vezes, a escolha das profissões pode ser interpretada como mais um mecanismo de fuga. E, mais em geral, há uma orientação para os ofícios "artísticos" ou os pólos mais artísticos dos ofícios, conforme afirma Eribon (ERIBON, 2008, p.47) e um dos exemplos mais claros é o teatro, a representação como temos no texto aqui analisado.

O jovem-leitor de *Menino ama menino* se depara, logo no título, com um ingrediente que faz parte da "diferença" cultural conflituosa. Contudo, a solução encontrada, via negociação social, está na pura ficcionalidade da situação vivenciada. Os comportamentos dos sujeitos das antigas "minorias", como os homoafetivos, encontram-se divididos dentro de um corpo coletivo maior. Tais comportamentos, vale salientar, fazem parte do processo de construção destes sujeitos, como quaisquer outros, vistos ou entendidos como subalternos, é claro, levando em conta o contexto no qual estes comportamentos se fazem presentes.

E deste modo a obra é encerrada, neste tom de consciência de que é melhor aceitá-lo assim, *gay*, do que vir a perdê-lo, ou seja, uma espécie de sentimento de compensação. Assim, podemos afirmar que a obra é relevante quanto à questão da representação destes sujeitos, mas que ainda há um caminho longo a ser percorrido, para que a identidade homoafetiva seja aceita como parte integrante desta variedade de

construções identitárias neste líquido mundo moderno, mesmo que muito já se tenha caminhado neste sentido nas atuais sociedades modernas, uma vez que assistimos frequentemente à inúmeras discussões acerca da legalização dos relacionamentos homoafetivos, através da união estável entre esses sujeitos.

Para aqueles que não estão incluídos entre os que “riem e se divertem”, ou seja, que não estão incluídos nas normas sociais, resta a missão de se fazer enxergar, de se tornar visível e abrir espaço nas sociedades excludentes.

CAPÍTULO 3: O DIÁLOGO ENTRE OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS NARRATIVAS HOMOAFETIVAS

Gêneros textuais são manifestações específicas de textos, literários ou não-literários. Modalidades discursivas constituem as estruturas e as funções sociais (narrativas, discursivas, argumentativas) utilizadas como formas de organizar a linguagem. Dessa forma, podem ser considerados exemplos de gêneros textuais as mais variadas produções como: anúncios, convites, atlas, avisos, programas de auditórios, bulas, cartas, cartazes, comédias, contos de fadas, crônicas, editoriais, ensaios, entrevistas, contratos, decretos, discursos políticos, histórias, instruções de uso, letras de música, leis, mensagens, notícias.

São textos que circulam no mundo, que têm uma função específica, para um público específico e com características próprias. Aliás, essas características peculiares de um gênero textual nos permitem abordar aspectos da textualidade, tais como coerência e coesão textuais, impessoalidade, técnicas de argumentação e outros aspectos pertinentes ao gênero em questão.

Marcuschi (2000) afirma que os livros didáticos, de um modo geral, trazem, de maneira equivocada, o termo tipo de texto. Na verdade, para ele, não se trata de tipo de texto, mas de gênero de texto. Para o autor pode ocorrer ainda o que ele nomeia como sendo intertextualidade intergêneros que é o fenômeno de um texto ter aspecto de um gênero, mas ter sido construído em outro; isso acontece quando ocorre no texto a configuração de uma estrutura intergêneros de natureza altamente híbrida, sendo que um gênero assume a função de outro.

Aspecto interessante a se observar é que Marcuschi afirma que os gêneros não são entidades naturais, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Um gênero, para ele, pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero.

Esta relação ficará bastante evidente nos gêneros aqui selecionados para análise neste capítulo, no qual cartas surgem com um caráter imensamente confessional e intimista, surgirão mais extensos, estruturalmente confundindo-se muitas vezes com um diário, como veremos mais a frente.

Uma noção que para nós é relevante destacar diz respeito ao conceito de interação verbal que normalmente é cunhado na dimensão dos eventos comunicativos

efetivados face a face, nos quais os participantes, em co-produção, constroem o texto, agenciando estratégias textuais, linguísticas, cognitivas e interativas que possam levar a termo o projeto discursivo em pauta.

Embora a noção de interação restrinja-se a eventos comunicativos orais, que se concretizam fundamentalmente com e pela presença dos interlocutores, em um contexto de produção específico mediante uma reflexão mais complexa podemos estabelecer uma noção mais larga de interação, que pode ser traduzida: toda e qualquer atividade discursiva, atualizada à distância ou *in praesentia* se constitui num quadro interacional, regido por regras e normas pragmáticas, adequadas à situação comunicativa. Aí se reflete, em larga medida, o que foi construído social, histórica e culturalmente, em termos de padrões interacionais, pelas pessoas de uma dada sociedade.

Em outros termos, o contexto sócio histórico e o quadro da situação comunicativa, são tomados de forma teoricamente significativa como um dos elementos constitutivos do processo da construção e atualização de gêneros. Ainda nesse quadro, outro forte pressuposto defendido pode ser assim anunciado: é na (e pela) interação verbal que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros. Isso acaba por instaurar o chamado caráter de alteridade das relações humanas, já que o outro é imprescindível para a concepção do sujeito, isto é, ao homem é impossível construir valores para si unicamente a partir de si (cf. BAKTHIN, 2000).

Nesse sentido é que entendemos que os gêneros textuais se apresentam como forma de ação social para viabilizar e construir a interação verbal, por conseguinte, como forma de instaurar as práticas de socialização dos (e entre) os sujeitos. Acreditamos, de igual modo, que, sem a relação de socialização e sociabilidade dos (e entre) sujeitos, no seio das práticas comunicativas, os gêneros historicamente não existiriam.

Na esteira dessas considerações, as reflexões tecidas por Bakhtin (2000) sobre a aquisição e o domínio dos gêneros textuais, a meu ver, dialogam em grande medida com o que vem sendo exposto. Assim, segundo o autor:

> (...) para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso (p. 301) Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero (...) Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala (...), a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 2000, p.301).

Das afirmações de Bakhtin, pode-se depreender que o uso da linguagem verbal consiste fundamentalmente na prática comunicativa dos diferentes gêneros textuais, nas esferas sociais, nas quais os indivíduos estão engajados. E mais, em termos de aquisição de linguagem, aprender a falar, a dominar uma dada língua (seja a materna ou uma segunda língua) significa aprender a lidar, social e cognitivamente, com regras e normas de uso dessa língua, as quais não se limitam às do funcionamento da gramática e do léxico dessa língua, mas implicam outras que reportam a ações textuais, discursivas, pragmáticas que igualmente são construídas e interpretadas à luz de um sistema sociocultural de que partilham os indivíduos. Essa aprendizagem (que aqui poderia ser traduzida por a de moldar nossa fala às formas do gênero), convém repetir, constrói-se no processo mesmo de interação, de socialização permanente e diversificado do sujeito nos grupos sociais com os quais convivem.

Devemos frisar que, como uma referência conceitual e metodológica, este estudo interage com a perspectiva de Marcuschi (2000), para quem o gênero é uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico. O gênero tem uma existência real que se expressa em designações diversas. São formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é linguística, mas de natureza sócio comunicativa. Poderia dizer que os gêneros são propriedades inalienáveis dos textos empíricos e servem de guia para o produtor e o receptor.

Tipos e gêneros podem conviver num mesmo texto, mas normalmente um predomina. Textos dissertativos argumentativos podem trazer cenas descritivas, e vice-versa. Assim sendo, um texto, por exemplo, do gênero carta, pode ser do tipo narrativo, argumentativo etc. Um romance pode trazer trechos descritivos, embora seja predominantemente narrativo. Fato que foi possível notar nas narrativas aqui analisadas.

Levando esses aspectos em consideração, estabelecemos uma relação entre os gêneros textuais presentes nas narrativas escolhidas como corpus de análise deste trabalho, por entender que estes são relevantes na constituição de seus enredos e respectivos desfechos.

Assim, dividimos este momento da análise em três tópicos, cada um envolvendo um gênero textual específico de modo a sistematizar nossa analise assim como aprofundar a discussões pretendidas.

Para uma melhor exemplificação desta análise, selecionamos trechos das obras que comprovem o diálogo entre esses gêneros textuais e aprofundaremos nossa

discussão mediante a utilização de categorias literárias pertinentes, levando sempre em consideração que o elemento central de nosso trabalho é a análise das configurações homoafetivas, assim nosso interesse aqui é perceber como estes gêneros contribuem para tal.

Para encerrar o que foi exposto, reafirmamos a compreensão de que os gêneros textuais são construídos *na* e *para* interação verbal entre os indivíduos no seio de uma sociedade, para responderem às suas necessidades comunicativas, que, por sua vez, reportam à ação de um processo de socialização.

3.1 - O bilhete – rápidas revelações afetivas

Vista sob essa ótica, com a qual este estudo opera, a dimensão interativa envolve e caracteriza toda e qualquer produção discursiva, na qual se pressupõe a (inter)ação dos participantes sobre (e entre) si mesmos, as representações da situação comunicativa em que estão engajados, o(s) assunto(s) em questão. Resumidamente, pode-se dizer que se reserva a noção de interação verbal à situação de trocas (em seu sentido amplo) entre os interlocutores, a qual pressupõe a organização por ações coordenadas que se prestam a levar a efeito um propósito comunicativo.

Em outras palavras, nessa acepção, a noção de gênero reporta-se diretamente ao funcionamento de textos em eventos comunicativos reais e concretos construídos em espaços sociais em que as pessoas agem, interagem e assumem papéis comunicativos e posições sociais específicas. Espaços que, como já se disse, estão vinculados diretamente às instituições constituídas em nossa sociedade, como, por exemplo, a família, a escola, a igreja, o hospital, a prisão, etc. Assim, em face da diversidade de esferas sociais de uso da linguagem, as quais refletem a diversidade das (inter e intra) relações sociais, são múltiplos e heterogêneos os gêneros textuais.

No que concerne ao gênero bilhete mais especificamente é possível afirmar que trata-se de um tipo de "carta simplificada" (uma mensagem curta e prática), por isso geralmente apresenta uma linguagem clara e objetiva, indo direto ao assunto pretendido. O bilhete pode ser considerado o mais informal, dentre os gêneros textuais informativos, e se estrutura por uma linguagem predominantemente informal, permitindo uma grande pessoalidade entre os falantes, como a forma de tratamento bem coloquial, podendo, inclusive nele serem utilizados apelidos; é empregado para

mensagens rápidas, urgentes e convenientes entre os interlocutores, não é obrigatoriamente escrito em linguagem formal/culta, e pode apresentar data e local, dependo da situação.

Mediante a estrutura apresentada, os bilhetes podem tratar dos mais variados assuntos, sejam eles formais ou informais. No que se refere ao assunto, Kayser (1985) afirma que este é determinante ao tratamento da obra literária, influenciando-a de forma direta e relevante, assim:

> O que vive em tradição própria, alheio à obra literária, e vai influenciar o conteúdo dela, chama-se *assunto*. O assunto está sempre ligado a determinadas figuras, contem um discurso no tempo. Está, pois, mais ou menos fixado no tempo e no espaço. (...) Segundo esta definição do termo literário "assunto", pode dizer-se que só têm assunto as obras em que se realizam acontecimentos e aparecem figuras, isto é, dramas, epopeias, romances, narrativas, etc. (...) O "assunto" pode existir da maneira mais variada, isto é, há as mais diversas fontes de assunto. (KAYSER, 1985, p. 52, *grifo do autor*)

Reconhecemos assim, uma qualidade especial do motivo: além da sua unidade estrutural, como situação típica e significativa; da sua concretização; do seu caráter transcendente a si próprio, pertence-lhe uma essência especial, que favorece o seu uso em determinados gêneros.

Tem-se no romance *O amor não escolhe sexo* a utilização do bilhete como um mecanismo que irá influenciar diretamente o clímax do enredo, uma vez que, conforme a narrativa, o personagem principal Marcos Aurélio irá mandar um bilhete anônimo ao amigo e objeto do seu desejo Cristiano, de modo a incitá-lo a perceber que está interessado nele. Vejamos a sequência que narra o momento do recebimento do bilhete:

> Certa tarde, inesperadamente, tocaram a campainha da casa de Cristiano e entregaram um imenso buquê de rosas vermelhas. No Cartão alguém escrevera em letra de fôrma:
> **"PARA CRISTIANO, O AMOR DA MINHA VIDA. SOU COLEGA DE CLASSE. DESCUBRA-ME. SE O CAÇADOR NÃO VAI À CAÇA, A CAÇA VAI AO CAÇADOR. BEIJOS..." [23]**
> Cristiano ficou estupefato. Em princípio pensou que fosse um trote, gozação de um amigo qualquer. Mas quem faria uma coisa dessas? Mais certo ser alguma gatinha apaixonada por ele, legal. Tímido do jeito que era, quem sabe ela achara essa forma para lhe chamar a atenção. (*O amor não escolhe sexo*, p. 51-52)

[23] Decidimos, como melhor forma de exemplificação, neste capítulo referente aos gêneros textuais, fazer fielmente a transcrição dos exemplos - conforme aparecem nas obras – obedecendo a mesma formatação, a saber, especificidade das fontes (tipo, tamanho, cor e organização espacial).

Como percebemos, mediante a descrição do narrador, Marcos Aurélio não conseguiu alcançar o objetivo pretendido, pois Cristiano acaba pensando que o bilhete, juntamente com o buquê de flores fora presente de Gislaine, uma colega de classe que há muito dava sinais do seu interesse pelo garoto, para total desconforto de Marcos que questiona o amigo sem hesitar por não entender as razões que o levaram a tal conclusão, vejamos:

> Terminada a última aula, Cristiano mal pôde esperar para contar a novidade a Marcos Aurélio:
> − Ganhei a garota – disse, confiante.
> − Que garota, cara? Rebateu o outro, pouco interessado no assunto.
> − Ora, Tamires. Nem te conto, foi incrível! Ela me mandou um buquê de rosas vermelhas, depois ficou me olhando sem parar, daí eu fui falar com ela no intervalo, e já combinamos um programa pra hoje à noite, não é demais?
> Marco Aurélio olhou para ele como se não acreditasse no que ouvia. Nem parecia o Cristiano que ele conhecia todos esses anos, tímido com as garotas, mas devotado aos estudos e aos esportes, aquele companheirão de sempre.
> − Ela disse que mandou as flores pra você?
> − Como assim? Eu agradeci as flores claro!
> − Não foi isso que eu perguntei, seu trouxa. Eu perguntei se ela confirmou que mandou as flores para você...
> − Pra falar a verdade ela disfarçou, claro, ela não ia entregar assim de bandeja. Foi ela, quem mais?
> − Podia ser outra pessoa, vê se cai a ficha! Ela estava a fim de você e aproveitou a deixa. E você nem vai ficar sabendo se foi ela mesma que mandou as tais rosas... (*O amor não escolhe sexo*, p. 55)

Marcos Aurélio queria levar o amigo a perceber que não fora Tamires quem enviara o bilhete, todavia, sua intenção foi frustrada, pois Cristiano só conseguia entender aquilo que ele gostaria que fosse a verdade, uma vez que, conforme Bakhtin (1992), "A compreensão amadurece apenas na resposta. A compreensão e a resposta estão fundidas dialeticamente e reciprocamente condicionadas, sendo impossível uma sem a outra" (p.90). Assim, podemos afirmar que a resposta é elemento relevante na comunicação, e essa muitas vezes leva a uma compreensão diferente do real, mas relativa ao desejo de verdade do sujeito da conversação.

No XV capítulo intitulado "Xeque-mate" – como o próprio nome sugere, irá descrever a tentativa do protagonista de resolver a sua situação junto ao amigo e objeto do seu desejo, e para tal ele usará o mesmo mecanismo utilizado anteriormente, assim, mais uma vez, ele remete ao amigo um buquê de rosas vermelhas e um novo bilhete:

> "**CRISTIANO, AINDA QUE NÃO TENHA DESCOBERTO QUEM SOU EU, VOCÊ CONTINUA SENDO O AMOR DA MINHA VIDA. VENHA ENCONTRA-ME NO ENDEREÇO ABAIXO ÀS OITO DA NOITE. EU IREI ATÉ VOCÊ. NÃO FALTE. VOCÊ NÃO VAI SE ARREPENDER. BEIJOS...**" (*O amor não escolhe sexo*, p. 111).

Conforme o desfecho da narrativa, após o recebimento das flores e do bilhete, e intrigado em descobrir quem realmente houvera lhe enviado, já que descobrira que não fora Gislaine, como pensara anteriormente, Cristiano decide ir ao encontro de seu/sua admirador/a secreto/a.

Para total surpresa – de certa forma o narrador aparenta uma possível decepção – Cristiano descobre tratar-se de Marco Aurélio, seu amigo de infância que havia declarado amá-lo e, por tal, causado uma verdadeira transformação em sua vida. Os amigos discutem e Cristiano, transtornado, deixa o local do encontro. Porém, para Marco Aurélio, toda aquela situação valeu a pena, pois servira ao menos para revelar a verdade que queria expor ou revelar.

O gênero bilhete também estará presente na obra *Cartas Marcadas.* Mesmo que a predominância neste romance se dê através das epistolas, percebemos uma variedade de outros gêneros textuais no decorrer da narrativa, dentre os quais, temos o bilhete que aparecerá em determinados momentos como uma alternativa comunicativa mais rápida entre os personagens, vejamos o primeiro exemplo do uso deste:

> (Bilhete de Dona Eulália para Duda, debaixo do travesseiro)
>
> Eduardo meu filho,
>
> Ando meio preocupada com você, que anda pensativo, casmurro e fora do ar. Faz um tempinho...Quis conversar na sexta passada, hoje, mas você nem tchum... Quase não te vejo. Quando percebo, já saiu. Quando volto do trabalho, você fica só trancado no seu quarto, seu mundinho. O que é que há? Fale comigo, meu filho.
>
> Mamãe te ama... De montão...
>
> (*Cartas marcadas*, p. 38).

O bilhete reflete a preocupação da mãe do personagem principal ao notar suas "mudanças" de comportamento. Uma das coisas que mais preocupa a mãe é o fato de Duda está "fugindo" dela, sempre trancado em seu "mundinho". Ainda na obra *Cartas marcadas*, temos mais uma vez a presença de um bilhete, agora anônimo, que aparece para questionar a personagem acerca de suas já existentes dúvidas, porém incita a uma resposta imediata, a uma resposta que Duda ainda não estava preparado para dar: a sua

afirmação com sujeito homoafetivo, frente a todos, vejamos o trecho que narra o recebimento do bilhete:

> Um pedaço de papel desbotado, quase amarelo de tempo, tão cheio de perguntas, de indagações, de dúvidas, de curiosidades, de pontas ferinas de objetos cortantes. Apenas duas perguntas, o resumo de uma vida na resposta possível. Duas angustia que se juntavam em uma só e amarravam os nós de sua garganta.
>
> VOCÊ ESTÁ FUGINDO DO QUÊ E DE QUEM?
>
> Duda arrastava o pedaço de papel para todo lado que ia. E, mesmo quando ficava esquecido no bolso de uma camisa ou no meio de páginas de cadernos, de livros escolares, a pergunta não se calava. Zunia intermitentemente.
> E continua fugindo. (*Cartas marcadas*, p. 46).

O bilhete anônimo deixa Duda inquieto, por fazê-lo questionar qual era realmente o seu "problema", se descobrir sua orientação afetiva, aceitá-la ou ainda fugir de seus desejos e vontades, como é questionado no pequeno pedaço de papel.

No que se refere ao bilhete enviado por sua mãe, Duda resolve, responde-lo, e utiliza o mesmo mecanismo, escreve um bilhete para ela. Vejamos o texto:

> (Um bilhete, quase carta, para Dona Eulália)
>
> Mãe,
>
> Fique fria. Eu sei que a senhora me ama. Eu sei também que o que a senhora quer é que eu seja uma pessoa feliz, não é? Não é à toa que a senhora trabalha bastante para não faltar nada para nós... nem para o pai, nem para a Maria Emília. Muito menos para mim. Vovó diz que a senhora trabalha demais na rua e em casa, lembra? Não pé por isso que a senhora está vendo coisas?
>
> Não fique preocupada, não. Não estou doente, nem aborrecido. De vez em quando eu ando meio filósofo, pensando na vida... A senhora não falou que até ontem eu era um garotinho lindinho e agora eu estou virando um adulto bobão? Será que é isso? Vou me arrumando...
>
> Gostei do seu bilhetinho. Resolvi mandar um de volta porque na hora em que a senhora chegar eu já vou estar trancado no meu mocó. E também porque eu estou *pegando gosto por falar por escrito*. Sacou?
> Se você chegar muito tarde, a gente se fala amanhã de manhã, certo?
> Até...
> Duda
> (Seu eterno menino)
>
> (*Cartas marcadas*, p. 54, grifo nosso)

O personagem esclarece como é interessante a comunicação escrita. Justificar as suas escritas ao longo do romance ao afirmar que "está pegando gosto por falar por escrito. Sacou?" decide, assim, escrever a sua mãe para que ela fique mais tranquila, já

que notara as mudanças de seu filho e buscava uma forma de conversar com ele que mostrava-se cada vez mais distante, sempre preso em seus pensamentos, em suas dúvidas.

Nessa abordagem, gênero textual e interação verbal são social e culturalmente construídos nas relações sociais concretas da vida. Nesse sentido, em termos teóricos Bakthin (2000) afirma que "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana." (BAKTHIN, 2000, p. 261.)

Os textos, conforme foi dito, por serem formas de interação social, permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo. E é em razão dessa capacidade que são também excelentes meios de intercomunicação. Determinados aspectos de nossa realidade social só são criados por meio da representação dessa realidade e só assim adquirem validade e relevância social. A revolução e evolução do conhecimento necessitam e exigem, permanentemente, formas de representação notoriamente novas e eficientes.

3.2 - Epístolas – correspondentes afetivos de um sujeito

Na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas à distância. Isso, sem dúvida, implicou o surgimento de uma complexa reorganização de padrões de interação humana e todo um aparato técnico e tecnológico, na medida em que se criava uma nova forma de interação social, dissociada do aqui e agora, através da qual se podia fomentar as transações sociais entre os homens, construir novos contatos interpessoais, consolidá-los, desfazê-los, refazê-los. Essa função social provavelmente é a função fundadora das práticas comunicativas dos gêneros epistolares.

No tocante a esse aspecto, é interessante observar que, na tradição da epistolografia ocidental, registra-se uma variedade de práticas comunicativas portadoras de finalidades sociais específicas, modelos da literatura epistolar, as chamadas cartas familiares. De modo geral, a prática de escrita das cartas familiares visava ora ao deleite (recrear para vida); ora ao ensino (consolar a vida); ora às reflexões sobre ações e sentimentos humanos (conhecer a si próprio).

Escrevemos uma carta pessoal quando queremos nos comunicar com alguém próximo de nós, como amigos ou familiares. As características desse tipo de gênero textual são simples, ou seja, não possuem muitas regras e estrutura para serem seguidas. Assim, dentre as mais relevantes podemos dizer que o assunto é livre, geralmente de ordem íntima, sentimental. O tipo de linguagem acompanhará o grau de intimidade entre remetente e destinatário. Portanto, cabe ao escritor saber se pode usar termos coloquiais ou mesmo gírias.

Quanto à estrutura, a carta pessoal segue, geralmente, a sequência: local e data escritos à esquerda, vocativo, corpo do texto e, por fim, despedida e assinatura. Como o grau de intimidade é variável, o vocativo, por consequência, também: *Minha querida, Amado meu, Querido Amigo Fulano, Fulaninho, Caro Senhor.* Assim também é em relação à despedida, a qual pode variar entre *Atenciosamente, Cordialmente,* até *Adeus, Saudades, Até em breve*, etc.

Quanto à assinatura, pode ser desde só o primeiro nome até o apelido, dependendo da situação. Caso se esqueça de dizer algo importante e já tenha finalizado a carta é só acrescentar a abreviação latina P.S (*post scriptum*) ou Obs. (observação).

As práticas comunicativas das cartas familiares não equivalem às das cartas pessoais (ou familiares), tais como as que hoje conhecemos, produzidas e lidas no espaço da privacidade, escritas, em princípio, para não serem publicizadas. Estas, na cultura epistolar, emergiram por volta do século XVII, passando a fazer parte das atividades de escrita da vida cotidiana, na esfera privada, para atender a propósitos comunicativos que iam desde o dar notícias a quem se encontrava ausente a manter uma correspondência para alimentar cordialmente um relacionamento.

Na Grécia e Roma antigas, por exemplo, ordens, leis, proclamações, pronunciamentos, comandos militares, documentos administrativos e negócios políticos do Estado eram emitidos na forma de carta, os chamados documentos legais ou oficiais; talvez se encontram aí os primórdios de uma sociedade que se burocratizava. Nessa sequência, outro fato ilustrativo diz respeito à Igreja Católica, que, em aberto processo de expansão, na Roma antiga e no período medieval, por meio das cartas apostólicas, pastorais e as homilias (cujos temas variavam de assuntos políticos a reafirmação de dogmas), criou um complexo sistema de rede comunicativa para administrar, controlar e pacificar as comunidades do reino da cristandade.

Nesse quadro, importa observar que a diversidade das práticas comunicativas epistolares há mais de 20 séculos já assinalava a existência não apenas de um gênero, mas, sim, o surgimento de um sistema (ou constelação) de gêneros epistolares, no seio das atividades sociais de uma dada cultura, produzidos e difundidos em esferas sociais distintas, para responder às demandas sociais particulares dessa cultura.

Em relação a isso, Bakhtin (2000), considerando a carta pessoal e íntima como um gênero primário, pelo fato de as práticas comunicativas desses gêneros epistolares se inscreverem no contexto privado, caracteristicamente, despojadas das formalidades impostas pela relação interativa assimétrica, tece o seguinte comentário:

> Os gêneros primários, ao se transformarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridos num romance, a réplica do diálogo do cotidiano ou a carta, conversando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo). (BAKTHIN, 2000, p. 281).

Não obstante essa observação de Bakhtin, merece destacar, a meu ver, que a inserção das cartas pessoais ou íntimas em obras literárias bem como a constituição de um gênero literário epistolar, de uma forma ou de outra, retratam, intertextual e interdiscursivamente, a dinâmica de práticas comunicativas das cartas, cultivadas num dado contexto sócio-histórico de uma sociedade, como um fenômeno social e cultural circunscrito e variável no tempo e espaço.

Para ilustrar, no caso da maioria dos gêneros epistolares, têm-se algumas fórmulas linguístico-discursivas, as chamadas rotinas comunicativas, como o vocativo, a saudação e a despedida, que, no percurso de mais de três séculos, vêm mantendo uma estabilidade na composição textual desses gêneros. Não obstante isso, um dado modo de dizer pode desfrutar de um certo valor numa dada época e, em outras, pode parecer impróprio, arcaico, como também pode variar de cultura para cultura.

A ideia de estabilidade está implicada no uso e na função social do gênero, que, como prevê Bakhtin (2000), entre outros, pode refletir no uso recorrente de recursos discursivos e fórmulas linguísticas (rotinas comunicativas), resultantes do trabalho

linguístico empreendido pelos usuários do gênero, no curso de suas atividades interativas. E, em sendo resultado do trabalho linguístico, as rotinas comunicativas são socialmente avaliadas e dotadas de um certo valor no que concerne à finalidade e à eficácia de seu uso.

Dentre as obras aqui analisadas temos o romance *Cartas Marcadas*. Como o próprio título já sugere, a obra apresentará um número recorrente de cartas, através das quais os personagens irão não só se comunicar, mas estas serão determinantes na construção psicológica dos personagens, assim como no próprio desenvolver da narrativa, pois será através delas que todo o desfecho da obra se desenrolará.

Na primeira carta da obra, o interlocutor explicará ao seu destinatário os motivos e razões pelas quais decidiu escrever-lhe, e solicita a seu remetente, Duda, que entenda as circunstancias que o levaram a optar por corresponder-se mediante as cartas:

> Duda,
> Não estranhe o que está escrito aqui. Peço-lhe que não estranhe, nem jogue fora, nem ria de mim. Não julgue apressadamente. Pensei muito, muito mesmo, antes de criar coragem e tomar a decisão de escrever-lhe. (*Cartas marcadas*, p. 8)[24]

Duda é surpreendido com o recebimento daquela carta e ficará ainda mais confuso com o teor dela, uma vez que comunicar-se por via epistolar não é algo muito comum nos nossos dias, mas o que realmente vai chamar sua atenção, serão as declarações feitas nelas, assim vejamos o que surge nesta mesma carta,

> Eu mesmo, quando comecei a descobrir dentro de mim uma alma *diferente* e que meu interesse não era por uma outra, mas por um outro, masculino como eu, levei um susto. Depois fui me acostumando e me preparando para assumir esse amor de cara diferente. Pode não dar em nada, mas peço-lhe que não relaxe comigo, não menospreze minha declaração. Considere apenas uma possibilidade. E me deixe continuar a escrever cartas para você.
> Pedro Paulo *(Cartas marcadas*, p. 9)

Pedro Paulo anuncia seu desejo por Duda e relata que o processo de descoberta e aceitação desse desejo não é nada simples, pois como ele mesmo afirma: "levei um susto". No entanto, ele pede ao amigo que permita que ele continue escrevendo-lhe, permita que continue se comunicando. Para Bakhtin (2000), as cartas acabam, de certo

[24] Quando utilizarmos apenas trechos das cartas, seguiremos a ordenação indicada pela ABNT para o uso de citações. Quando transcrevermos elas por completo, utilizaremos a formação conforme aparece na narrativa.

modo, mantendo uma característica inerente às comunicações "diretas", ou seja, face a face, uma vez que fica evidente quem fala (remetente) e para quem fala (destinatário):

> No diálogo cotidiano, na correspondência, essa coincidência pessoal é comum: aquele a quem eu respondo é o meu destinatário, de quem, por sua vez, aguardo resposta (ou, em todo caso, uma ativa compreensão responsiva). Mas nos casos de tal coincidência pessoal uma pessoa desempenha dois diferentes papéis, e essa diferença de papéis é justamente o que importa. Porque o enunciado daquele a quem eu respondo (com o qual concordo, ao qual faço objeção, o qual executo, levo em conta, etc.) já está presente, a sua resposta (ou compreensão responsiva) ainda está por vir (BAKHTIN, 2000, 302).

Uma outra particularidade da obra, que não se limita ao misto do texto narrativo propriamente dito e as cartas, como veremos é a presença de vários outros gêneros textuais, como que a formar um verdadeiro mosaico, uma série de informações que vão contribuir para a construção da personagem, como podemos ver a seguir:

> (Trecho de folheto religioso distribuído de casa em casa por religiosos insistentes e crentes em coisas outras desse mundão de Deus) [Eis o folheto] Assim, mantemos uma posição neutra para com os assuntos políticos dessas nações. Tentamos ser semelhantes aos primitivos discípulos de Jesus sobre os quais ele falou: "Não fazem parte do mundo." (João 17:16) Cremos que manter-se separado do mundo significa evitar conduta imoral tão comum hoje em dia, incluindo a mentira, o roubo, a fornicação, o adultério, o homossexualismo, o mau uso do sangue, a idolatria e outras coisas assim, condenadas na Bíblia. (Coríntios 6:9-11; Efésios 5:3-5; Atos 15:28, 29)
>
> (*Cartas marcadas*, p. 10)

A obra acaba ganhando um formato de bricolagem ou até mesmo de 'baú de recordações' no qual a personagem , de modo a construir sua identidade afetivo/sexual, vai 'anexando' tudo aquilo – geralmente textos – que se apresentam no seu dia-a-dia. Estes vão desde cartas, bilhetes, panfletos (como o transcrito acima) a trechos de músicas e poemas, ou até mesmo de romances[25] que são apresentados na obra como prefácio das cartas, vejamos um trecho da segunda carta enviada pelo personagem:

> O meu corpo queria se encontrar com o seu, mais que o meu pensamento pudesse controlar, renegar, dissolver. Vinha uma volumosa vontade de que a gente estabelecesse uma comunhão, um pacto um amalgamento. Como se estivéssemos predestinados a ser mais um casal lendário no mundo, desses que têm os nomes ligados para sempre: Romeu e Julieta, Marília e Dirceu, Tristão e Isolda, eu e você... Parece

[25] Na obra é citado um trecho de Romeu e Julieta, de Shakespeare.

> que essa harmonia de corpos almejada deixa muito mais belo esse lance de amor...
> (...)
> Descobrira em você a minha identidade amorosa. Se é que se pode dizer isso. Sei e vou procurar saber mais, pois não sou a única pessoa que vive uma situação semelhante a essa. Há, houve e haverá muitos e muitos... sabia? (*Cartas marcadas*, p. 14),

O personagem toma como modelo de realização afetiva histórias de amor dos clássicos literários como Romeu e Julieta, Marília de Dirceu, Tristão e Isolda, amores proibidos, mas que lutaram contra todos os ditames sociais em nome da realização de seus desejos. É assim que Pedro Paulo, vê o seu sentimento por Duda, um amor sem limites, capaz de superar todas as barreiras e até morrer por ele, assim como em Romeu e Julieta, um dos exemplos citados pelo personagem.

As práticas sociais são as atividades habituais que as pessoas realizam ao conduzir a vida social nos mais variados contextos. É necessário considera-las no estudo dos gêneros textuais, porque é nelas que acontece a conexão entre a ação social conjunta e suas estruturas. Em outras palavras, é essencial focalizar as práticas sociais porque é nelas que se torna viva a ligação entre indivíduos e sociedade.

Durante a narrativa Duda só escreve uma única carta: todas as demais são assinadas por Pedro Paulo e direcionadas a ele. Temos, a seguir, a carta que Duda escreve, esta possui um estilo metalinguístico, na qual a personagem tenta a todo o momento justificar a sua escrita, dizendo ao seu interlocutor características da linguagem de uma carta, por isso resolvemos transcrevê-la na íntegra, vejamos:

> Pedro Paulo,
>
> Tudo bem?
> Confesso a você que fiquei muito surpreso com as suas cartas.
> Não esperava. Mesmo.
> Afinal, somos amigos de tanto tempo, conversamos sobre tantas e tantas coisas e agora levo esse susto, cara.
> Na carta, a conversa é diferente. É leve e ao mesmo tempo drástica. O olho no olho é rápido como um corisco de vida. Na carta, não. Tudo fica suspenso. As palavras são como filmes para ver e rever.
> Cada um fala a seu tempo e a seu gosto. O emissor fala como quer, como se estivesse num palco só seu, e o destinatário ouve, com todo o seu silêncio estrondoso e todas as suas falas latentes.
> Bem, não quero ficar enrolando, não... Só eu sei como é difícil agir assim. Até agora estou um pouco confuso, assustado até.
> Não tive a coragem de encarar você para falarmos abertamente sobre o que está acontecendo. Entrei no jogo da correspondência na ilusão de que tudo seja mais leve, menos pesado do que esse sentimento de culpa e espanto.

Você já imaginou o que vão pensar nossos amigos, colegas e familiares quando ficarem sabendo de tudo?

Não tenho muito o que falar sobre o que é gostar com amor de um amigo da gente. Até agora, eu via você só como amigo. Agora é diferente. Isso muda o nosso jeito de pensar e viver. Fora que é complicado. Parece que falta uma lição de vida que ainda não aprendemos.

Fiquei incomodado, estou até agora, mas achei que você teve grande coragem em levar adiante essa situação que está acontecendo com você.

Não sei o que pretende, mas apesar de tudo penso que não quero deixar de ser seu amigo, embora agora seja mais difícil, não é? É o que posso lhe dizer agora, meu caro.

Acho também que não posso lhe dizer muita coisa sobre essa forma de amar diferente do que costumamos ver. Acho que é preciso muito cuidado para não sofrermos com isso.

Espero que você compreenda o meu lado. Vou ficar é na minha.

Duda

P.S. Gostaria que você queimasse essa carta depois de lê-la. Acho melhor...

(*Cartas marcadas*, p.32, grifo nosso).

Alguns teóricos conceituavam ou tipificavam as cartas com base, por exemplo, em fatores que recobrem o quadro da situação comunicativa: a relação entre os interlocutores, o propósito discursivo do produtor, os pretensos domínios institucionais de onde elas provinham. Somente para ilustrar, conforme descreve o autor, as cartas pessoais são definidas por seus informantes como aquelas centradas na relação entre os participantes, as quais lembram uma conversa face a face, uma interação mais próxima; o produtor expõe mais o seu sentimento, tende a ser mais íntimo, (aspecto que este estudo confirma).

Uma situação discursiva não pode ser livre ou acontecer no vácuo, desconectada do tempo e do espaço. Se acreditarmos na dinâmica "natural" do funcionamento do mundo, será impossível negar que os padrões regulares da língua, governados por regras, interagem e pressionam e induzem o sujeito a agir comunicativamente, de acordo com as estruturas previamente construídas dentro do sistema linguístico – comunicativo. Desta forma, o indivíduo acaba condicionado por uma série de elementos "externos" que o "leva" a realizar suas ações – no caso aqui, discursivas – uma vez que entendemos gênero (textual) como um fenômeno social e linguístico, como um sistema de eventos comunicativos culturalmente situados, com a linguagem sendo usada para viver uma dada prática social. Vejamos uma outra carta recebida por Duda:

Em meio aos trecos de sua mochila, mais um envelope meio amassado e mais uma carta.

Leu nervoso. Como sempre.

Duda,

Depois de noites mal dormidas, dias malpassados, diante de tantas flores e frutos desabrochando nesta espécie de jardim encantado que mora dentro deste meu cotidiano comum

e mais que corriqueiro, resolvi sair do meu silêncio estratégico. Depois do telegrama relâmpago, é claro. Este tom meio provocativo faz parte do meu jeito de ser. Você sempre soube. Talvez seja o que me toca e me direciona a você. Não pense que eu desisti de ir ao encontro do meu sentimento. Muito pelo contrário, estou mais seguro de que vale a pena perseguir o que a gente sonha e quer deveras. Dito isso, confesso que não estive tão alheio, fora de sintonia ou desaparecido como você poderia imaginar ou até querer. Tenho ficado na sua cola. Verdade. Tenho seguido um pouco de seus passos pela vida. Acho até que você anda fazendo progressos. Ouso dizer isso. Pelo menos penso que você concordará comigo que não há como fugir dessa parada. Encará-la é sempre melhor, porque pode resolver... pelo sim ou pelo não...

Espero que agora você não esteja mais assustado, confuso e com sentimento de culpa. Fiquei um pouco feliz quando você me escreveu dizendo que não pretende deixar de ser meu amigo. Será? Mas você sabe bem que essa história de ser amigo é o que pode nos segurar para sermos um pouco mais do que isso. Espero que seja essa a lição de vida que você tenha que viver para melhor viver.

Não quero ser chato, inconveniente mais tenho que lhe dizer que brevemente poderei lhe afirmar que temos um tempo marcado e que está acabando. Logo, poderei lhe dizer sobre isso e o que essa espécie de esgotamento do tempo pode marcar em nossas vidas. Talvez até tenha que tomar uma drástica decisão, caso necessário. Há outras coisas que acontecem em mão dupla. Umas a gente não deseja, pense bem... Não é só esse nosso movimento amoroso. Nada muito diferente do que brincar de viver.

Você pode me contar num pedaço de papel o que anda pensando sobre nós*?*

Até qualquer dia não tão distante...

Pedro Paulo

(*Cartas marcadas*, p.70-71, grifo nosso)

No trecho destacado temos a justificativa da amizade como primeira manifestação do desejo homoafetivo, como já discutimos, essa é uma das mais recorrentes formas de apresentar esse desejo. Nesse modo de representação o gay não quer o centro, não deseja ser muito visto, nem se expor demais, ele parece querer mais ser adivinhado, buscado, pois ele mesmo, muitas vezes, está à procura de sua identidade, conforme o próprio texto afirma "resolvi sair do meu silêncio estratégico".

Dizer-se amigo do objeto de seu desejo, se torna mais ameno e de fácil aceitação, principalmente quando, no caso de nosso personagem, essa relação com a sua escolha afetiva ainda não está firmada, esse recurso apresenta-se bem mais tranquilo e aceitável.

A carta possui um caráter confessional também, uma vez que é escrita na primeira pessoa do singular e deixa bem claro quem é o seu interlocutor "e me direciona a você". Existe entre os envolvidos na conversação – via cartas – uma estreita relação de confiança, uma vez que o remetente afirma perceber a possibilidade de encarar o conflito e deixa isso bem claro ao amigo "Pelo menos penso que você concordará comigo que não há como fugir dessa parada. Encará-la é sempre melhor, porque pode resolver". Mesmo não sendo imediata a relação entre o falante e o ouvinte, e

consequentemente a reposta ao remetente, este a solicita ao destinatário, de modo a estreitar ainda mais a comunicação entre estes: “Você pode me contar num pedaço de papel o que anda pensando sobre nós?” e assim se despede, com a esperança de recebe-la brevemente, “Até qualquer dia não tão distante...”

Ainda no romance *Cartas Marcadas*, temos em uma das últimas cartas da personagem Duda, que agora já direciona a sua escrita a si mesmo, uma carta com uma forte característica de Diário:

(Breve exercício de entender opções e aceitar outras condições)

Duda amassou o papel e jogou a carta fortemente num canto qualquer. Ficou lá amassada esquecida.

Num lance de salvação, pegou um caderno qualquer, abriu-o numa folha em branco e escreveu o que seu coração mandava naquela hora. Leu depois para si mesmo.

Por que fico assim? Por que me sinto, como se estivesse devendo algo a todo mundo? Sem preço e sem saber como pagar. Como se tivesse uma culpa por ter salvaguardado em mim um pecado original. Acho que o que me pega mais é a possibilidade de estar fazendo algo muito louco e ainda muito errado. Aquela coisa que Deus castiga... E mais: algo que seja detonador de uma grande infelicidade a todos que me rodeiam e me querem bem.

Mas quero pensar que isso tudo no fundo é uma grande bobagem. Deve ser. Não sei ainda o que é gostar, amar... meninas ou meninos, sei lá. Sei quase nada de amar.

Quantas vezes despertei após ter tido sonhos estranhos e acabava excitado ou atormentado como se tivesse me enlaçado em braços e corpos em lugares exóticos, estranhos? Acordado, via que nada daquilo fazia parte do meu mundo real, mas tudo se impregnava e retomava a minha memória. Mas isso não é normal? Não acontece com todos os meninos e meninas?

Meninos se masturbam juntos, mas nunca sabe o que se passa na cabeça deles. Será que para meninas é mais fácil? Outro ponto desconhecido. Um dia, Maria Cândida poderá me explicar. Será? Espero que, quando for ficando adulto, isso tudo se resolva...

Tenho vergonha de enfrentar minha mãe. Tenho medo do que meu pai possa fazer. Acho que minha irmã não ligará muito para isso, já sei. Mas os meus pais poderiam colaborar mais comigo nessa situação, penso. Preocupam-se tanto com o meu bem estar, com minha educação, minha saúde, meu futuro, mas parecem mais inseguros e medrosos do que eu quando o negócio é a vida da gente de fato. O que somos, o que seremos, o que podemos ser. Afinal, eles já viveram mais e nos chamaram ao mundo. Agiram em comunhão para isso. Nem fica bem ficarem à margem nessa hora especial. Será que isso é coisa de todos os pais? Porque não aceitam a gente como a gente é e não do jeito que gostariam que fosse?

Sinto e tenho a certeza de que minha mãe, em seu silêncio de palavras, mas de atitudes ribombantes, vai me ajudar a levar isso do jeito que for. Talvez ela e meu pai acabem pensando nisso...

Meu Deus não quero perder meus amigos! Parece que aí se insere mais a minha dignidade. Talvez tenha de enfrentar uma boa barra com alguns. Outros me darão apoio e força e estarão comigo na tempestade e na minha forma de amar. Amigo que é amigo resplandece nessa hora. Também não preciso dizer de mim num decreto. Sou o que sou, e vou sendo cada vez mais o que posso ser se me aceito e me respeito, e vou tocando a minha vida dando satisfações à minha consciência. É isso. O que não posso agora é mentir para mim mesmo e carregar um peso de inverdades maior que tudo. Não vou encontrar um salvador da pátria ou alguém que fará alguma transformação. Posso ser em plenitude tudo que sou. Marcar presença

no mundo. Não importa como vou viver sexualmente e com quem. O que vale é que tenho de viver capaz comigo mesmo, com minha consciência, sem medo de ser feliz. Velho jargão que vem a calhar na agonia de alguém que resolveu antes de qualquer coisa optar pela verdade e não por um mundo falso e cheio de mentiras cor-de-rosa. Nesta hora, posso optar. E cada escolha tem seu fluxo de consequências. Vamos ver...

(De Duda para Duda)

(*Cartas marcadas*, p. 88-89)

Nesta última e reveladora carta o personagem inicia seu discurso questionando-se acerca do sentimento de "culpa" que o rodeia, por está cometendo um "pecado original". A ideia de pecado, culpa, rancor, medo e angustia ainda é muito recorrente nos sujeitos que se inscrevem homoafetivamente, haja vista, a ainda existente influencia do discurso religioso (particularmente o judaico-cristão), fazendo com que os sujeitos se sintam culpados por seus atos e consequentemente merecedores da exclusão social que lhes é imposta.

Uma outra dúvida do personagem é acerca de seus sentimentos "Não sei ainda o que é gostar, amar... meninas ou meninos, sei lá. Sei quase nada de amar." O personagem não questiona apenas o objeto do seu desejo: meninos ou meninas, mas o seu sentimento em si. O que seria gostar? E amar, o que seria? Como descrever esses sentimentos ou sequer diferencia-los. Torna-se ainda mais conflitante para Duda, entender o que se passa em seu íntimo e conviver com tantas e tensas dúvidas.

Um dos maiores receios do personagem é o medo de sofrer e causar sofrimento aos seus, uma vez que a sua homoafetividade é tida como uma vergonha: "Tenho vergonha de enfrentar minha mãe". Assim, o insulto e seus efeitos não se limitam a definir um horizonte exterior. O insulto também cria um foco interior de contradições, no qual se inscrevem as dificuldades encontradas por um sujeito gay antes de poder se assumir, isto é, antes de se identificar e ser identificado como gay. É essa identificação que muitas vezes é rejeitada pelos sujeitos, porém faz-se necessária num primeiro momento, mesmo que, como afirma Eribon (2008), "Há como que a vontade de apagar o que se é". (ERIBON, 2008, p. 88). Numa tentativa recorrente de se anular frente as dificuldades de viver o que se é. Por isso que a autonomia individual, a liberdade individual, se constroem e se conquistam por batalhas que só podem ser coletivas e que estão sempre a recomeçar.

O personagem destaca ainda o fato de os pais muitas vezes se preocuparem com tanta coisa, mas não perceberem o que se passa com seus filhos: "Preocupam-se tanto

com o meu bem estar, com minha educação, minha saúde, meu futuro, mas parecem mais inseguros e medrosos do que eu quando o negócio é a vida da gente de fato". As crises familiares que assolam muitos lares, muitas vezes se desenrolam por que pais e filhos não conseguem chegar a um consenso do que realmente seria relevante para cada um deles.

Por fim, Duda encerra sua carta/desabafo com a certeza de que sofrerá as consequência das escolhas que fizer, sejam elas quais forem pois, "cada escolha tem seu fluxo de consequências. Vamos ver...". A ele só resta esperar e torcer, esperar que seus dias sejam mais tranquilos, que consiga as respostas necessárias e torcer para que suas escolhas sejam as mais acertadas, sejam quais forem as consequências.

3.3 - Diário – a sempre presente confidencia autobiográfica

O que é um diário. É um gênero textual no qual se faz o registro das vivências e sentimentos de um "eu" face ao mundo que o rodeia. Possui, por esse motivo, um caráter intimista e confidente. O diário é o testemunho cotidiano, por vezes com algumas descontinuidades, do dia a dia de alguém que fixa – através da escrita – fatos, desejos, emoções, medos, anseios, sonhos, perspectivas, um lugar de possibilidades. O diário é também um dos gêneros da literatura autobiográfica

Algumas características são inerentes ao gênero diário. Geralmente é contínuo – cada dia corresponde a um registro de situações e sentimentos diferentes e é identificado pela respectiva data. O autor dirige-se ao diário como a um confidente, sendo frequente a utilização do vocativo "*Querido diário*" ou até a criação de um nome para o saudar, por exemplo.

O protagonista e o narrador são coincidentes, ou seja, são a mesma entidade. Por esse motivo, a modalidade de enunciação do discurso utilizada é a primeira pessoa. O diário é testemunha de uma situação de comunicação unilateral. O discurso é livre, uma vez que o narrador dá livre expressão ao curso do seu pensamento. Não existe, exceto no diário de ficção, a intenção de agradar aos leitores, porque o diário convencionalmente destina-se ao próprio autor.

O discurso é prioritariamente subjetivo, ressaltando o valor confessional da escrita. O registro é informal, e o vocabulário bastante simples. Utilização de dêiticos,

marcas da presença do sujeito no discurso que produz, também é uma característica bastante comum. A referência dêitica pode ser dada por pronomes pessoais, determinantes possessivos ou demonstrativos, advérbios de tempo ou de lugar.

Por vezes, a narração é descontínua, intercalada, porque apenas ocorre quando o sujeito de enunciação deseja registrar algo que foi importante para si, e por isso "merece" ser registrado.

Existem dois grandes tipos de diário, de acordo com o tipo de receptor a que se destinam: *Diário pessoal* – este diário é íntimo e destina-se apenas a ser lido pelo seu autor. Não existem grandes preocupações literárias e a linguagem é fluida e familiar. Poderá ser mais repetitivo em termos de forma (repetições a nível do registo escrito que traduzem a fluência da oralidade) e de conteúdo (referência aos mesmos episódios…) que o diário de ficção; *Diário de ficção* – como o próprio nome indica, este não se trata de um diário genuíno, cujo autor regista as emoções e vivências quotidianas. A preocupação pela literariedade é muito maior, como também é acrescida a atenção sobre a linguagem utilizada que, não obstante, traduzirá também o correr do pensamento. O diário de ficção é uma obra literária apresentada na forma de anotações pessoais.

Conforme estudos anteriores, temos que a ideia transmitida por um determinado texto faz com que ele pertença a um gênero textual específico. No que se refere ao diário especificamente, podemos destacar alguns elementos predominantes à sua estrutura: Vocativo, como não está escrevendo para uma pessoa específica, mas sim para você mesmo (a), geralmente é utilizado o: "*Meu querido diário".* A data, essa parte é essencial, pois marca o que foi registrado numa determinada ocasião. Desenvolvimento, trata-se da parte na qual registrará as informações que desejar e por fim, a assinatura, evidenciando o autor (a) do texto.

O diário, assim, se configura como mais uma possibilidade criativa do escritor que, mediante este gênero, poderá ainda escolher uma categoria mais especifica. Para Barthes, os diários podem assumir quatro posicionamentos a saber: poético, histórico, utópico e amoroso, cada qual, de acordo com a relação estabelecida entre o escritor e a sua escrita confessional, ou como afirma Barthes, mediante os "motivos" que impulsionaram a sua produção.

Para nossa análise, temos a principio o caso da obra *Diário de Rafinha*, na qual, conforme o título já sugere, fará menção à existência/escrita de um diário que será definitivo no desfecho da obra como poderemos notar mais à frente. Vejamos como

surge a figura do diário na narrativa, "É tudo muito estranho, não entende nada. No quarto, Rafael pega seu diário e escreve sobre a dor que o atormenta naquele momento, a dor de estar apaixonado por Tom e não ser correspondido." (Diário de Rafinha, p.43).

Ao fazermos uso da linguagem por intermédio dos mais diversos gêneros textuais, acionamos – conscientemente ou não – diversas instâncias cognitivas, uma vez que se fará necessária uma maior atenção e desdobramento junto ao texto que esta sendo lido. Além disso as escolhas que fazemos dependerão do contexto da situação e do contexto de cultura onde um determinado gênero textual ocorre. No diário, essa característica fica bastante evidente, uma vez que escrever para "si mesmo" – como geralmente ocorre com esse gênero – atribui ao sujeito uma maior liberdade.

Quando nós usamos linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais, materializadas em gêneros textuais; estamos, pois, definindo gêneros como tipos de enunciados que estão associados a um tipo de situação comunicativa. Gêneros não são apenas formas, por isso o escritor pode "jogar" com uma variedade de modelos em diferentes situações sociais e com diferentes objetivos, como aconteceu nas obras aqui analisadas, nas quais os autores se utilizaram de variados textos para alcançar o seu objetivo central, narrar a história.

Imagem e palavra mantém uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função na construção de sentidos dos textos. No gênero aqui discutido, a imagem é um elemento bastante recorrente, uma vez que o diário é construído mediante a lembrança dos momentos vividos, as recordações de suas memórias, como fica claro no trecho a seguir:

> Em apenas dois dias, Tom se muda para a casa de Rafael, que não cabe em si de felicidade por ter o amigo e amado morando ali com ele, e ainda dividindo o mesmo quarto. Na primeira noite, ao recolherem-se para o quarto, *Rafinha, enquanto escrevia as novidades em seu diário*, notou que o amigo estava muito pensativo e continuava preocupado. (*Diário de Rafinha*, p. 68, grifo nosso).

O diário reaparece como um mecanismo de desabafo e confidencia do personagem, que recolhe-se para registrar em suas páginas seus sentimentos por Tom. É interessante perceber também que a escrita do diário exige de seu produtor o recolhimento. Ninguém escreve em seu diário junto de outras pessoas, é sempre necessário afastar-se, recolher-se. Faz-se preciso uma intimidade com o objeto, o diário em si, e a escrita.

Embora Bakthin sempre considere os aspectos sócio históricos e dialógicos que definem a produção, a circulação e a recepção dos gêneros, o autor não abre mão de que devemos compreender os gêneros do discurso como um "todo discursivo" que apresenta uma estruturação relativamente estável, por isso a importância de todos os elementos produtivos, sejam eles internos ou externos.

A importância da estabilidade dos gêneros do discurso é valorizado por Bakthin exatamente porque ele considera o seu caráter histórico e a sua importância para a efetiva comunicação entre as pessoas. O autor, com isso, não nega a flexibilidade, a maleabilidade, a plasticidade funcional e formal dos gêneros, mas afirma que o uso criativo exige o domínio dessa estruturação mais ou menos estável:

> Ao lado dos gêneros padronizados, existiram e continuam a existir, claro, gêneros mais livres e criativos da comunicação verbal: os gêneros das reuniões sociais, da intimidade amigável, da intimidade familiar, etc. (...) A maior parte desses gêneros se presta a uma reestruturação criativa (de modo semelhante aos gêneros literários e, alguns deles, em um grau mais acentuado), mas um uso criativo livre não significa ainda a recriação de um gênero: para usá-los livremente, é preciso um bom domínio dos gêneros. (BAKTHIN, 1992, p. 303)

Segundo o teórico, a liberdade pertinente aos gêneros não se configura como um "tudo é possível", mas para a criação de muitas possibilidades. Todavia, é pertinente se perceber que existe uma normatização própria a cada gênero especificamente. É este caráter normativo dos gêneros percebidos pelos falantes que lhes confere a "relativa estabilidade" mencionada por Bakthin, estabilidade esta que é um principio definidor dos gêneros. É por isso que se pode afirmar que os gêneros textuais organizam nossa fala para que a comunicação possa ocorrer.

No entanto, é preciso observar que o grau de estabilidade ou normatividade dos gêneros é bastante relativo. Os gêneros literários, por exemplo, se situam em uma tradição, construindo determinada filiação em relação as obras anteriores, retomando-as de uma forma mais ou menos fiel, seguem uma certa "normatização".

A narrativa segue e a relação de Rafael com seu diário torna-se cada vez mais recorrente, não deixando agora nenhum momento importante passar sem o seu merecido registro:

> A frieza de Tom com a namorada era o primeiro grande resultado de seu plano ardiloso. Tudo estava saindo como imaginou. Subiu para o quarto, antes que Tom entrasse em casa, e *correu para registrar o*

> *acontecimento em seu diário*. O amigo entra, minutos depois, e vai direto para cama, sem nada dizer. Rafa, por sua vez, não ousa puxar conversar. Melhor seria deixa-lo dormir mergulhado em suas dúvidas. (*Diário de Rafinha*, p. 76, grifo nosso).

O diário aparece como um mecanismo de escape, de vazão dos sentimentos, uma vez que o protagonista "correu para registrar o acontecimento em seu diário", isto acontece tanto pelo fato de Rafinha não ter ninguém com quem pudesse desabafar verdadeiramente, quanto pela necessidade de se registrar tudo aquilo que estava vivendo. Para o personagem, suas ações, suas ideias estavam dando certo, já que estava conseguindo cada vez mais se aproximar de Tom e afastá-lo de sua namorada. A escrita confere às palavras a possibilidade de torná-las perenes, fortes de se estabelecerem com maior certeza e fidelidade ao que foi dito. Para o diário, especificamente, é significativo a certeza de que os momentos selecionados como importantes, e valiosos, do ponto de vista emocional, ficarão registrados e não se limitarão ao resgate da memória. Segundo Bakthin:

> Nenhum conteúdo seria realizado, nenhum pensamento seria realmente pensado se não estabelecesse uma interconexão essencial entre um conteúdo e seu tom emocional-volutivo, isto é, seu valor realmente afirmado para aquele que pensa. O experimentar ativo de uma experiência, o pensar ativo de um pensamento, significa não estar de modo algum indiferente a ele, significa afirmá-lo de maneira emocional volutiva. (BAKTHIN, 1993, p.203).

Neste trecho, Bakthin chama a atenção para o fato de que, do ponto de vista da recepção, um conteúdo somente é significativo para alguém quando este alguém quer saber, quer aprender sobre determinado assunto ou tema. Ou seja, para apreender algo, é preciso que aconteça algum envolvimento emocional da parte de quem ouve/lê/escreve os conteúdos propostos. Assim, de acordo com a noção de tema proposta por Bakthin, este é sempre desenvolvido em conjunto com o que o autor chama de "apreciação valorativa", ou seja, ao se produzir um gênero textual, seja ele oral ou escrito, o produtor, em alguma medida, marca a maneira como vê e compreende o tema. Sendo assim, há gêneros em que esta "apreciação valorativa" da parte do produtor sobre o que se diz é mais especificamente marcada, como nas biografias e autobiografias, e no nosso caso mais especifico o próprio diário.

Na narrativa, os inimigos de Rafael, tendo ciência da existência de seu diário, irão fazer de tudo para consegui-lo e assim, prejudica-lo*: "*Sabia que Rafael tinha um

diário onde registrava todas as suas artimanhas. (...) começaram a bolar um plano para colocarem as mãos nesse ‘pequeno dossiê’” (*Diário de Rafinha*, p. 87, grifo nosso). Da mesma forma, que ele será determinante na revelação de suas ações a todos, a começar por seu pai, que fora o primeiro a ter contato com o texto. Vejamos, o momento da descoberta:

> *O diário caíra-lhe nas mãos quase que por acaso*.(...) Seu Oswaldo não perdeu tempo, pegou-o imediatamente. Sentou-se na cama e começou a folheá-lo página por página. A cada página virada, sua expressão se tornava mais lívida. Era uma história mais suja que a outra, um poço fundo de lama. (*Diário de Rafinha*, p. 88, grifo nosso).

Mesmo em face dos inúmeros crimes cometidos por Rafael e relatados em seu diário, seu pai ficara mais transtornado ao saber de sua orientação sexual, de seu desejo por Tom, chegando inclusive a agredir o filho,

> Seu Oswaldo batia sem dó, queria pôr toda a sua raiva pra fora, toda a vergonha que o filho o fazia sentir. Batia, também, pela descoberta da orientação sexual de Rafael, pois, pelo modo pela época em que foi criado, não conseguia tolerar homossexuais na família. (*Diário de Rafinha*, p. 89).

A revelação da homossexualidade de um filho é extremamente perturbadora para um sistema familiar heterossexual. O estresse é particularmente crítico quando a família pensava que realmente conhecia intimamente aquele filho (ou irmão) e desencadeia reações de crise que afetam o equilíbrio familiar de todos os envolvidos. Os pais normalmente reagem, pelo choque com raiva e sentimentos de culpa, mas também podem demonstrar negação, vergonha ou desenvolver um distanciamento afetivo em relação ao filho/a.

De forma geral, é importante para os próprios sujeitos gays e lésbicas que eles possam assumir sua orientação homossexual perante seus familiares. Sentir-se amado, aceito e reconhecido pela família é um requisito básico para o bem-estar emocional. Decidir não se expor, no entanto, pode significar um desejo de evitar conflitos ou tensões inevitáveis, ou mesmo um cuidado com a própria sobrevivência física ou econômica, em relação à família ou à comunidade em geral. Em alguns casos, deve-se à convicção de estar evitando um sofrimento aos familiares. Um dos problemas mais doloridos relacionados à homofobia refere-se à não-aceitação pela própria família, com

a possibilidade de rejeição ou marginalização., conforme se percebe nas narrativas em estudo.

Como já vimos discutindo, uma das singularidades da obra *Cartas marcadas* é o forte caráter confessional da narrativa, no qual o narrador muitas vezes visita a mente e o coração dos personagens, conhecendo seus mais íntimos sentimentos. Vejamos o exemplo destacado:

> (Bem no fundo do coração de Luca, um amigo de verdade)
>
> Quer saber de uma coisa? É preciso ser muito macho mesmo! Na verdade, só é preciso ser é Homem. Homem que é homem não tem medo nenhum de pegar bichice que não anda à solta que nem gripe por aí. Homem que é homem não precisa ter essa veadagem de ter ódio ou agir com crueldade contra quem não pense ou aja de acordo com seu figurino de macho. Homem quando se vê humano ruge com todas as forças da vontade. Sentimento é coisa de homem e de mulher. È coisa de humanos que somos todos nós. E ainda tem esse lance de homofobia, que não leva a nada, porque não resolve...
>
> Sou amigo do Duda, sim, mais do que ele pensa, acho eu. Gosto dele pelo amigo, meio irmão que ele é, e pelo convívio que temos desde os primeiros anos de escola. (...) Dou a maior força para ele. Quero que ele seja inteiro. Isso é que importa. Homem que é homem também sabe apoiar *essas pessoas* quando elas querem ser elas mesmas. Temos que fazer alguma coisa para melhorar a vida das pessoas.
>
> Em suma: é preciso ser muito homem para viver nesse mundo assumindo a identidade sexual, seja ela qual for. Viva o Duda! Valeu amigão! Tô contigo!
>
> Deixo essa para pensar: fazer nada é o mesmo que ser contra...
>
> Valeu...
>
> (*Cartas marcadas*, p. 95, grifo nosso)

Surge ainda nesta narrativa um outro gênero textual, que estaria entre a carta e o diário. Trata-se do desabafo do amigo Luca, que tenta incentivar Duda a aceitar a sua condição homoafetiva. Segundo ele "Homem que é homem também sabe apoiar *essas pessoas*", o pronome indefinido adquiri, aqui, uma forte conotação negativa, uma vez que irá caracterizar – mesmo que indefinidamente – o substantivo pessoas, de modo a fazê-lo significar "uma pessoa qualquer", "sem valor" e principalmente "ruim". Ele encerra seu desabafo afirmando que "é preciso ser muito homem para viver nesse mundo assumindo a identidade sexual, seja ela qual for. Viva o Duda! Valeu amigão! Tô contigo! Deixo essa para pensar: fazer nada é o mesmo que ser contra...". Para Luca, assumir a sua opção sexual é uma ação capaz apenas dos "homens verdadeiros", aqueles que se mostram corajosos e destemidos.

Trata-se de um conceito bastante equivocado e preconceituoso de masculinidade e hombridade. Ser homem estaria para fazer qualquer coisa, gritar para todos o que "se é", sem medo de represálias, ou consequências. O que, na verdade, não funciona muito

bem dessa forma. O sujeito pode, como acontece em muitos casos, mesmo consciente e totalmente assumido em relação a sua homoafetividade, desejar ter um estilo de vida mais reservado e tranquilo, como ocorre com muitos casais hetero, que simplesmente não gostam de demostrar sua intimidade, preferem viver reservadamente.

Percebemos, por meio do desabafo do amigo, que dissimular é um equivalente para encobrir, fingir não revelar seus sentimentos, dissimular não é apenas mascarar a verdade, é escondê-la, carregando essa propriedade do querer e do negar, uma vez que o desejo existe, a verdade existe, mas precisa ser sustentado em nome de uma ordem dominante que não "permite" que ele seja exteriorizado, ou não oferece condições para que o sujeito se liberte do mesmo.

Duda, em um dos momentos finais da narrativa, faz uso mais uma vez da escrita pata mostrar que estava disposto a tomar um "novo rumo" em sua vida, percebera que não precisava se esconder de nada, que deveria vivenciar seus sentimentos e arcar com as consequências que a vida o imporia, não adiantava mais fugir, na vida é necessário viver:

(Bem no fundo do coração de Duda)

Estou aqui comigo mesmo, não com meus botões. Eu de frente, olho no olho, cara a cara, coração e mente, sem medo, sem fantasias, sem ilusões maiores. Vou viver, seguir vivendo com o que eu trouxe do infinito profundo da minha existência, o mais genuíno em mim.

Tenho inaugurado uma espécie de orgulho moderado, de compreensão. Com cautela, como todo ser que convive, divide, agrega, tolera e coexiste, vou seguindo firme e claro.

Sei que a vida abre sempre outras janelas para os horizontes. Respeito o tempo porque ele é minha própria aventura. Tudo o que eu vivi até agora é ainda pouco para se saber o que é viver. Mas me entrego total ao que me cabe, ao que acolho como bom e que não acrescenta nada de irregular em mim. Cabe a cada um de nós que estamos no mundo saber o que somos, o que queremos ser. Confio no que sou, quem posso ser, e dou corda para isso. Como um violino afinado que guarda melodias e acordes, tenho por tarefa desenhar a minha vida com todas as marcas, cores e tons. Uma pauta de muitas cantigas.

Olho para fora daqui da minha janela e compactuo este meu momento com a Natureza, presentificada no meu olhar. Ela que guarda seus mistérios com a engenharia do seu movimento, me alimenta de seus ciclos. Ela me oferece uma matriz. Vejo um passarinho anônimo que multiplica as sementes num saber natural, ingênuo e harmoniosamente necessário. Sinto que a semente da minha história começa a brotar.

(*Cartas marcadas*, p. 102, grifo nosso)

Mais uma vez a voz narrativa surge como um desabafo, neste caso agora, do próprio personagem que "demonstra" o que se passa "bem no fundo do seu coração". Essa expressão, foi utilizada em muitos momentos da narrativa e por isso torna-se pertinente analisa-la. Assim, em alguns momentos temos: "Bem no fundo do coração da

professora", "Bem no fundo do coração da mãe", "... de Luca", e do próprio Duda, entre outros. O narrador, onisciente, busca transcrever aquilo que se passa no intimo de seus personagens, relatando ser aquilo que se passa "bem no fundo de seus corações". A expressão "bem no fundo" também merece destaque nesta análise, uma vez que é interessante percebermos que o narrador deseja descrever aquilo que há de mais íntimo no ser humano, o que se passa bem no fundo de seu coração, e o faz não apenas em relação ao protagonista, mas a vários outros personagens.

Essas passagens do texto demonstram um forte teor confessional e intimista, nos quais os personagens querem incentivar o protagonista a buscar forças para aceitar sua orientação homoafetiva, assim como conviver com ela tranquilamente.

Ao longo da narrativa, conforme discutimos, encontraremos um fértil diálogo entre os textos, de diversos gêneros, sempre a enriquecer a narrativa e moldar o enredo. É interessante destacar que o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. É precisamente por isto que tem a capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento.

Assim entendidos os gêneros são formas flexíveis de funcionamento da língua e da(s) linguagem(ns) em práticas sociais situadas (Bakthin, 1992), isto é, que se dão em situações enunciativas concretas e especificas. A forma composicional e os estilos dos gêneros foram explorados como decorrentes dessa relação entre práticas sociais e situações particulares.

Percebemos, ao longo deste trabalho, que, quando novas práticas culturais são postas em uso, cria-se toda uma conjuntura de manutenção e responsabilidade. È necessário ter em mente que o fato de algo novo ser estabelecido e trazer consigo problemas aparentes, não é motivo para que retornemos à antiga forma, ao antigo modelo. O novo, neste caso, soa como uma conquista (e realmente o é) que deve ser vivida ao extremo.

Algumas Considerações Finais

Através da literatura, que amplia as possibilidades do mundo real e transforma anseios e desejos em realizações concretas, a vontade de negar uma auto-representação carregada de preconceitos e de pontos de vista pessimistas parece ser notório. Contudo, não é tarefa fácil atingir este objetivo, não é simples desfazer-se de um modelo que tem servido, durante séculos, de referência para homens construírem seus cotidianos. Reconsiderar questões e inserir no contexto social análises discursivas que não sejam pautadas unicamente por uma norma heterossexual e machista parece abrir espaço para novas conceituações. Os pressupostos sexuais e de gênero defendidos pelo modelo falocêntrico não se sustentam mais devido às profundas transformações vigentes no mundo contemporâneo, e revisar essas práticas sociais obsoletas e arruinadas em si mesmas é dever de todos os sujeitos, seres atuantes na sociedade, para que sejam fincadas as novas ideias acerca do comportamento masculino na atualidade.

Obras com a mesma temática das aqui analisadas seguem, muitas vezes, esquemas de escrita fundadas em apenas "publicar o que acreditam ser literatura". Ou seja, parece que a vontade do autor ou das editoras é o imperativo para que o texto venha a ser publicado, uma vez que em muitos desses textos esquecem-se da revisão editorial, linguística, as inadequações textuais e vocabulares dentro do próprio texto, cai-se muitas vezes nos lugares-comuns, nos clichês da linguagem. O querer e a vontade de "publicar" acabam por limitar os aspectos estéticos da obra, transformando o texto em um mero produto de mercado.

Os textos brasileiros de temática homoafetiva, principalmente os que não se preocupam com questões de ordem estética, são publicadas por questões sociológicas, culturais: o valor político, nesta perspectiva, desarma o valor estético porque, hoje, parece mais importante a visualização de um grupo identitário com desejos, costumes, aspectos psíquicos, modos de vida, formas diferentes de "narrar" o outro e a si, de se perceber e de se mostrar, de representar e de ser representado. O "slogan" que parece fazer funcionar esta lógica é publicar para que todos tomem consciência da representação gay na literatura e passem a entender esta parcela da população não pelos filtros jurídicos ou médico-legais (como até meados do século XIX), mas que possam visualizar o desejo e a subcultura gays como formas de vida já consolidadas socialmente ao ponto de culturalmente serem motivos de representação.

Segundo as palavras de Souza Júnior (2002), e corroborando com o pensamento de Hall (1997), a noção de "tolerância" há muito não satisfaz as discussões acerca das relações homoafetivas. Tolerar significar pôr-se em uma posição acima/superior de legitimidade, enquanto, os outros, a margem, deve ser tolerada. A norma existe e é dominante, os excêntricos apenas tolerados; assim, conforme o autor:

> "Para consolidar os estudos de Literatura e homoerotismo precisamos fazer melhor do que termos tolerância. Precisamos assegurar o terreno conquistado, sem cairmos nas teias privatizantes da pós-modernidade, que desinvestem de importância o espaço público e comum." (SOUZA JÚNIOR, 2002, p. 82).

Não creio nas utopias, mas na atividade diária da revisão de paradigmas possibilitada pela experiência humana. A oportunidade de, agora, pensar como a crítica literária pode promover diálogos sobre os direitos humanos no solo dos estudos gays e lésbicos é por demais necessária, bem vinda e, enfim, é a ousadia sonhada.

Uma das grandes preocupações e embates dos estudos sobre sexualidade sempre foi o de saber que conteúdos serem trabalhados nas escolas, levando em conta determinadas variáveis como: série e idade dos estudantes, para garantir desenvolvimento apropriado a seu nível de maturidade cognitiva e suas necessidades sociais sobre o tema. Em relação a isso constatamos uma multiplicidade de pontos de vista no meio educacional e acadêmico. Foucault (1997) afirma com bastante propriedade que nas relações humanas existe uma espécie de feixe de relações de poder, constituindo um campo extremamente complexo.

Lendo este processo por meio de Foucault, percebemos que as micro relações de poder encontradas na construção deste discurso heteronormativo pode estabelecer a necessidade de resistir e com isso negar que o poder até então exercido pela exclusão seja negado. Lutar contra esse poder é uma tarefa árdua, sobretudo é importante ressaltar que assim como ele vem se perpetuando sutilmente, uma das melhores formas também de combatê-lo no que diz respeito à marginalização de determinados grupos como os homoafetivos é (des)marginalizá-los.

Do que foi exposto até o momento, levantaram-se três questões: a) como o homoafetivo é apresentado nos romances juvenis aqui analisados, b) Como os narradores, que podem representar discursos de instituições socioculturais tratam o homoafetivo nessas narrativas?; c) Qual a importância dessas obras no contexto social?

No decorrer da pesquisa, constatamos que as obras analisadas apresentam a temática homoafetiva, e que os personagens diferentes sexualmente ainda são discriminado pelas diversas instituições socioculturais apresentadas pelos narradores, embora haja uma inversão dessa normalidade nas narrativas analisadas, uma vez que tradicionalmente tem-se que : o "bom" é o homoafetivo e o "ruim" são os outros e suas instituições socioculturais. O comum é tratar o sujeito excluído, no caso aqui o homoafetivo, como "coitado" e por tal bom, e aquele que o exclui por "ruim". Ou seja, o positivo é a integração entre gays e não gays, e o negativo é o rechaço, a agressão e a negação da diversidade.

A presença de discursos contra os comportamentos não heterossexuais dos personagens (machos), as características associadas à homossexualidade, os motivos pelos quais os protagonistas são discriminados, as violências sofridas por eles, enfim, são indícios da busca de uma (re)orientação para a identidade heterossexual, que, por sua vez, acabam confirmando tanto a presença da homoafetividade quanto uma nova referência entre o "bom" e o "ruim" das práticas discursivo-culturais abordadas nestas narrativas.

A discriminação no que diz respeito à orientação sexual diferente, principalmente nas obras *Diário de Rafinha, Menino ama menino* e em *Cartas Marcadas*, é explícita, através dos discursos dos pais dos personagens nas duas primeiras que deixam claro não "quererem" um filho "assim". Na obra *O amor não escolhe sexo*, apesar de o protagonista não sofrer a discriminação diretamente, ele também acaba sendo vítima desta, já que acaba se afastando da escola e de seus amigos, depois da briga com os colegas de turma.

Todo o conflito sofrido pelos protagonistas só acontece porque os outros personagens, e até eles próprios, entendem seus comportamentos como "anormais", desviantes, e próximos da homossexualidade, justamente por não se comportarem dentro dos padrões considerados "normais". Assim sendo, os motivos que fazem com que os protagonistas sejam discriminados estão ligados à questão da orientação sobre a sexualidade.

Marcos Aurélio, Duda, Rafael e Toni são vítimas de uma cultura heterossexual em que as instituições socioculturais como a família, a escola, presentes nas narrativas, influenciam na construção de suas identidades, assim como na perpetuação de estereótipos negativos relacionados às formas de viver a sexualidade, o que percebemos

na reação dos colegas, dos familiares, dos professores, dos personagens, como revelaram diversos trechos das narrativas analisadas.

Percebemos que nas obras a abordagem da temática está sempre voltada para aceitação do diferente sexual enquanto personagem merecedor de respeito, carinho e compreensão do outro. A maneira como a diferença sexual é abordada nestas narrativas, destinadas ao público infanto-juvenil, só pode estar realmente mais próxima do termo homoafetividade, já que as três estão centradas especificamente nas relações entre os indivíduos sociais e suas instituições com os indivíduos homoafetivos.

O desejo dos protagonistas é apenas viver a sua "diferença" sem conflitos. É entender que a orientação homo não foi uma escolha deles, e que eles se sentem bem vivendo suas diferenças. As relações sociais e pessoais vivenciadas por eles, mesmo que rodeadas de fatores negativos, contribuem tanto para abrir discussões sobre essas relações quanto perceber o indivíduo homoafetivo em uma outra perspectiva que não seja a da doença, da anomalia, da perversão, do distúrbio.

Um outro aspecto relevante e recorrente em todas as obras é que praticamente todos os personagens, com a exceção de um – apenas Duda de *Cartas marcadas* – estão no limiar entre vida e morte, e é sempre após esse evento que suas vidas ganham um caráter de libertação, de mudança, de passagem para o novo. Ocorre com Marcos Aurélio que sofre um acidente de moto e fica gravemente ferido, e daí resolve assumir definitivamente seu sentimento para com Cristiano. Em *Diário de Rafinha*, por sua vez, o personagem acaba se lançando em um precipício como única alternativa para sua liberdade e a vivencia de seu sentimento amoroso. E, por fim, em *Menino ama menino*, o personagem Toni quase morre afogado em uma cachoeira, o que faz seu pai pensar veementemente em aceita-lo como "ele é", ou seja, aceitar a sua afetividade apenas por receio de perder seu filho.

Tal característica nos faz questionar as razões que poderiam ter movido os autores a escolherem estes eventos como clímax de seus enredos, seria uma visão pessimistas ou moralista das relações homoafetivas em nome de uma certa moral? Moral essa inerente ao próprio gênero literário infanto-juvenil? Seria uma tentativa de conter a transgressão causada pelos personagens? Acreditamos que não.

Quando se falava em literatura homoafetiva, tudo girava em torno de uma imagem negativa. Mas, muitas transformações ocorreram. Nossa abordagem mostra personagens que não vivem em guetos, isolados e perseguidos. São pessoas como as

demais, com suas dúvidas e anseios - principalmente por se tratarem de adolescentes. A naturalidade faz com que os estigmas caiam por terra.

Ainda acerca das particularidades das obras aqui analisadas, temos a discussão dos diversos gêneros textuais que surgem nas narrativas dando a essas uma maior riqueza estilística. São em especial três gêneros: cartas, bilhetes e diário, sendo o gênero diário, em particular, um configurador, nestas obras, da linguagem em uso dos adolescentes por trazer a tona a sustentabilidade, as visões de si dos personagens que rememoram, pelo registro, seus pensamentos, seus afetos, suas visões de si e do mundo, uma vez, conforme discutimos, ser inerente a este texto, o seu caráter confessional, autobiográfico, e de certa forma livre, por mais que se trate de um diário de ficção.

A literatura infanto-juvenil quando aborda a temática homoafetiva ajuda a (re)construir o olhar marginalizado que o diferente sexual adquiriu histórica e culturalmente, que o exclui do meio social. Sabemos que as crianças não são discriminadoras, inicialmente, mas vão assimilando esse comportamento a partir da convivência em uma sociedade predominantemente machista, falocêntrica, cristã e homofóbica. Assim o acesso a essas obras dá a possibilidade de perceber a homossexualidade por um outro ângulo: o da homoafetividade.

A relação social entre heterossexuais e homoafetivos vai ser “positiva” ou “negativa”, dependendo das referências que o indivíduo tem ou teve com relação ao “diferente” sexual. Aparentemente, nesse contexto, nada parece ser mais sutil do que a literatura, principalmente a infantil, para cumprir com esse papel de percepção e aceitação do “diferente” sexual no imaginário da criança. É através de narrativas que tratam do homoafetivo com um olhar mais humano, estimulado desde a infância, que, aos poucos, num futuro talvez não muito distante, esse olhar realmente contagie e se espalhe pela sociedade.

O interesse pelas relações homoafetivas vem aumentando significativamente no decorrer dos últimos anos. A discussão que se seguiu a cada apresentação, feita pelos narradores, mostrou, por um lado, um grande interesse e envolvimento com a questão da homossexualidade, mas, por outro, ainda um grande desconhecimento sobre esse mundo "tão diferente", desconhecimento por, em certos momentos, repetir estereótipos negativos. Alguns questionamentos se fizeram presentes em praticamente todas as obras. Assim, as questões mais levantadas nas diversas apresentações foram: A homossexualidade é uma opção, uma escolha, ou se refere à orientação sexual? Como

as famílias reagem atualmente quando um filho ou filha se declara interessado em alguém do mesmo sexo: existe aceitação? Não existe? Alguns grupos de adolescentes, supostamente heterossexuais (especialmente garotas) vêm desenvolvendo o hábito de beijar suas amigas na boca e eventualmente "ficam" com elas; determinaria isso uma inclinação homossexual?

Questionamentos esses que não nos cabe aqui responde-los, nem teríamos como, mediante a complexidade com que se configuram. São mais incitadores de novos estudos, novas possibilidades que se vislumbram quando nos referimos a este tema tão relevante e atual, conforme discutimos ao longo deste trabalho.

Para concluir, podemos afirmar que é a literatura, mas especificamente a juvenil — em articulação com os estudos culturais e de gênero e demais áreas afins que lidam com a humanidade e sua(s) sexualidade(s) — um dos melhores meios de representação da identidade homoafetiva por conseguir enxergar as experiências culturais como uma transversalidade de práticas e enunciados que permitem a construção de novos parâmetros de análise nos quais o homoeorotismo seja percebido como uma complexidade conceitual sem que ninguém o exclua; um universo em que os discursos são (re)inventados o tempo todo, refletindo-se nas produções estéticas, literárias, poéticas. Enfim, um espaço multifacetado, híbrido, mutável, afetivo, fluído e extremamente homoerótico e original, onde os estudos culturais encontram um sem-fim de possibilidades para um mergulho possível e, arriscamos dizer, necessário.

Acredito ser fundamental que tenhamos abertura e discernimento quando tratamos de indivíduos de grupos ainda minoritários. A informação e a vivência são nossos maiores aliados. Apenas o relacionamento com o "diferente" nos faz perceber o quanto somos iguais. Nem meu amigo, nem meu irmão não se transformam em outra pessoa porque descubro seu interesse por alguém do mesmo gênero. É possível deixar de amar um filho ou uma filha, apenas porque ele se revela diferente de mim em sua orientação sexual? Acredito que não. É preciso reconhecer e respeitar o outro, o “diferente”, ou qualquer outro tipo que foge dos padrões considerados “normais” independentemente, por exemplo, de sua escolha sexual.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão.* Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. (Coleção Em Questão)

_____. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. *Caderno Seminal*. Rio de Janeiro, ano 7, nº 8, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2003.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1997.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação*

sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: uma introdução a topoanálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CABANÃS, Tereza. *A poética da inversão*: representação e simulacro na poesia concreta. Goiânia: Editora UFG, 2000.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*... [et al]. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção Debates)

_____. *Literatura e Sociedade*: estudos da teoria e história literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CAMPOS, Bruno Rodrigues. "Sitiados" em Bernardo Carvalho. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. (org.) *Literatura contemporânea e homoafetividade*. Joao Pessoa: Realize Editora; Editora da UFPB, 2011, p. 89-102.

CARNEIRO, Flávio. *No país do presente. Ficção brasileira no inicio do século XXI.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*: das origens Indoeuropéias ao Brasil contemporâneo. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1985.

CONPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

CUNHA, Helena Parente. *Cânone:* dúvidas e ambiguidades. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 241-249, 2º sem., 2006.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS)

_____. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Graal, 1988, 2. ed., 2006.

DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2006.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procópio Abreu; editor José Nazar. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente*. A temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus Editoria, 2009.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque & PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. *A literatura infanto-juvenil de temática homoerótica e o Currículo Multiculturalista*. In: *Anais* do II Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, 21 a 23de maio de 2008. Campina Grande: Bagagem Editora, 2008a. CD-ROM.

_____ As relações de gênero: Sexualidade no plural, o direito à diferença. In: *Anais* da X Semana de Pedagogia, 26 a 30 de maio de 2008. Campina Grande: Realize Editora, 2008b. CD-ROM.

FERREIRA JUNIOR, Nelson Eliezer. *Caio Fernando Abreu:* A identidade (re)construída para além do arco-íris. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2005.

FOUCALT, Michel. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuqueque. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *História da Sexualidade 2:o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuqueque. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a.

_____. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuqueque. 9. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

GARCIA, Wilton. *A forma estranha*: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Edições Pulsar, 2000. (Coleção outras palavras, outras linguagens)

GARCÍA, Paulo César. Os outros leitores: Rastros de leituras em cenas de gênero e diversidade sexual na literatura. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (org.) *Literatura contemporânea e homoafetividade*. Joao Pessoa: Realize Editora; Editora da UFPB, 2011, p. 45-64.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (Biblioteca básica)

GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero. In: LOPES, Denílson et.al. (orgs.) *Imagem e diversidade sexual* – estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004, p. 42-48.

GODINHO, Marilene. *Menino ama menino***.** Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Ed., 1997.

KAISER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária* (Introdução a análise da literatura) 7. ed. Coimbra: Armélio Amado Editora, 1985.

LUGARINHO, Mário Cesar. Nasce a literatura gay no Brasil. In: SILVA, A. P. D (Org.). *Aspectos da literatura gay.* Joao Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 09-24.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho* – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Denílson. Uma história brasileira. In: *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível.* Trad. de Albert Chistophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária:* enunciação, escritor, sociedade. Trad. Marina Appenzeller; revisão da tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Leitura e Crítica)

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÌSIO, A. et. al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercardo Aberto, 1987.

MOTT, Luiz; ASSUNÇÃO, Aroldo. Gilete na carne: Etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. In.: Temas IMESC (Instituto de Medicina Social e de Criminologia) – Sociedade, direito e saúde. São Paulo: 1987, p. 41-56.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. *CAUSA MORTIS: HOMOFOBIA* - Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil, 2000. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2001.

NAPHY, William. *Born to be gay*. *História da homossexualidade*. Trad. de James Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

NETO, Antonio Gil e GARCIA, Edson Gabriel. *Cartas Marcadas* - Uma historia de amor entre iguais. São Paulo: Cortez, 2007.

NICOLELIS, Giselda Laporta. *O amor não escolhe sexo*. São Paulo: Moderna, 1997.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade*: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PINTO, Kyssia Rafaela Almeida Pinto. Aspectos da personagem gay na literatura para crianças. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008a, p. 135-159.

_____, O amor não escolhe sexo: um romance juvenil de temática homoerótica. In: *Anais* do II Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino, 21 a 23 de maio de 2008. Campina Grande: Bagagem Editora, 2008b. CD-ROM.

PICAZIO, Cláudio. *Diferentes desejos*: adolescentes homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus, 1998.

ROMERO, Abelardo. *Origem da imoralidade no Brasil*. História da Formação do Caráter Nacional. Rio de Janeiro: Conquista, 1967: (Coleção Terra dos Papagaios)

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A temática homoerótica na literatura infanto-juvenil. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. (Orgs.) *Do imaginário as representações na literatura.* São Cristóvão: Editora UFS, 2007, p. 145-157.

_____ . Considerações sobre uma literatura gay. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; ALMEIDA, Maria de Lourdes Leandro; ARANHA, Simone Dália Gusmão (orgs.). *Literatura e Linguística* – teoria, análise e prática. João Pessoa: Editora da UFPB, 2007a, p. 29-40.

_____ . Literatura de expressão gay: um novo gênero ficcional ou abertura para um velho tema? In: I Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diversidade cultural, linguagens e identidades... *Anais.* Recife: Elógica Editora, 2007b, p. 113-126.

_____ . *Sexualidade, identidade e gênero em debate*. In: Antônio de Pádua Dias da. (Org.) Olinda: Livro Rápido, 2009a.

_____. Quando a questão estética entra em cena: considerações teóricas sobre a literatura brasileira de temática homoerótica. In: ___ e CAMARGO, F. (orgs) *Configurações homoeróticas na literatura*. São Carlos: Claraluz, 2009b.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade:* uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. *Literatura e Homoerotismo:* uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002.

TOURAINE, Alain. *O mundo das mulheres*. Trad. de Francisco Morás. 2. ed. revista Petrópolis: Vozes, 2010.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.